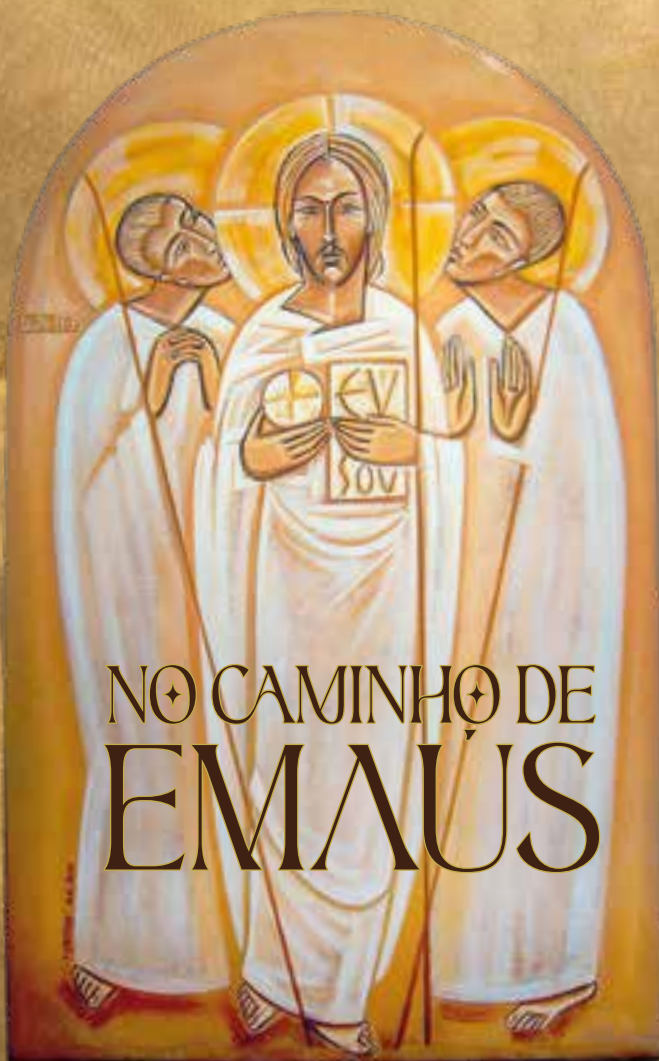


EQUIPES DE NOSSA SENHORA  
Equipe Responsável Internacional



# NO CAMINHO DE EMAUUS

"Não estava ardendo o nosso coração  
quando ele nos falava pelo caminho?"

Lc 24, 32

Super-Região Brasil 2025



**EQUIPES DE NOSSA SENHORA**  
**Equipe Responsável Internacional**

---

# NO CAMINHO DE EMAÚS

“Não estava ardendo o nosso coração  
quando ele nos falava pelo caminho?”

Lc 24, 32

**Super-Região Brasil – 2025**

Imagem de Capa<sup>1</sup>

## *Cláudio Pastro* (1948-2016)<sup>2</sup>

"Os Discípulos de Emaús" (afresco 2,50X1,70m - 1997)

Convento Maria Imaculada das Irmãs Franciscanas  
de Bonlanden - Itapeperica da Serra/SP\*

Artista brasileiro, paulistano, Pastro dedicou-se à pintura exclusivamente sacra por 40 anos. De família e formação católica, teve muitos encontros decisivos em sua vida que o influenciaram como artista essencialmente cristão. Tinha como primícia o rigor em buscar as origens e tradições do povo brasileiro.

Ao longo de sua vida construiu uma obra extensa e rica, tendo como alicerces principais a arte e a fé cristã. Aprimorou-se na arte sacra, como estudante em cursos de Teologia e em técnicas artísticas na Abadia de Notre Dame de Tournay (França), no Museu de Arte Sacra da Catalunha (Espanha), na Academia de Belas Artes de Lorenzo de Viterno (Itália) e na Abadia Beneditina de Tepevac (México). Em São Paulo estudou também no Liceu de Artes e Ofícios. Mas foi no convívio com o mundo beneditino que Cláudio Pastro forjou sua personalidade artística consolidando-se pela vivência nos mosteiros beneditinos da Anunciação e do Encontro em Curitiba e de Nossa Senhora da Paz em Itapeperica da Serra/SP. Cláudio se considerava fruto do Concílio Ecumênico Vaticano II que trouxe novos ares à Igreja, tendo como lema "Uma Volta às Fontes".

Em seus livros publicados, buscou aprimorar temas que trouxeram à tona os conceitos de imagem como espaço sagrado e sobretudo a arte com toda sua beleza em consonância com os documentos do Concílio Vaticano II.

Em 2001, a convite de Dom Aloisio Lorscheider foi oficializado como o único artista a dar andamento às obras internas de pinturas e afrescos da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo. Por causa deste trabalho é considerado o "Michelangelo" brasileiro.

---

1. Imagem gentilmente cedida pelo Mosteiro N. S. da Paz para uso exclusivo nesta publicação.

2. Fonte: [claudiopastro.com.br/o-artista](http://claudiopastro.com.br/o-artista)

**EQUIPES DE NOSSA SENHORA**  
**Equipe Responsável Internacional**

---

# No Caminho de Emaús

**Tema de Estudo 2025**



Equipes de Nossa Senhora

## **Responsabilidade**

Equipe da Super-Região

Av. Paulista, 352, 3º andar, cj. 36

01310-905 - São Paulo-SP

Fones: 11 3256-1212 • 3257-3599

[www.ens.org.br](http://www.ens.org.br) [secretariado@ens.org.br](mailto:secretariado@ens.org.br)

## **Coordenação Geral**

Equipe da Super-Região Brasil

## **Elaboração de Conteúdo**

Região Líbano

## **Revisão de Conteúdo**

Abade Dom João Evangelista Kovas

Padre José Adalberto Vanzella

Padre Paulo Henrique da Silva

Rose e Rubens

## **Direção de Arte**

Maria Alice e Ivahy Barcellos

## **Revisão de Texto**

Jussara Lopes

## **Projeto Gráfico, Diagramação e Tratamento de Imagens**

Douglas D. Rejowski

## **Edição e Produção**

Nova Bandeira Produções Editoriais

[novabandeira@novabandeira.com](mailto:novabandeira@novabandeira.com)

# Sumário

<b>Imagem de Capa</b> .....	2
<b>Apresentação</b> .....	7
<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulos e Objetivos</b> .....	14
<b>Palavra de Deus</b> Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (24, 13-35) .....	16
<b>Espiritualidade e Arte</b> Uma dimensão humana que habita em todos nós.....	18
<b>Primeiro Capítulo</b> Corações partidos .....	22
<b>Segundo Capítulo</b> No coração da história .....	38
<b>Terceiro Capítulo</b> Corações interpelados .....	54
<b>Quarto Capítulo</b> Corações confusos/incertos .....	68
<b>Quinto Capítulo</b> Corações abertos à Palavra de Deus.....	84
<b>Sexto Capítulo</b> Corações ardentes .....	102
<b>Sétimo Capítulo</b> Acolher o pão partido .....	120
<b>Oitavo Capítulo</b> No coração das nossas equipes, no coração da Igreja.....	134
<b>Nono Capítulo</b> Reunião de Balanço.....	148
<b>No Caminho de Emaús um Casal!</b> .....	154



# Apresentação

Querida família das Equipes de Nossa Senhora,

Quando este tema de estudo chegar em suas mãos e vocês começarem a lê-lo durante o ano que se inicia, o XIII Encontro Internacional do nosso Movimento já terá terminado e a transferência de responsabilidade da Equipe Responsável Internacional (ERI) e do Casal Responsável Internacional com aqueles que nos sucederão, nossos queridos amigos Mercedes Gómez-Ferrer e Alberto Pérez Bueno, já terá acontecido.

A preparação de um tema de estudo na transição de duas equipes responsáveis internacionais é uma tarefa complexa, pois, quando começamos a escrevê-lo, as novas orientações de vida que foram comunicadas ao Movimento no final do Encontro de Turim ainda não foram estabelecidas e a nova Equipe Responsável Internacional ainda não foi formada, sendo necessário que o tema seja desenvolvido sob a responsabilidade da ERI antes da transição.

Quanto à elaboração deste tema de estudo, devemos dizer que, embora se trate de um trabalho apoiado por toda a ERI, que participou das suas revisões iterativas, a direção de sua coordenação foi assegurada por Mercedes e Alberto com a ajuda da equipe de redação; redação confiada, nesta ocasião, à Região Líbano, e em particular a Georgina e Youssef Elias Boutros que foram os interlocutores permanentes entre a equipe de redação e a ERI. Gostaríamos de expressar-lhes a nossa gratidão pelo trabalho que realizaram em circunstâncias tão difíceis.

Devemos nos deter aqui para partilhar convosco, como família, as grandes dificuldades que encontramos na elaboração deste tema, que infelizmente foi afetada e retardada pela morte do Padre Joseph Abdul Sater O.A.M., que dirigia a equipe de redação e pôde participar da redação da introdução do tema e dos rascunhos de trabalho dos primeiros capítulos. Gostaríamos de expressar ao Padre Abdul, na comunhão dos santos, os sentimentos de

carinho e dor que nos invadem pela sua partida prematura, certos de que continua intercedendo e acompanhando as ENS, sobretudo a Região Líbano, nesse caminho que ajudou a construir com tanto amor e dedicação.

Quanto ao tema de estudo de 2019, intitulado “Reconciliação, Sinal de Amor”, ele fez eco ao Encontro Internacional de Fátima, com o mesmo lema, e a ERI então decidiu conceber o tema de estudo de 2025 com o título “No Caminho de Emaús”, como extensão e eco ao Encontro Internacional de Turim. Tendo como pano de fundo a passagem dos discípulos de Emaús, vivemos uma experiência de encontro e de reflexão sobre o significado profundo da Eucaristia como centro e ápice da vida cristã.

Desde o início da sua vida pública, Jesus preocupou-se em criar um sentido de comunidade entre aqueles que aceitavam os seus ensinamentos e em criar um espírito de comunhão com todos os que decidissem segui-Lo incondicionalmente. Na história dos discípulos de Emaús, Cléofas e seu companheiro de viagem representam de alguma forma a nossa vida, minha esposa e eu, que, com os corações ardentes, vivenciamos o encontro com outro coração, cheio de misericórdia, que quer se fundir nos corações desses discípulos desconcertados. Este é o coração do próprio Jesus Cristo Ressuscitado.

O coração “ardente” dos discípulos de Emaús transforma-se no encontro com o Jesus Cristo Ressuscitado. A princípio, estas “chamas” têm um sentido de inquietação, preocupação, alarme, mas, gradualmente, à medida do encontro com este viajante solitário, que quis juntar-se ao caminho destes discípulos, o nosso próprio caminho continua e a sua presença real se revela: também nós somos transformados em ardor, em esperança, em fogo interior. Uma emoção incontrolável impele-nos a não perder a comunhão com a comunidade dos discípulos, mas, pelo contrário, a promovê-la, anunciando que Jesus Cristo é o vencedor da morte e que todas as nossas esperanças e todos os nossos desejos têm e adquirem o seu pleno significado. Pois, como disse o apóstolo Paulo, “se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vã, e a vossa fé também é vã” (1 Cor 15, 14).

Para aqueles entre nós que participamos do recente Encontro Internacional de Turim e para aqueles que nos acompanharam com as suas orações a partir de suas casas, a leitura deste tema nos permitirá viver de forma encarnada a experiência do encontro que dá sentido à nossa fé, sem escapar das dores dos corações feridos pelas duras realidades, no meio das alegrias que acompanham também a nossa vida e que se curam com a aquisição de outra leitura, desde que nos conectemos à sagrada presença do Ressuscitado.

No final do livro, contando com a “cumplicidade” e o esforço das Super-Regiões, que tiveram que adiar a edição final do tema de estudo para depois do Encontro, quisemos incluir os textos das belas e profundas reflexões diárias que a professora Marina Marcolini fez no início de cada dia do Encontro Internacional em Turim. Serão, sem dúvida, um valioso complemento ao tema e um presente para ajudar a despertar e alimentar o fogo interior que esta experiência de encontro e reconhecimento desperta.

Como no lema e no envio do Encontro de Turim, esperamos que, na comunhão dos cônjuges, dos casais, da equipe e de todo o Movimento, a leitura deste tema e a sua interiorização permitam que os seus corações ardam com o mesmo amor daquele que é a expressão máxima do amor, nosso Senhor Jesus Cristo.

Peçamos à nossa Mãe Celeste, como exemplo e guia para nos aproximar do seu Filho, que nos acompanhe e nos ilumine nesta nova etapa do caminho que vamos percorrer ao longo deste ano de 2025. Seu irmão e irmã em Cristo,

*Clarita e Edgardo Bernal  
Casal Responsável ERI 2018-2024*



# Introdução

Caros membros das Equipes de Nossa Senhora,

É com profunda alegria que hoje convido vocês a explorar juntos o tema particularmente inspirador dos discípulos de Emaús. Esse relato bíblico do Novo Testamento (Lc 24, 13-35) nos oferece uma rica perspectiva sobre o encontro transformador com o Cristo Ressuscitado que muda as nossas vidas e uma fonte inestimável de reflexão e ensinamentos que ressoam poderosamente com as aspirações espirituais e conjugais que animam nossa jornada dentro das Equipes de Nossa Senhora.

Durante a nossa reflexão sobre este tema, somos chamados a meditar sobre o significado desse encontro no caminho de Emaús e a explorar os paralelos entre o percurso dos discípulos de Emaús e o nosso próprio percurso no seio das Equipes de Nossa Senhora.

Como os discípulos de Emaús reconheceram o Cristo Ressuscitado na partilha da Palavra e na fração do pão? Como podemos nós, como esses discípulos, abrir os nossos corações à presença de Cristo nas nossas vidas e nas nossas relações conjugais em particular? Como podemos reconhecer Cristo nos nossos momentos de dúvida e consternação? Como podemos reconhecer a Sua presença nas nossas partilhas, nas nossas orações e nos nossos momentos de comunhão nas nossas equipes e nos nossos lares? Como podemos deixar-nos guiar pela luz da fé, mesmo quando as trevas e os tormentos ameaçam nos envolver e nos sufocar?

Este encontro entre os discípulos e o Cristo Ressuscitado convida-nos a refletir sobre a forma como percebemos a presença do divino nas nossas vidas e nas nossas relações conjugais.

Juntos, mergulhemos nas profundezas dessa história bíblica e nos inspiremos na forma como os discípulos de Emaús

viveram o encontro transformador com Cristo, verdadeiro companheiro da nossa caminhada no caminho da vida.

Os discípulos de Emaús, sem dúvida marcados pela crucificação de Jesus e mergulhados no desânimo, embarcam numa viagem que se tornará uma das histórias mais edificantes do Evangelho. Eles são acompanhados, sem saber, pelo próprio Cristo Ressuscitado. Essa jornada simboliza a nossa própria jornada espiritual, muitas vezes repleta de incertezas, dúvidas e questionamentos.

A sua história, embora datada da Antiguidade, ressoa com uma atualidade surpreendente nas nossas vidas e nos nossos lares. A sua jornada, imbuída de uma profunda busca de significado e salpicada de interrogações e medos, representa uma metáfora poderosa da nossa própria jornada espiritual.

Nas Equipes de Nossa Senhora, somos companheiros de viagem, peregrinos no caminho da fé e do amor, procurando reconhecer a presença do Cristo Ressuscitado nas nossas vidas e nas nossas relações.

Os discípulos de Emaús nos ensinam que, mesmo nos momentos em que nos sentimos perdidos ou desanimados, a presença do Cristo Ressuscitado permanece constante e transforma as nossas vidas.

No centro da nossa abordagem dentro das Equipes de Nossa Senhora está o desejo de fortalecer os nossos laços com Cristo e com os nossos cônjuges, de caminhar juntos rumo a uma compreensão mais profunda da nossa fé e a uma maior comunhão com Cristo e entre nós, fortalecendo assim a sagrada missão que é nossa.

Essa reflexão sobre os discípulos de Emaús nos inspira a acolher Cristo Ressuscitado na nossa vida quotidiana e a partilhar a sua luz com os nossos cônjuges nas nossas equipes. Ensina-nos a caminhar com confiança no caminho traçado por Cristo Ressuscitado, nosso guia e nosso fiel companheiro.

Que Cristo Ressuscitado nos acompanhe ao longo desta viagem espiritual, iluminando o nosso caminho e fortalecendo

os nossos laços fraternos no seio das Equipes de Nossa Senhora, para que, através de uma melhor compreensão do papel essencial que a fé desempenha na nossa vida conjugal e familiar, façamos dos nossos encontros momentos de partilha e oração que transformam as nossas vidas, despertam os nossos corações e renovam o nosso compromisso com os valores que animam as Equipes de Nossa Senhora e fortalecem os alicerces das nossas famílias.

Que nós, como os discípulos de Emaús que percorrem o caminho de uma vida marcada por desilusões, dúvidas e momentos de confusão, sejamos testemunhas deste encontro extraordinário que transforma o nosso desalento numa experiência de profunda intimidade com o Cristo Ressuscitado e sintamos o calor da sua presença em nossa caminhada comum.

Por fim, rezamos ao Senhor para que a nossa pertença à família das ENS, imitando este ano em particular os discípulos de Emaús, nos guie para o objetivo último do nosso caminho juntos, que termina com uma transformação coletiva numa “Igreja em saída”, uma Igreja que coloca os consagrados e os leigos na linha da frente, no centro da ação, e que responde ao apelo do Papa Francisco a todos os cristãos, para caminhar em direção a um novo impulso missionário para identificar novas periferias existenciais com vista à evangelização.

*Padre Joseph Abdul Sater*

# Capítulos e Objetivos

Capítulos	Objetivos	Texto bíblico
<b>Primeiro Capítulo:</b> Corações partidos	Aprofundar o significado da decepção no nosso caminho de fé como cristãos, explorar a passagem para a esperança e perceber a importância de caminharmos juntos como meio para nos apoiar.	(Lc 24, 13-14)
<b>Segundo Capítulo:</b> No coração da história	Descobrir um Deus que não habita os céus, um Deus que se fez carne, que traça os nossos caminhos, que entra na nossa história sem se impor, mas com delicadeza para nos revelar o seu rosto amoroso, o seu rosto de Pai.	(Lc 24, 15-16)
<b>Terceiro Capítulo:</b> Corações interpelados	Descobrir a ternura de um Deus que se inclina para nos interpelar e que é apaixonado por nós ouvir. Nossas experiências de derrota, de sofrimento são tão preciosas para Ele, que Ele está pronto a se esvaziar para recebê-las, contê-las e transformá-las em experiências de vida.	(Lc 24, 17-18)
<b>Quarto Capítulo:</b> Corações confusos/ incertos	Explorar a incerteza e a confusão no nosso caminho de fé, na oração, na nossa relação com Deus e descobrir um caminho de abertura à sua presença misteriosa no coração das nossas vidas.	(Lc 24, 19-24)

Capítulos	Objetivos	Texto bíblico
<b>Quinto Capítulo:</b> Corações abertos à Palavra de Deus	Descobrir um Deus que se revela através das Escrituras. Somos encorajados a nos empenhar na escuta da sua Palavra que nos ajuda a conhecê-Lo na sua verdade e na sua essência que é o Amor.	(Lc 24, 25-27)
<b>Sexto Capítulo:</b> Corações ardentes	Caminhar juntos ao encontro de um Deus que aguarda nosso convite para entrar e ficar conosco, durante a noite, numa intimidade incomparável.	(Lc 24, 28-29)
<b>Sétimo Capítulo:</b> Acolher o pão partido	Descobrir que o ápice de nossa caminhada espiritual, individual e de casal, está no encontro com Deus e na união com Ele no mistério da Eucaristia.	(Lc 24, 30-32)
<b>Oitavo Capítulo:</b> No coração das nossas equipes, no coração da Igreja.	Descobrir a alegria de caminhar juntos em nossas equipes, como discípulos, e nos ver transformados em missionários do Amor no coração da nossa Igreja.	(Lc 24, 33-35)
<b>Nono Capítulo:</b> Reunião de Balanço	Rever todo o percurso pessoal, em casal e em equipe.	(Lc 24, 13-35)

# Palavra de Deus

## *Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (24, 13-35)*

<sup>13</sup>Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, a uns dez quilômetros de Jerusalém. <sup>14</sup>Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. <sup>15</sup>Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. <sup>16</sup>Os seus olhos, porém, estavam como vendados, incapazes de reconhecer-lo. <sup>17</sup>Então Jesus perguntou: “O que andais conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste, <sup>18</sup>e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: “És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes dias?” <sup>19</sup>Ele perguntou: “Que foi?” Eles responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. <sup>20</sup>Os sumos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. <sup>21</sup>Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! <sup>22</sup>É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos assustaram. Elas foram de madrugada ao túmulo <sup>23</sup>e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que ele está vivo. <sup>24</sup>Alguns dos

nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém viu”.<sup>25</sup>Então ele lhes disse: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram!<sup>26</sup>Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória?”<sup>27</sup>E, começando por Moisés e passando por todos os profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, as passagens que se referiam a ele.<sup>28</sup>Quando chegaram perto do povoado para onde iam, ele fez de conta que ia adiante.<sup>29</sup>Eles, porém, insistiram: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Ele entrou para ficar com eles.<sup>30</sup>Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles.<sup>31</sup>Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles.<sup>32</sup>Então um disse ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”<sup>33</sup>Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros discípulos.<sup>34</sup>E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!”<sup>35</sup>Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

# Espiritualidade e Arte

*Uma dimensão humana que  
habita em todos nós...*

Somos, naturalmente, corporal e espiritual, nossos caminhos são de crescimento e transformação, e em todos os momentos em que estamos no mundo do amor, da compreensão, do cuidado e da presença na vida de outro ser humano, estamos no mundo da espiritualidade.

Tudo está interligado, são inúmeros os pontos de onde partem as muitas linhas que tecem a grande teia de nossas vidas. Entretanto, nossa fé por vezes se apresenta frágil em meio a crises e dificuldades, tal como os dois peregrinos em Emaús. Mas qual é a nossa missão? O que nos é pedido nesse caminho cristão? Somos capazes de ver através dos olhos da fé o Cristo que habita no meu esposo(a).

O sentido está em mudar nossos pensamentos e atitudes na certeza de um comprometimento entre nós, casal, família e sociedade, numa trajetória, buscando um caminhar juntos com Deus e rogando a Ele nos acompanhar pelo Caminho de Emaús. Há, entretanto, uma relação entre arte e espiritualidade que por vezes passa despercebida por nós e que é similar ao nosso esforço de ir além, de superar, e até mesmo ultrapassar a nossa capacidade de entendimento dos nossos sentimentos. Expressões artísticas visuais, sonoras e até performáticas nos ajudam a melhor entender os elementos simbólicos nelas existentes que unem e nos religam às nossas origens divinas. As imagens têm papel especial no estímulo de nossas emoções. Elas atraem o olhar, despertam os sentidos e nos induzem ao pensamento mais integrado e ligado às nossas vivências do dia a dia. A arte religiosa – por exemplo, uma pintura ou uma escultura – que retrata a inspiração e a devoção de um artista apresenta, muitas vezes, pelo caminho da beleza, uma fonte de fé e reflexão teológica.

O texto abaixo, extraído do site de Turim, por ocasião do XIII Encontro Internacional das ENS, exalta com vigor a “beleza das artes” para demonstrar através de imagens a fé e a religiosidade contidas na Palavra de Deus:



### Caminhadas espirituais na arte: os discípulos de Emaús

...“O trabalho artístico completa, em certo sentido, a beleza da criação e, quando é inspirado pela fé, revela mais claramente aos homens o amor divino que está na sua origem”.

“Agradeço-vos pelo trabalho que fazéis, pela alegria que dais ao mundo com as vossas obras, e encorajo-vos, mais uma vez, a continuar o vosso serviço com amor e competência, porque o mundo precisa de beleza, mais do que nunca” (*Saudação do Papa Francisco aos membros da Associação Diaconie de la Beauté, por ocasião do 10º aniversário da sua fundação em 2/2024*).

Para nos prepararmos para o Encontro de Turim, pedimos a alguns amigos, professores, padres, teólogos, equipistas, que comentassem sobre obras de arte que narram o encontro dos dois discípulos de Emaús com Jesus. Uma das potencialidades das obras de arte é a de “representar o invisível que está no visível” (Miró): o sentido profundo da vida contado através de formas, cores, sinais, ultrapassando as barreiras da língua, do espaço e do tempo. A Igreja precisa de beleza e de arte para continuar a narrar e a ver Deus em tudo...

Sentimo-nos agradecidos e realizados por mais este ano em contribuir na seleção e escolha das imagens que compõem os capítulos desta edição que virão a seguir como pano de fundo no estudo do tema 2025.

Aproveitem!

Maria Alice e Ivahy Barcellos  
ENS de Todos os Dias - SP CAP II Província Sul I  
Nova Bandeira Editora

## *Janet Brooks Gerloff* (1947-2008)



*O Caminho para Emaús*

Abadia Beneditina de Aachen – Alemanha

Nascida em Sterling, Kansas, EUA, foi artista plástica dedicada à pintura. Estudou na Universidade do Norte do Colorado e exercia sua profissão como professora de artes. Durante sua formação recebeu impulsos artísticos de personalidades das artes como Joe Hutchinson, Texas, Pawel Kontry, Denver e Oskar Koller, Nuremberg, que muito contribuíram para a definição de seu estilo artístico. A partir de 1972 mudou-se definitivamente para a Alemanha, onde veio a se casar com um médico e com que teve três filhos.

Até 2003 ela viveu e trabalhou em seu estúdio em Aachen-Brand. Neste mesmo ano mudou-se para um novo estúdio na Abadia Beneditina em Kornelimünster. Criou muitas séries de pinturas baseadas em obras da literatura, sendo as mais notáveis: *Winterreise*, 1999, e a série *Attila József*, 2005. Ela é conhecida também na pintura de retratos de personalidades famosas, como: Hilde Domin, Marcel Marceau e Helmut Schmidt. Suas obras sempre foram exibidas nas principais exposições da Alemanha e também internacionais. Janet criou muitos vitrais para várias Igrejas na Alemanha: St. Michel, St. Marien, St. Elisabeth, St. Nikolaikirche, entre outras. Janet Brooks morreu em setembro de 2008 em Aachen, onde foi sepultada, no cemitério da montanha de Kornelimünster.



## A obra

Na imagem reproduzida acima, o espectador pode ver duas figuras à esquerda do quadro e uma terceira quase ao centro, mas ainda não definida claramente, apenas um contorno esboçado pelo artista. Não é possível ver os rostos dos personagens, suas vestes são largas e escuras, talvez uma alusão aos tristes pensamentos dos discípulos naquele momento.

Os personagens caminham e conversam sob uma paisagem montanhosa. As cores da terra sugerem a aridez do deserto e a falta de um caminho não definido na cena pode indicar que não está claro para os discípulos o que os espera ao final da jornada.

A representação de apenas um contorno na figura ao centro da tela, supostamente Jesus, sugere que os discípulos ainda não reconheceram o Ressuscitado, segundo as Escrituras, apesar de conversar e caminhar com ele.

Esta pintura dos discípulos de Emaús de Janet Brooks é carregada de forte expressão artística, instigante e ao mesmo tempo histórica. Ganhamos nós, os cristãos, inspirados em obras dessa natureza que nos ajudam na compreensão e crescimento de nossa espiritualidade.



# Primeiro Capítulo

## Corações partidos

**Objetivo:** Aprofundar o significado da decepção no nosso caminho de fé como cristãos, explorar a passagem para a esperança e perceber a importância de caminharmos juntos como meio para nos apoiar.

*“<sup>13</sup>Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, a uns dez quilômetros de Jerusalém. <sup>14</sup>Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido.”  
(Lc 24, 13-14)*

Estamos na presença de dois discípulos que caminham juntos num mesmo caminho. Sabemos que um deles se chama Cléofas, mas o outro não tem nome. Então, poderia ser qualquer um de nós.

Para saborear todas as riquezas espirituais destes dois versículos desse texto de Lucas, convidamo-vos a percorrer o mesmo caminho com esses dois discípulos.



## Comecemos brevemente por recordar o contexto desta passagem do Evangelho

No capítulo anterior do Evangelho de Lucas, temos o processo de Jesus: sua condenação por Pilatos, depois a Paixão, a morte e o sepultamento. E o capítulo 24 o conclui e constitui uma abertura para o livro dos Atos dos Apóstolos. O mesmo capítulo começa dizendo: “No primeiro dia da semana, bem de madrugada, as mulheres foram ao túmulo, levando os perfumes que tinham preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida, mas, ao entrarem, não encontraram o corpo do Senhor Jesus” (Lc 24, 1-3).

Notamos aqui tudo o que indica a morte, o fim de uma história. Não há mais nada a esperar. Depois, o encontro das mulheres “Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago” (Lc 24,10) com os dois anjos. Segundo a tradição judaica, elas tinham que ir ao túmulo para cuidar de um cadáver que viram com os próprios olhos na cruz. Elas absolutamente não esperavam por esta pergunta: “Por que procurais entre os mortos Aquele que está vivo? Não está aqui. Ressuscitou!” (Lc 24, 5-6).

Elas relatam aos apóstolos o que viram e ouviram (ou, mais precisamente, o que não viram). Mas as suas palavras pareciam um delírio, uma ilusão. Ninguém acredita nelas.

O próprio Pedro foi ao sepulcro, viu os panos soltos, o sepulcro vazio, mas voltou para casa, todo maravilhado com o que havia acontecido.

Por isso, propomos agora parar, abrandar o ritmo da nossa vida cotidiana e dedicar um tempo com estes dois discípulos. O caminho de Emaús é antes de tudo um caminho geográfico, embora seja difícil dizer onde se situa a antiga cidade de Emaús. Mas é também e sobretudo um caminho espiritual para cada um de nós. Desde a ressurreição de nosso Senhor, todos os nossos caminhos de vida podem se tornar caminhos de Emaús, onde o Ressuscitado quer se juntar a nós. Caminhemos ao lado dos discípulos de Emaús, acompanhemos estes dois peregrinos no seu caminho, que se torna o nosso na fé. Vamos tentar estar presentes no evento e tornar nosso o local. Tomemos o caminho de Jerusalém a Emaús. Juntemo-nos a estes discípulos nos seus pensamentos e até nas suas emoções.

**O que pode significar para nós este primeiro dia da semana que mencionamos aqui?** Na verdade, é o 8º dia da Criação, o dia da Ressurreição. Estamos plenamente em um novo tempo, que rompe com tudo o que aconteceu antes. Um novo começo, uma nova história que se inicia, uma vida que se renova.

**Quem são esses dois discípulos?** Eles não eram recém-chegados. Eles vinham seguindo o Senhor há muito tempo. Durante meses, eles viram Seus milagres, ouviram Suas palavras e finalmente acreditaram Nele. Eles receberam a notícia de que as mulheres relataram o que haviam vivido. Mas, para eles, tudo acabou agora. Eles retornam às suas vidas de antes. Tristes, desanimados e resignados, abandonaram a comunidade dos discípulos. Era difícil para eles compreenderem, acreditarem e ainda terem esperança. Foi mais fácil fazer o caminho de volta e ficar o mais longe possível de Jerusalém. Eles estão até prontos para caminhar contra seus desejos mais profundos.

**O que Jerusalém representa para eles?** É a cidade da presença de Deus, o lugar do Templo que contém "O Santo dos Santos", mas Jerusalém também é o centro de poder

e sucesso. Qual Deus eles esperavam nesta cidade? Quais eram suas expectativas, seus sonhos? Um Deus vitorioso, dominador através do exercício do seu poder. Um Deus libertador que vem libertar o Seu povo do governo romano e restaurar a Sua liberdade. Eles não esperavam uma morte tão humilhante. Que decepção! Que derrota! Que pena!

## E nós, hoje?

Tal como esses dois discípulos, por vezes nos afastamos de Cristo. Mesmo ainda nos chamando de crentes, cortamos os laços com a fé e a esperança. Para nós, Jesus permanece no túmulo. Afundamos na tibieza. Nosso fervor, nosso entusiasmo, nossa paixão nada mais são do que uma memória distante.

Se examinarmos a nossa própria concepção de Deus, para nossa surpresa poderemos descobrir que construímos imagens falsas deste Deus:

- Alguns contam com um Deus Todo-Poderoso. Tal poder que o reduz a um Deus intervencionista, que deve gastar o seu tempo provocando um curto-circuito nos acontecimentos que tecem a nossa história, para tornar a nossa vida alegre e fácil. Um Deus que nos protege de todo tipo de sofrimento;
- Outros se rebelam diante da imagem de um Deus Expectador, que abandona os humanos à sua sorte, tão lento em responder aos clamores de Seu povo, para conter o poder do mal. Um Deus Silencioso diante do sofrimento e mesmo profundamente ausente;
- Outros podem procurar um Deus Mágico, que responda aos desejos dos seus filhos, porque é um Deus Bom, tão carinhoso e amoroso;
- Ou, ainda, alguns temem a imagem de um Deus que nos persegue, para avaliar as nossas ações ou mesmo os nossos pensamentos e depois capaz de nos infligir castigos.

Todas essas falsas imagens e muitas outras ainda estão preconcebidas em nossas mentes, fruto da história pessoal de cada um. Podem impedir-nos de encontrar o Senhor e de Lhe pedir a graça de nos revelar a sua verdadeira face. Só na intimidade de um encontro pessoal é que o nosso Deus nos mostrará a Sua face e o Seu modo de agir na nossa vida. Se o próprio Cristo não tivesse vindo ao encontro dos discípulos, eles certamente teriam continuado o seu caminho e desaparecido no anonimato. Mas Cristo, com o coração ardendo de amor, aproxima-se deles e este encontro pessoal com Ele mudou as suas vidas. O grande teólogo jesuíta, François Varillon, escreve: “Deus não é Todo-Poderoso, é o Seu Amor que é. Descobriremos o Seu Amor através de todas as feridas que Lhe causamos e que Ele nunca deixa de perdoar”.

## **E a nossa vida de casal?**

A certa altura de nossa vida, começamos a nossa vida em casal com uma ideia preconcebida de como poderia ser nossa vida juntos. Tínhamos expectativas, aspirações, sonhos... E aí, às vezes, em um determinado momento, paramos diante de acontecimentos inesperados, muitas vezes indesejados, experiências de fracassos, dificuldades relacionais até em relação aos filhos, perdas, lutos, decepções mesmo na relação. O outro já não atende ao que eu aspirava; tal acontecimento, tal realidade estão longe do que eu desejava. Isso pode nos surpreender em qualquer momento de nossa vida juntos. Momentos de queda livre, tempos dolorosos. Um de nós, ou às vezes os dois ao mesmo tempo, nos encontramos fracos, frágeis, desanimados, desesperados. O horizonte já não brilha. Queremos largar tudo, ceder, desistir e afundar na morte de um amor que um dia nos uniu. Este é o momento das crises e das derrotas. Às vezes podemos até atirar pedras um no outro “a culpa é dela”, “não é a vida que eu queria”...

São muitos os desafios que podem prejudicar a nossa identidade de casal (a imagem que construí do outro e da nossa vida a dois, que deve corresponder às minhas próprias

necessidades; a imagem do cônjuge-herói, do cônjuge-perfeito, a imagem de uma vida perfeita...).

Algumas experiências também podem nos abalar no nível espiritual. E questionamos a nossa visão de Deus e da nossa missão. Já não temos certeza da nossa vocação, do apelo que nos é dirigido durante a nossa consagração no Sacramento do Matrimônio.

Na nossa “fuga de Jerusalém”, em certas situações da nossa vida, nós somos tentados a crucificar Deus, a eliminá-lo das nossas vidas, das nossas cidades, das nossas decisões importantes. Só pensamos Nele durante grandes desastres ou para decorar as nossas festas de família. É este drama que acaba de se revelar no caminho de Emaús. É disso também que falam os discípulos de Emaús, quando fogem de Jerusalém, onde acreditaram, oito dias antes, que todas as suas esperanças se tornariam realidade.

Se Lucas narra com tantos detalhes essa entrevista e esse encontro no caminho, talvez seja para nos permitir juntar-nos a este desespero dos discípulos. Essa cegueira que muitas vezes é nossa e nos deixa com o gosto amargo do fracasso e da melancolia. Temos, então, a impressão de que, mesmo que a fé não desapareça, já não tem grande utilidade.

Mas notemos uma coisa, um pequeno detalhe: apesar da derrota, da decepção e da longa duração da caminhada, os dois discípulos permaneceram juntos. Continuaram a caminhar, com esta derrota e o cansaço, desesperados, mas permanecendo juntos. Na nossa vida a dois, em família, concordamos em caminhar juntos em todas as circunstâncias? Se um de nós se encontrar em mais dificuldades, o outro poderia ser um bom apoio, caminhar no seu ritmo, esperar, acompanhar, ter esperança...?

## **E o mundo em que vivemos?**

Um mundo que mergulha cada vez mais nas trevas de todos os tipos: mudanças climáticas e desastres naturais, violência e guerras, indiferença e injustiça, abuso de poder e exploração, sofrimento e morte, armas e destruição, uma

lista interminável, que só gera ansiedade, medo, desânimo e decepção. Qual seria a nossa posição diante dessas dolorosas realidades? Indiferença ou compaixão? Passividade ou contribuição? Diante da angústia, somos chamados a intervir. Contemplemos os exemplos de figuras humanas que acreditaram na força do amor, não aquele que provém do nosso próprio esforço, mas do Amor que extraímos da fonte de todo Amor: São Vicente de Paulo, Madre Teresa, Irmã Dulce dos Pobres, Padre Pedro nas favelas de Madagascar, Pedro e Nancy Moncau e muitas outras pessoas desconhecidas que trabalham discretamente nos caminhos da nossa humanidade. Uma alma que sobe eleva o mundo. Um gesto feito com amor e ternura contribui para uma nova criação. Esta é a nossa esperança. Estamos todos interligados. A imagem das gotas d'água que, juntas, formam o oceano... Deixemo-nos ser desafiados por esta imagem.

## Um raio de esperança: trecho de uma homilia do Papa Francisco

“A viagem dos discípulos de Emaús, que encontramos na conclusão do Evangelho de São Lucas, é uma imagem do nosso caminho pessoal e da Igreja. Na estrada da vida, e vida de fé, ao levarmos por diante os sonhos, os projetos, os anseios e as esperanças que habitam no nosso coração, embatemos também nas nossas fragilidades e fraquezas, experimentamos derrotas e decepções e, às vezes, ficamos prisioneiros de uma sensação de fracasso que nos paralisa. O Evangelho anuncia-nos que, mesmo em tais momentos, não estamos sozinhos: o Senhor vem ao nosso encontro, coloca-se ao nosso lado, caminha pela nossa própria estrada com a discrição de um amável viajante que deseja reabrir os olhos e inflamar de novo o nosso coração. E quando o fracasso deixa espaço ao encontro com o Senhor, a vida reabre-se à esperança e podemos reconciliar-nos conosco, com os irmãos e com Deus.

Sigamos então o itinerário deste caminho que poderíamos intitular *do fracasso à esperança*. (...)

Trata-se de uma experiência que tem a ver também com a nossa vida e o próprio caminho espiritual, em todas as ocasiões em que somos obrigados a redimensionar os nossos anseios e a lidar com as ambiguidades da realidade, com as obscuridades da vida, com as nossas fraquezas. Acontece sempre que os nossos ideais se deparam com as decepções da existência e os nossos propósitos são menosprezados por causa das nossas fragilidades; quando cultivamos projetos de bem, mas depois não temos a capacidade de os realizar (cf. Rm 7, 18); quando mais cedo ou mais tarde, nas atividades que realizamos ou nas nossas relações, experimentamos alguma derrota, algum erro, um fracasso, uma queda, vendo desabar aquilo em que tínhamos acreditado ou nos tínhamos empenhado e sentindo-nos ao mesmo tempo esmagados pelo nosso pecado e os sentimentos de culpa. (...)

Aqui, porém, devemos ter cuidado com a *tentação da fuga*, presente nos dois discípulos do Evangelho: fugir, percorrer em sentido inverso o caminho, escapar do lugar onde sucederam os fatos, tentar removê-los, procurar um 'lugar tranquilo' como Emaús para esquecê-los. Não há nada pior, perante os fracassos da vida, do que fugir para não os enfrentar. É uma tentação do inimigo, que ameaça o nosso caminho espiritual e o caminho da Igreja: ele quer fazer-nos acreditar que aquele fracasso já seja definitivo, quer paralisar-nos na amargura e na tristeza, convencer-nos de que não há mais nada a fazer e, conseqüentemente, não vale a pena encontrar uma estrada para recomeçar.

O Evangelho, ao contrário, revela-nos que precisamente nas situações de decepção e tristeza, precisamente quando, atônitos, experimentamos a violência do mal e a vergonha da culpa, quando o rio da nossa vida seca no pecado e no fracasso, quando, despojados de tudo, nos parece não ter mais nada, precisamente então é que o Senhor vem ao nosso encontro e caminha conosco."

(Fonte: Viagem Apostólica do Papa Francisco ao Canadá, "Homilia do Santo Padre", Santuário Nacional de Sainte Anne de Beaupré, 28 de julho de 2022.)

## Uma mensagem de esperança da carta do Padre Caffarel a todos os lares desunidos

“Aos lares desunidos, tenho uma primeira coisa a dizer: nunca se resignem à desunião. Não devemos esquecer, de fato, que contrair matrimônio é se comprometer a nunca deixar de querer e procurar uma união total. É entre duas pessoas que este compromisso é assumido, mas, depois, uma não está liberada, porque a outra a negligencia ou a nega. O grande erro de tantos cristãos casados é desistir de trabalhar pela união, aceitar a divisão. Não são menos fracassados nos seus compromissos, aqueles que trabalham por esta união sem acreditar nela, sem realmente a querer. (...)

A harmonia conjugal não é objeto de luxo ou conforto, por isso os cônjuges não têm o direito de renunciar a ela. É necessária, para eles próprios e para muitos outros. O desacordo deles prejudicaria os outros, tanto quanto a si mesmos. Ao invés de ser o grande meio de melhoria para homens e mulheres, um lar onde a desunião se instala torna-se terreno fértil para todos os pecados capitais e muitas vezes leva à falência moral de um ou de ambos os esposos. E embora o clima de amor seja para os filhos a condição primordial para o seu desenvolvimento físico e moral, a desunião dos pais dilacera algo de mais íntimo no seu ser. A própria sociedade sofre com esse fracasso de um lar; para ela, não é mais uma célula viva, fornecedora de calor e de luz, mas um tumor que se desenvolve em detrimento do corpo social. Finalmente, acrescentemos que um lar desfeito, em vez de ser um louvor à glória do Amor divino, é uma nota falsa no concerto da criação.”

(Fonte: Henri Caffarel, “Carta aos lares desunidos, revista *L’Anneau d’Or*, número especial, “Amor e Sofrimento”, n. 15-16, maio-outubro de 1947.)

## Testemunho

Somos Berta Horta e Edgar Laura, membros das Equipes de Nossa Senhora de Pemba. Pemba é a capital da província de Cabo Delgado, a província mais ao norte de Moçambique. Iremos testemunhar como vivemos os ataques terroristas a Cabo Delgado, no Distrito de Mocímboa da Praia.

No dia 23 de março de 2020, às 4h da manhã, teve início o segundo ataque. Desta vez, muito mais agressivo e aterrorizante: inúmeras pessoas foram decapitadas. Um grande número de pessoas perdeu a vida durante estes novos ataques. Muitas dessas pessoas eram nossos amigos. Vivemos esses confrontos com medo e desorientação, sem saber o que fazer. Estávamos constantemente cheios de medo, em pânico e preocupados com a possibilidade de nossas casas serem incendiadas. Temíamos seriamente por nossas vidas. No meio de todos estes massacres e para nos protegermos, fomos obrigados a sair das nossas casas e a esconder-nos na vegetação, nos arbustos e na vegetação rasteira em volta de nossas casas. Nosso bairro, localizado na entrada da cidade, era cercado por muita vegetação e arbustos, era o bairro 30 de Julho. Começamos a perceber que muitas pessoas corriam, fugiam de todos os lados e de outros bairros, conosco e com alguns vizinhos, que também fugiam e corriam para salvar suas vidas. Homens, mulheres, crianças, idosos, pessoas de todas as idades fugiam com medo de serem massacrados e assassinados.

No dia seguinte, ainda escondidos e conscientes do grande perigo que nos esperava, tivemos que tomar a decisão das nossas vidas: não tivemos outra escolha senão tentar fugir da cidade e procurar abrigo. Em meio a toda essa angústia, medo e terror, demos graças a Deus, pois, apesar do medo, dos sustos e de tudo o que vivemos, nada de grave aconteceu com nossa família ou com as pessoas que estavam conosco. Todos os dias e todo o tempo, agradecemos ao nosso bom Deus. Tivemos que deixar tudo para trás, tudo o que havíamos adquirido depois de vários anos de trabalho no norte. Só conseguimos sair com

alguns documentos pessoais e as nossas roupas, porque os poucos carros que existiam não tinham sequer espaço para transportar mais nada, além de fugitivos como nós. Então, tivemos que deixar todos os nossos bens e pertences para trás.

Quando chegamos a Pemba, graças a Deus e à preciosa ajuda dos nossos queridos irmãos e irmãs das Equipes de Nossa Senhora, pudemos retomar gradualmente a nossa vida e superar todo o terror que havíamos vivido. Em Pemba, fomos calorosamente recebidos e hospedados pela minha sogra, pais da minha esposa Berta. Ficamos em um espaço bem pequeno, mas com toda a segurança. Graças à preciosa ajuda dos nossos queridos irmãos e irmãs das Equipes de Nossa Senhora, conseguimos gradualmente superar as dificuldades e os traumas que vivemos. O apoio deles têm sido incondicional e fundamental para nós. Na equipe que nos acolheu, os conselhos, a partilha, a fraternidade e a amizade que recebemos foram uma grande força, para nos ajudar a superar as dificuldades que encontramos e, pouco a pouco, conseguimos reconstruir e recuperar as nossas vidas. Depois que perdemos tudo, tivemos que começar do zero. Não foi nada fácil. Agradecemos ao nosso bom Deus, porque já conseguimos transferir o meu trabalho para Pemba e agora estou oficial e permanentemente nessa cidade. Tentando dar um passo de cada vez, estamos reconstruindo nossa nova casinha, para que possamos voltar e ter nosso próprio espaço familiar. Não voltamos a Cabo Delgado desde que chegamos a Pemba. Admitimos que temos medo e que nem sabemos se algum dia voltaremos. Não queremos nem imaginar como estão os nossos bens, que tivemos que deixar para trás, em que estado estão agora, ou mesmo se ainda existem... Aos poucos, com a graça de Deus, com a ajuda da nossa família e nossos irmãos das Equipes de Nossa Senhora, trilhamos o nosso caminho e superamos os traumas que vivenciamos, reconstruindo aos poucos nossa nova vida.

*Berta e Edgar*

## Vamos orar juntos

Ainda hoje Tu nos acompanhas, Senhor, nos nossos caminhos humanos, que muitas vezes se assemelham ao caminho de Emaús.

Também nós temos a impressão de vagar por caminhos escuros, onde não sabemos onde nos agarrar. Como os discípulos, nem sempre percebemos a Tua presença nas nossas vidas, nos nossos sofrimentos, nas nossas desilusões e nos nossos desânimos.

Deus nosso Pai, muitas vezes temos dificuldade em discernir os sinais da Tua presença no coração do mundo e no coração das nossas vidas. Abra nossos corações para a Tua Palavra. Que Tua presença nos fortaleça diante das dúvidas e dos desânimos. Faz-nos descobrir que o Teu Filho caminha conosco pelos caminhos da nossa vida. Aquele que está vivo contigo e o Espírito Santo, agora e pelos séculos dos séculos. Amém.

## Perguntas para compartilhar em casal

1. Nos momentos difíceis que podem atravessar a nossa vida de casal, qual seria a nossa relação com Deus? Tal como os discípulos de Emaús, será que viramos as costas para ele, no sentido de darmos um passo atrás na nossa fé? Ousamos expressar com confiança as nossas desilusões, as nossas derrotas? Quais são os obstáculos que podem sufocar essa confiança?
2. Durante o nosso caminho juntos, deixamos espaço para a expressão das nossas emoções e para a partilha profunda das nossas experiências pessoais, de cada um de nós? Dos nossos filhos? Até que ponto o nosso acolhimento e a nossa escuta são marcados por um profundo respeito pelo ser do outro, que é uma criatura sagrada, criada à imagem de Deus e digna de todo valor e apreço?

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe, seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 13-14):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

## Perguntas para compartilhar durante a reunião com nossa equipe de base:

1. Quais podem ser as nossas falsas imagens ou percepções de Deus? O que pode ser um obstáculo para um verdadeiro encontro pessoal com o Cristo Vivo e atuante nos caminhos das nossas vidas?
2. Caminhar juntos, como casais e famílias, às vezes não é óbvio. “São precisos dois para dançar o tango.” (Sabendo que o tango é uma dança mística, que une os dançarinos com elegância e sensualidade.) Quais podem ser os

nossos gestos e atitudes interiores, um para com o outro, especialmente nos momentos difíceis da nossa relação e que refletem a nossa comunhão mais profunda e a nossa união inseparável?

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## **Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel**

### **Magnificat**

## *Eugène Alexis Girardet (1853-1907)*



*"Discípulos em Emaús"*

Eugène Girardet foi um pintor, escultor e gravador francês nascido em Paris. De família cujo sustento era baseado na comercialização de pinturas, gravuras e litografias. Todos de sua família, pais, irmãos, tios e primos, assim como várias gerações anteriores a ele, estavam de alguma forma envolvidos no mundo das artes. Eugène, sem dúvida, teve um pincel colocado em suas mãos em uma idade muito tenra, e como resultado emergiu muito precocemente um talentoso artista, que obteve educação formal na École des Beaux-Arts, em Paris.

Suas obras frequentemente retratavam cenas da vida cotidiana na França rural. Ele também pintou muitos retratos e paisagens, bem como temas religiosos relativos à Virgem Maria e a Jesus Cristo. Ganhou vários prêmios no Salão de Paris entre 1878 e 1903.

Muito cedo ainda, no curso de pintura, já o fascinavam as cenas do Oriente Médio, tendência esta que orientou boa parte de seus trabalhos ao longo de sua vida. Viajou muito, a partir de 1877, para países do Oriente, tais como Argélia, Tunísia, Marrocos e ao norte da África e fundou com outros artistas do gênero a chamada "Sociedade dos Pintores Orientalistas da França".

Continuou ao longo das duas últimas décadas do século XIX com suas viagens para o Oriente Médio, especialmente Palestina e Egito, onde pôde aprimorar suas pinturas de temas orientais, marcando com excepcional destaque seu lado impressionista. Eugène Girardet morreu no outono de 1907, em Paris.



## A obra

A reprodução gráfica acima em tons de preto, que segundo dados históricos é um trabalho de heliografia<sup>1</sup>, retrata um momento importante na passagem bíblica da ressurreição de Jesus Cristo – *os Discípulos em Emaús* –, criada e executada pelo talentoso Girardet por volta de 1905. Esta gravura foi reproduzida no Bibby's Annual de 1912 - (J. Bibby & Sons, Liverpool)<sup>2</sup>.

A cena retrata as figuras de três personagens caminhando por uma estrada e atentos numa conversa. A figura central é representada pelo Cristo, com vestes bem claras e em destaque. Sua expressão sugere que ele está falando aos outros dois personagens sobre as suas incredulidades, como é narrado nas Escrituras. Eles ouvem Jesus atentamente, e suas expressões demonstram admiração e curiosidade.

O uso magistral do monocromático por Girardet adiciona um ar de atemporalidade a sua obra. O contraste entre luz e sombra cria profundidade e aumenta o impacto emocional da cena. O cenário em si, supostamente localizado na Cisjordânia, perto de Jerusalém, torna o local muito importante dentro da rica história de Israel. Este retrato notável serve como um testemunho da habilidade de Girardet como artista, ao mesmo tempo em que nos lembra do poder duradouro das narrativas bíblicas ao longo dos séculos.

1. Sistema de impressão em papel feito através de uma matriz gravada em chapa de metal que é exposta à luz, por longo período, para fixação.
2. Publicação literária com reproduções de obras de arte e história da época.



# Segundo Capítulo

## No coração da história

**Objetivo:** Descobrir um Deus que não habita os céus, um Deus que se fez carne, que traça os nossos caminhos, que entra na nossa história sem se impor, mas com delicadeza para nos revelar o seu rosto amoroso, o seu rosto de Pai.

*“<sup>15</sup>Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. <sup>16</sup>Os seus olhos, porém, estavam como vendados, incapazes de reconhecê-Lo.” (Lc 24, 15-16)*

Somos criação de Deus, fruto do Seu eterno Amor. Somos chamados a não passar a vida na terra permanecendo na superficialidade, na mediocridade, aprisionados pelo medo, pela busca das riquezas deste mundo. Reconhecemos, por outro lado, que também somos criaturas limitadas no tempo, no espaço, através dos nossos próprios sentidos. Entretanto, nosso Deus é o Infinito, o Imortal, Ele está fora do tempo e do espaço.



## Um Deus eterno se faz tão pequeno para nos encontrar

Agora, para nossa imensa surpresa, o nosso Deus escolhe se fazer pequeno, abraça a nossa humanidade, tornando-se homem. Ele continua se aproximando e trilhando nossos caminhos. O seu objetivo é apenas nos revelar a sua Imagem, revelar o seu Rosto, revelar o seu Amor.

Voltemos aos nossos dois discípulos no seu caminho de volta. Não sabemos exatamente quem eram. Eles não eram do grupo dos doze. Faziam parte do grupo junto com os doze, que Jesus enviou em missão? É possível, mas o Evangelho não confirma; em todo caso, eram pessoas atentas à mensagem de nosso Senhor, mas que a interpretavam à sua maneira. No primeiro capítulo, descobrimos que eles pensavam que Jesus era o esperado grande profeta que libertaria Israel, atribuíram-lhe um papel fundamentalmente político. E aí, Jesus Ressuscitado aparece-lhes, de modo que tiveram dificuldade em reconhecê-Lo. Seria algo externo, um obstáculo na sua aparência física? Mas o Evangelho nos diz que foram “incapazes” de reconhecê-Lo. Então, pode ser uma ação interior e provavelmente divina. É sem dúvida a combinação das duas coisas, exterior e interior. De qualquer modo, Deus não queria que o reconhecessem, precisamente porque lhes faltava fé ou, pelo menos, porque tinham uma percepção do Messias que não era correta.

## A fé abre nossos olhos

Reconhecer Jesus Ressuscitado é antes de tudo um ato de fé. Como reconhecê-Lo, não como o homem que tinha sido na sua anterior condição biológica, mas como o Senhor, exaltado à direita do Pai e que dá a vida? O que permite que seus olhos se abram?

Na maioria dos textos que se seguem à ressurreição, somos informados de que os discípulos passam a reconhecer o nosso Senhor em resposta a uma palavra que lhes é dirigida e que lhes permite reconhecer profundamente quem é Jesus.

Uma jovem religiosa africana conta o que ocorreu durante um retiro com a sua comunidade: “O missionário que estava à frente do retiro coloca sobre uma mesa um ramo de flores, flores muito comuns na nossa região. ‘O que vocês acham?’, o padre nos perguntou. Dissemos a ele que encontramos muitas flores semelhantes em quase todos os lugares. Ele então nos mostra como essas flores são lindas. Ele nos ensinou a vê-las. Então, finalmente, nós vimos essas flores, nós as reconhecemos”.

Talvez o mesmo seja verdade para a fé no Cristo Ressuscitado. (Vamos aprofundar este aspecto com mais detalhes no capítulo 5.)

## E cada um de nós, hoje?

Em tempos de provações, confrontados com os dramas da vida, abatidos pelos acontecimentos que vão contra as nossas expectativas, as nossas aspirações, também nós, como estes dois discípulos, podemos ter os nossos olhos incapazes de reconhecê-Lo, aproximando-se de nós, ainda mais perto, caminhando conosco. Perdemos toda a confiança. Esse grande dia da ressurreição mudou a história, mas é difícil para nós ver como ele pode mudar a nossa vida.

À luz da sua ressurreição, como podemos acreditar profundamente na sua Providência? Deus nos dá luz suficiente, para que seja possível acreditar, e deixa trevas suficientes,

para que acreditar continue sendo um ato livre, uma escolha de viver. Alguns dizem que o ato de fé é a condição de uma fé em ação. Para alguns, a fé parece um impulso espontâneo, feliz, radiante; para outros, assemelha-se antes a um debate difícil, doloroso, a ser constantemente retomado. O erro é pensar que os primeiros discípulos têm mais fé. A experiência das trevas também faz parte do mistério da fé. Na Bíblia, as lágrimas noturnas se alternam com os gritos matinais de alegria (cf. Sl 30,6). Vemos isso também na vida de Jesus: a glória do Tabor e a aniquilação do Getsêmani. E encontramos isso no testemunho dos místicos, que vivenciam as iluminações mais fervorosas, bem como as desolações mais pesadas.

## **A fé é um dom e uma resposta**

A beleza da fé, o milagre da fé é que ela é o encontro da graça de Deus que dá a fé e da liberdade do homem que oferece a sua fé. Um encontro terreno e incompleto agora, celestial depois, quando terá lugar, então, a visão do Pai. Ela nos é dada plenamente em Jesus: por sua encarnação, Ele vem nos ajudar na terra, e por Sua ressurreição, Ele nos abre o céu.

## **E nossa vida de casal?**

Os dois discípulos de Emaús conversaram e se questionaram: superar a provação, o que significa, antes de tudo, também e muitas vezes, gritar, chorar, se revoltar.

O primeiro gesto é reconhecer-se derrotado. Passar pela provação significa antes de tudo gritar, chorar, se rebelar, e não se recuperar imediatamente. Os Salmos estão cheios destes gritos e destas lágrimas: “Do abismo profundo eu clamo a Ti, Senhor” (Sl 130,1). E a Bíblia permite ao homem viver esta revolta, observa Olivier Belleil – um leigo casado para quem, desde a redescoberta de Cristo, a sua paixão é partilhar a fé que o faz viver. Não se trata de blasfemar, mas de dizer que isso é intolerável. Jó chega a perguntar a Deus: “Por que és meu adversário?” (Jó 32,10).

Denunciar a provação que nos atinge, nomeá-la, ver todo o seu caráter insuportável é prova de realismo. “Devemos sair da provação, mas, para superá-la, devemos começar por vivê-la. Não é negando a realidade que evitamos o seu golpe. (Martin Steffens, filósofo cristão, vencedor do Prêmio Humanista Cristão e do Prêmio de Literatura Religiosa)

## **Que atitude você deve adotar? Renunciar ou consentir?**

Consentimento não significa de forma alguma uma resignação mórbida ou um desapego. O desafio é nos abrir a toda vida, aprender a improvisar, a partir das dissonâncias e não apesar delas, compor a melodia da nossa felicidade. Consentir com a deficiência de uma criança, concordar em viver com um espinho na carne podem levar uma vida inteira, com altos e baixos. O caminho não é linear. Isso requer uma mudança interior.

Na provação, a única coisa que depende de você é a maneira como você lida com isso, a maneira como você encara as coisas. Será útil percebermos que, para consentir, devemos renunciar a certos comportamentos, renunciar ao “porquê” da morte do seu marido, renunciar ao “se”, “se o meu filho/meu marido aqui ainda estivesse...”: frases sem saída, que são verdadeiros venenos, pois podem impedir-nos de avançar. Na provação, a única coisa que depende de você é a maneira como você lida com isso, a maneira como você encara as coisas. Na maioria das vezes sem entender. O que Deus nos pede antes de tudo é precisamente que lhe demos toda a nossa confiança, que acreditemos que esta provação tem sentido, que aceitemos não O conhecer e nos abandonemos completamente nos braços do Pai. É uma graça, fruto da oração, especialmente da oração dos outros.

Aceitar não significa já estar aliviado. Teremos que aproveitar o tempo para convalescer, suportar os dias cinzentos até que a cura ocorra. A sabedoria popular diz: dê tempo ao tempo. Isto exige muita paciência e atos de esperança, uma disponibilidade à existência, ao trabalho que a vida realizará por si mesma. Renascer não é apagar tudo e

começar do zero, é experimentar um novo começo, com as nossas cicatrizes que permanecem como os estigmas de Jesus. Algumas feridas não desaparecem.

Nosso casamento é um caminho a dois. Em tempos difíceis, conversamos e questionamos uns aos outros. Às vezes nossas discussões tornam-se acusações mútuas. O outro é o culpado, mesmo que não seja totalmente culpado. Tornamo-nos estranhos um para o outro. A dor às vezes é tão dolorosa que nos envia de volta à nossa própria bolha, a um isolamento frio, a uma solidão sufocante.

O próprio Jesus se aproximou dos dois discípulos, não de forma abrupta, nem brutal, nem à força. Ele se aproximou, respeitando a vontade deles. Ele estava pronto para mudar seus planos para encontrá-los, seguiu seus passos, submeteu-se à sua vontade. Esse é o nosso Deus, sempre pronto a humilhar-se. As únicas contas que Ele faz é o Amor. Um Amor que se inclina para se colocar à nossa altura, um Amor que se desvanece, que recua para nos dar espaço. Um Amor que confia em nós, nos coloca tão alto: somos cocriadores com ele. Somos tão bonitos aos Seus olhos, que Ele deseja se tornar Um conosco, unir-se a nós e unir-nos a Ele em profunda comunhão.

## **A imagem do nosso Deus nos ensina como caminhar juntos**

Contemplemos esta imagem de tal Deus. Podemos nós, como parceiros, ter esse mesmo olhar, essa mesma atitude um para com o outro, no nosso caminho de vida a dois?

## **Poderíamos ter essa mesma compaixão um pelo outro?**

Num momento em que estamos cegos pela crueldade dos acontecimentos, pelo medo, pela angústia, poderíamos acender juntos o fogo da fé? Ajudar uns aos outros a tornar nossa fé uma decisão? Uma fé que clama: Senhor, tu estás presente conosco, mesmo que os nossos olhos estejam

incapazes de te reconhecer, de reconhecer o Teu rosto, de reconhecer a Tua vontade, de reconhecer o sentido do que está acontecendo na nossa vida, estamos confiantes que nos acompanhe e guie nossos passos. Mais ainda, Tu respeitavas a direção que tomamos. Tu mudas teus planos para nós e és capaz de transformar tudo para nos levar à Salvação de nossas almas. Mesmo que nossos olhos sejam incapazes de Te reconhecer, confiamos que nos carregas nos braços. É especialmente nestes momentos de fragilidade que brilhará a força do Teu Amor.

## E o mundo em que vivemos?

Ouvimos ao nosso redor discursos de desespero sobre o mundo em que nos encontramos. Em um momento ou outro, nós mesmos começamos a clamar com o profeta Habacuc: “Até quando, Senhor, ficarei clamando sem que me dêes atenção? Até quando gritarei por Ti: ‘Violência!’, sem que me tragas salvação? Por que me fazes ver tanta crueldade, e só ficas olhando a perversidade?” (Hab 1,2s). E agora a resposta de nosso Senhor vem na forma de uma promessa: “Vai se acabar quem não é reto, o justo viverá por sua fidelidade” (Hac 2,4). Um convite para caminharmos na fé.

Depois de chorar com o profeta, recebemos o convite para abrir o nosso coração. Estamos bem conscientes da nossa fraqueza e imploramos ao Cristo Salvador: Senhor, aumentai a fé em nós! Ajudai-nos a não nos desesperar, a ver mais longe e mais alto do que as aparências, a avançar na luz! Cristo não nos pede que tenhamos uma fé gigantesca, mas sobretudo uma fé simples e modesta, como uma pequena semente. Isto é suficiente para dar uma resposta às nossas ansiedades e às do nosso mundo. Sim, isso é suficiente para mover e transformar a nossa humanidade, muitas vezes à deriva. É um pouco como uma pequena luz suficiente para dissipar a escuridão e restaurar a esperança. Isso é o que o Papa Francisco sublinhou claramente na sua Encíclica *Lumen Fidei* (Luz da Fé), um texto magnífico e cheio de esperança. A fé, ensina esse documento da Igreja, centra-nos em Cristo, que é a Luz do mundo, a nossa luz: “A luz de Jesus brilha no rosto

dos cristãos como num espelho, e assim se difunde chegando até nós, para que também nós possamos participar desta visão e refletir para outros a sua luz, da mesma forma que a luz do círio, na liturgia de Páscoa, acende muitas outras velas. A fé transmite-se por assim dizer sob a forma de contato, de pessoa a pessoa, como uma chama se acende em outra chama. Os cristãos, na sua pobreza, lançam uma semente tão fecunda que se torna uma grande árvore, capaz de encher o mundo de frutos". (*Lumen Fidei*, 37)

## Um trecho da história da vocação do Padre Caffarel

"É porque, em março de 1923, há exatos cinquenta anos, um dia tomei consciência da existência de Cristo, da vida de Cristo, do amor de Cristo, da relação de amor entre Cristo e o homem no qual a vida cristã consiste. Isso foi para mim o divisor de águas.

Há um antes deste mês de março de 1923, há um depois deste mês de março de 1923.

Isso me marcou e, desde aquele dia, só tenho um desejo: eu mesmo entrar ainda mais nessa intimidade com Cristo, e esse outro desejo de levar outros a isso, porque foi capital na minha vida, me deu a alegria de viver, a graça de viver, o ímpeto de viver.

Por isso, não posso deixar de desejar aos outros este encontro com o Cristo Vivo, esta descoberta de que Deus é amor."

(Fonte: Henri Caffarel, "Conferência aos Responsáveis de Setor das Equipes de Nossa Senhora", 25 de março de 1973.)

## Trecho da primeira Encíclica do Papa Francisco *Lumen Fidei*

A fé e a família

"Penso, antes de mais nada, na união estável do homem e da mulher no matrimônio. Tal união nasce do seu amor, sinal

e presença do amor de Deus, nasce do reconhecimento e aceitação do bem que é a diferença sexual, em virtude da qual os cônjuges se podem unir numa só carne (cf. Gn 2, 24) e são capazes de gerar uma nova vida, manifestação da bondade do Criador, da Sua sabedoria e do Seu desígnio de amor. Fundados sobre este amor, homem e mulher podem prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira e que lembra muitos traços da fé: prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos, que nos sustenta e permite doar o futuro inteiro à pessoa amada. (...)

Em família, a fé acompanha todas as idades da vida, a começar pela infância: as crianças aprendem a confiar no amor de seus pais. Por isso, é importante que os pais cultivem práticas de fé comuns na família, que acompanhem o amadurecimento da fé dos filhos. Sobretudo os jovens, que atravessam uma idade da vida tão complexa, rica e importante para a fé, devem sentir a proximidade e a atenção da família e da comunidade eclesial no seu caminho de crescimento da fé. (...) A fé não é um refúgio para gente sem coragem, mas a dilatação da vida: faz descobrir uma grande chamada – a vocação ao amor – e assegura que este amor é fiável, que vale a pena entregar-se a ele, porque o seu fundamento se encontra na fidelidade de Deus, que é mais forte do que toda a nossa fragilidade. (...)

## Uma força consoladora no sofrimento

Falar da fé comporta frequentemente falar também de provas dolorosas, mas é precisamente nelas que São Paulo vê o anúncio mais convincente do Evangelho, porque é na fraqueza e no sofrimento que sobressai e se descobre o poder de Deus que supera a nossa fraqueza e o nosso sofrimento. (...) Na hora da prova, a fé ilumina-nos; e é precisamente no sofrimento e na fraqueza que se torna claro como “não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor” (2 Cor 4, 5). (...) O cristão sabe que o sofrimento não pode ser eliminado, mas pode adquirir um sentido: pode tornar-se ato de amor, entrega nas mãos de

Deus que não nos abandona e, deste modo, ser uma etapa de crescimento na fé e no amor. Contemplando a união de Cristo com o Pai, mesmo no momento de maior sofrimento na cruz (cf. Mc 15, 34), o cristão aprende a participar no olhar próprio de Jesus; até a morte fica iluminada, podendo ser vivida como a última chamada da fé, o último “sai da tua terra” (cf. Gn 12, 1), o último “vem!” pronunciado pelo Pai, a quem nos entregamos com a confiança de que ele nos tornará firmes também na passagem definitiva.” (*Lumen Fidei*, 52s.56.)

## Testemunho

Era um dia normal de agosto de 2022 e estávamos, como sempre, participando de um encontro informal com nossa equipe em casal, onde costumamos rezar um terço, compartilhar a comida com nossos amigos equipistas, e nos unirmos num diálogo alegre, que encheu nossas mentes com o conhecimento de quão bem (e às vezes não tão bem) nossos amigos se saíram no último mês.

Depois do meio-dia, chegamos em casa e seguimos a rotina da noite. Ao entrarmos no quarto da nossa neta (que morava conosco desde o nascimento), percebemos que seu corpo estava sem vida. Ela era uma princesinha, era nossa princesinha, que durante 5 anos iluminou nossa vida, com tanta luz, como só um amor sobrenatural pode fazer.

Um ano antes...

Fomos convidados pelo casal responsável da SRHS para servir como casal responsável da Região Sul do Equador, sem esperar por isso e sem o merecer, fomos chamados para um serviço para o qual não nos sentíamos preparados. Depois de um rápido discernimento em casal, dissemos sim, deixando tudo nas mãos de Deus e esperando que Ele guiasse nosso caminho neste novo chamado ao serviço.

Não entendíamos por que havíamos sido escolhidos. Não sabíamos o que Deus tinha reservado para nós.

Esta nova responsabilidade bateu à nossa porta, depois de estarmos 12 anos no Movimento e de termos exercido algumas responsabilidades. O Movimento conseguiu melhorar a nossa relação de casal e fazer de Deus a terceira parte da nossa união: “uma corda de três camadas não quebra”.

Pouco depois da entrada do Movimento nas nossas vidas, íamos à missa todos os domingos, a Eucaristia era o nosso alimento dominical para toda a semana, rezávamos sozinhos e a dois todos os dias, participávamos de retiros anuais, éramos sempre ativos nos serviços e apostolados do Movimento, conseguimos comunicar aos nossos familiares e aos nossos amigos como era bom aproximar-se de Deus, sentíamos que estávamos conseguindo, sentíamos que estávamos alcançando essa sintonia com Deus, que não havíamos merecido até então.

Mas, naquela noite, na noite em que nossa princesinha deixou inesperadamente essa vida terrena, nós nos perguntamos:

O que aconteceu, o que fizemos de mal, onde falhamos?

Não entendíamos nada, tínhamos muitas perguntas e poucas respostas.

Tal como os dois peregrinos de Emaús, estávamos, como casal, imensamente tristes e desorientados. Nos sentíamos vulneráveis e frágeis.

As horas após a perda da nossa princesinha foram marcadas por uma ferida aberta e sangrenta. Precisávamos do amor, do cuidado e da compaixão de nossa família e de nossos amigos, mas, acima de tudo, do amor, da atenção e da compaixão de Deus.

Nos dias seguintes, em meio à confusão e à espera, nossa rotina continuou. Caminhamos de mãos dadas, enquanto esperávamos o tão esperado conforto.

E ele chegou...

Esta dor, se não tivéssemos participado do Movimento, teria sido simplesmente devastadora. Ter-nos-ia destruído como indivíduos, como casal e, portanto, como família.

Esta dor, acompanhada por Deus, foi suportável e nos fortaleceu como pessoas, como casal e como família.

Será que, nos planos indiscutíveis de Deus, a passagem temporária da nossa princesinha pela terra foi um daqueles acontecimentos? E, se sim, talvez Deus tenha nos preparado para isso, durante 12 anos (o tempo que passamos nas equipes)?

Hoje, como casal, pensamos assim:

Acreditamos que Ele nos preparou para um acontecimento tão difícil, assim como preparou nossos irmãos da Equipe 22, para nos proporcionar um conforto físico e espiritual.

Para concluir, gostaríamos simplesmente de dizer que, nas formas misteriosas que Deus tem de agir, Ele nos fez saber que hoje a nossa princesinha usufrui da Sua presença e Ele também quis que escrevêssemos esse testemunho de dor e de tristeza. Dor e tristeza que se transformaram em compaixão e conforto da parte do próprio Deus.

*Lorena e Pepe Luna  
Região Sul do Equador*

## **Rezemos juntos com o Papa Francisco para crescermos na luz da fé:**

“Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.

Abri o nosso ouvido à Palavra, para reconhecermos a voz de Deus e a Sua chamada.

Despertai em nós o desejo de seguir os Seus passos, saindo da nossa terra e acolhendo a Sua promessa.

Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo Seu amor, para poderemos tocá-Lo com a fé.

Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no Seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada a amadurecer.

Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.

Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.

Ensinaí-nos a ver com os olhos de Jesus, para que Ele seja luz no nosso caminho. E que esta luz da fé cresça sempre em nós até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor” (*Lumen Fidei*, 60).

## Perguntas para compartilhar em casal

1. De que forma me deixo inspirar no exemplo do Senhor Ressuscitado, para saber aproximar-me com delicadeza do “jardim secreto” do meu cônjuge? Acolher o seu ser mais profundo numa atitude de respeito e compaixão? Posso perceber que a presença dele(a) em minha vida é um presente do céu a ser explorado constantemente?
2. Damo-nos espaço para receber a fé como uma graça? Como? De que formas concretas podemos nos apoiar uns aos outros, para aumentar a confiança?

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe, seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 15-16):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

## **Perguntas para compartilhar durante a reunião com nossa equipe de base**

1. Quais podem ser os obstáculos que impedem ou retardam o nosso caminho de fé? Podemos identificá-los e nomeá-los? Como podemos apoiar-nos uns aos outros, para compreender melhor esse aspecto da nossa humanidade, sem permitir, no entanto, que ele domine ou guie as nossas vidas?
2. Como testemunhamos a nossa fé nas nossas famílias, nos nossos relacionamentos, na nossa vida cotidiana, na nossa igreja? É através da fala? Ou por um modo ou estilo de vida que pode deixar os outros se interrogar? Podemos compartilhar exemplos de vida concretos sobre esse ponto?

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## **Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel**

### **Magnificat**

## *John Linnell (1792-1882)*



*Aparição de Cristo aos Dois Discípulos  
que Viajavam para Emaús*  
Ashmolen Museum Oxford

John Linnell nasceu em Bloomsbury, Londres. Seu pai, James, era um entalhador e dourador. Logo cedo já colocou seu filho produzindo cópias de obras de pintores famosos à época, que foram vendidas com facilidade. Os talentos artísticos do jovem Linnell se tornaram aparentes em tenra idade e seu pai foi capaz de capitalizá-los. Ele teve contato com artistas desde cedo, e aos 10 anos já desenhava muito bem e vendia retratos em giz e lápis. Aos 13 anos de idade, foi admitido para estudar na Royal Academy de Londres, onde ao longo do curso obteve várias medalhas em desenho, modelagem e escultura.

Linnell era um artista muito versátil, capaz de trabalhar com várias modalidades de instrumentos artísticos. Realizou obras tanto com óleo quanto com aquarelas, pintou miniaturas em marfim e era um gravador habilidoso. Mas foi por volta de 1833 que Linnell começou a utilizar o buril<sup>1</sup>, publicando uma série de esboços baseados nos afrescos de Michelangelo da Capela Sistina. Embora as suas paisagens sejam de grande destaque, pela sua pureza com tomadas de efeito deslumbrante com cores brilhantes, especialmente o nascer ou pôr do sol, todos os outros temas em geral sempre foram muito carregados

---

1. Instrumento com aparência de uma caneta com ponta em forma de “v” para a gravação em metal ou madeira.



de sentimento poético, característica pelas quais Linnell sempre foi conhecido e identificado.

Seu lado religioso permitiu que desenvolvesse trabalhos com temas bíblicos, tais como *A pregação de São João*, *A aliança de Abraão* e *A viagem a Emaús*.

Seu grande sucesso financeiro lhe permitiu comprar uma propriedade em Redhill/Surrey na Inglaterra, onde viveu pintando até os últimos dias de sua vida em 1882.

## A obra

A pintura aqui reproduzida, uma das mais importantes de Linnell, foi exibida na Royal Academy em 1835. Foi baseada em esboços feitos quando Linnell estava intimamente associado aos “Antigos” em Shoreham, grupo de jovens artistas ingleses que eram adeptos do arcadismo na arte. Samuel Palmer, membro deste grupo, foi modelo para o personagem à direita na tela, de chapéu grande. A representação é bem expressiva, com clara demonstração dos discípulos interessados no que Jesus lhes fala. Outro elemento de destaque nesta tela é o ambiente de natureza viva, rica em detalhes montanhosos, céu e vegetação marcantes, recursos estes sempre presentes na maioria de suas pinturas.



# Terceiro Capítulo

## Corações interpelados

**Objetivo:** Descobrir a ternura de um Deus que se inclina para nos interpelar e que é apaixonado por nos ouvir. Nossas experiências de derrota, de sofrimento são tão preciosas para ele, que ele está pronto a se esvaziar para recebê-las, contê-las e transformá-las em experiências de vida.

*“<sup>17</sup>Então Jesus perguntou: ‘O que andais conversando pelo caminho?’ Eles pararam, com o rosto triste, <sup>18</sup>e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: ‘És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes dias?’” (Lc 24, 17-18)*

Jesus é aquele que esteve no centro dos acontecimentos. Ele viajou por toda a Galileia, Samaria, Judeia e arredores com seus discípulos, ensinando, pregando as Boas Novas do Reino. Durante três anos do seu ministério, Jesus continuou a revelar-nos o rosto de um Deus misericordioso. Foi recusado pelos fariseus e pelos Mestres da Lei, seu povo não conseguia entender Sua mensagem, a ponto de Ele ser finalmente crucificado na cruz. Então, Aquele que esteve no centro de todos esses



acontecimentos, Aquele que conhece o coração dos homens, que conhece o significado da dor, da decepção, se aproxima desses dois discípulos e lhes pergunta: O que vocês estão discutindo enquanto caminham? O que aconteceu?

Jesus intervém delicadamente, inclina-se para eles. Através das Suas perguntas, ele os leva a pensar, talvez a ir mais longe, a olhar para além dos acontecimentos. E quando Ele se aproxima, quando Ele intervém, aquilo acontece no seu tempo, à sua maneira. Ele sabe o momento certo, Ele sabe como.

Ele se aproxima, mas sem se impor. Ele quer ouvi-los, entrar no seu mundo interior, ver como eles percebem as coisas. Ele é paciente, diminui seu ritmo, caminha no próprio ritmo deles.

Esse texto com todos os seus detalhes nos convida a nos juntar a estes discípulos no seu caminho, para descobrir, para contemplar o jeito de Jesus. A nossa vida como indivíduos e como casais é uma espécie de caminhada. Percorremos os caminhos da vida e através dos olhos da fé procuramos ver Jesus que nos acompanha em nossos caminhos. É Ele quem toma a iniciativa de se juntar a nós, mesmo nos momentos mais dolorosos, Ele está no centro da nossa vida para nos consolar.

## Um Deus de relacionamento

Quando nossos corações estão fracos e pesados e quando estamos confusos, nosso Deus espera que falemos com Ele

sobre os acontecimentos do dia a dia, o que nos preocupa, o que pesa em nossos corações, o que nos abala em nível pessoal, em nossas famílias, ao nosso redor, no mundo. Muitas vezes, dizemos a nós mesmos: mas Deus sabe tudo, Ele conhece tudo, por que se preocupar em falar com Ele? E nós nos afastamos Dele sem saber. Não percebemos que nosso Deus quer estar em um relacionamento dinâmico conosco. Nosso Deus é um Deus de relacionamento. Ele abre o diálogo: caminha pelo jardim com um desejo de conversar com Adão e Eva; as histórias de Abraão apresentam-nos os encontros como uma relação constantemente reativada em múltiplos diálogos. Um Deus de relacionamento que conversa conosco como amigo. Ele é bem diferente do Todo-Poderoso ou daquele que é eternamente irado, cuja cólera deve ser apaziguada. É Aquele que não apaga o pavio que ainda fumega, Aquele que vai ao encontro da ovelha perdida, que se aproxima da samaritana e inicia toda uma conversa com ela (cf. Jo 4, 4-42).

E o relacionamento com o nosso Deus inclui espaço para nós. Ele nos oferece o espaço para nos expressarmos, para nos dirigirmos a Ele, sem obstáculos. Existimos para Ele. Nas palavras, nos gritos. Ele quer bem ouvi-los. Somos preciosos aos olhos Dele.

Cléofas lhe respondeu: Tu és mesmo o único estrangeiro? Esta é uma das atitudes que podemos ter diante da intervenção de Deus em nossos caminhos. Ele é para nós “um estrangeiro”, que não conhece, que ignora os acontecimentos das nossas vidas. Nós O afastamos para longe de nós, nos limitamos à nossa própria percepção do mundo que nos rodeia. É difícil para nós ver os acontecimentos através dos olhos Dele. (Discutiremos este aspecto do nosso relacionamento com Deus no capítulo 5.)

## **No caminho da confiança**

A nossa vida é um caminho rumo à plenitude da confiança. E dizer que manter a confiança é fácil é estarmos nas nuvens. Todos nós vivenciamos uma batalha espiritual contínua para salvaguardar a fé e a confiança. A nossa vida espiritual tem sido e sempre será uma batalha, pois o mal

nos rodeia, está à espreita, às vezes até nos conquista internamente. Mas isso nunca deve nos assustar, pois nunca somos deixados à nossa própria sorte, não somos órfãos. Não estamos aqui nesta vida largados ao acaso, perdidos no nada. Somos uma criatura amada, desejada e salva pelo sangue do Cordeiro: o Cordeiro de Deus, que se entregou por amor, para nos elevar à santidade. Portanto, não tenhamos medo da batalha espiritual de cada dia, que acabará sendo fonte de crescimento e caminho de conversão.

## **Perseverança, a cada dia, seu combate**

“Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8, 31). Não importa a provação que estejamos enfrentando, se entregarmos nosso coração e nossa vida a Jesus, podemos ter certeza de que o mal acabará por sucumbir. A nossa fé é sobretudo um encontro com Jesus Vivo, que caminha conosco, não num caminho da Judeia, há dois milênios, mas aqui e agora, hoje. Quando confiarmos neste Amor que já atua em nossos corações e em nossas vidas, seremos curados.

## **O Senhor é o meu pastor: nada me faltará**

O mais famoso dos salmos, o Salmo 22(23), nos dá esta bela imagem do pastor que cuida das suas ovelhas e as faz repousar em pastos verdejantes. Ao contrário de outros animais, as ovelhas são frágeis, não podem defender-se elas mesmas com seus dentes ou garras; elas não correm, não sabem cavar para se esconder ou subir em árvores para escapar de seu predador. Elas não conseguem encontrar o seu alimento sem precisar de um pastor que cuide delas. O nosso pastor conhece a nossa fragilidade humana, conhece pelo nome cada uma das suas ovelhas. A beleza deste salmo é ainda acentuada por um pequeno detalhe. Não diz que o Eterno é “um” ou “o” Pastor, mas “meu pastor”, Ele “me conduz” para águas tranquilas, Ele restaura “minha alma”, Ele “me leva” pelos caminhos da vida justa, por causa do Seu nome. Esse salmo é sempre atual, é dirigido a mim, a você, a cada um de nós, hoje.

## E cada um de nós, hoje, chamado à humildade

Experimentemos a Sua proximidade, deixemo-nos tocar pelo Seu amor. Aprendamos a conhecê-Lo, a amá-lo e a segui-Lo sempre um pouco mais. Podemos nos inspirar na experiência de tantos homens e mulheres, que, um dia, encontraram Cristo no seu caminho. Ele atravessou suas vidas. Ele as iluminou e transformou. Eles foram conquistados e transportados por Ele a altitudes incríveis. Tornaram-se tochas vivas de amor por terem encontrado o olhar do Amor infinito a pousar sobre eles. Milhares e milhares de santos e mártires, conhecidos e desconhecidos, que sacrificaram tudo por Ele: dinheiro, poder, amor humano. E esse Amor continua a crescer e a invadir a humanidade ao longo dos séculos.

Ser cristão não significa absolutamente seguir uma sequência de leis e proibições. Pelo contrário, ser cristão significa encontrar a pessoa de Jesus, que me nutre com a Sua Palavra viva. A nossa tragédia hoje é perder esse encontro pessoal com Jesus. Não sabemos disso, porque não O contemplamos longa e amorosamente. Sigamos o exemplo dos apóstolos. Contemplaram Cristo até se tornarem semelhantes a Ele. Eles não fizeram nenhum curso ou exame. Chamados por Ele, seguiram-No, viveram com Ele, em constante proximidade.

Deus está disponível ao encontro, tem modos próprios de encontrar a cada um: a prece, a contemplação, a oração interior, a leitura da Palavra, os sacramentos, a missa, a natureza, as obras de arte, os ícones. E ainda: nas nossas reuniões de equipe, no Dever de Sentar-se. Estamos prontos para o encontro com Ele?

Santa Teresinha de Lisieux escreveu à sua irmã que se debatia na vida espiritual: “Você está tentando escalar a montanha da santidade, mas Deus quer encontrar você lá embaixo, no vale fértil da humildade”. O que sou chamado a compreender é que o Senhor não quer me encontrar na montanha imaginária, no eu das redes sociais, onde sorrio ao máximo, nem nos meus sonhos, mas na minha vida real de todos os dias

(o verdadeiro eu). Seu Amor não pode ser merecido, mas recebido. Ele não me ama porque sou bom, mas porque Ele é Bom e Misericordioso. Ao contrário, posso perder a fé, quando deixar de me relacionar com Ele. Minha relação pessoal, como qualquer laço de amizade, precisa ser nutrida por momentos de encontro. Às vezes percebo que não posso confiar apenas nas minhas forças, mas sim numa comunidade que me incentiva e me apoia. E cada um de nós encontra a fé marcando um encontro com Deus e abrindo os nossos corações para Ele.

## **E nossa vida de casal?**

A nossa relação de casal pode ser alterada por “poluições” que, pouco a pouco e insidiosamente, levam a mal-entendidos, frustrações e sofrimentos. Em última análise, elas chegaram a ameaçar e romper a harmonia do nosso relacionamento. Investigá-las e refletir juntos sobre elas podem nos guiar no caminho da cura.

- Uma atmosfera de tristeza ou monotonia no nosso relacionamento.
- Indiferença aos problemas, alegrias, interesses ou trabalho do outro.
- Elogios raros ou olhar de admiração para o outro.
- Silêncio entre nós, isolamento, períodos “frios” no nosso relacionamento.
- Escassez de atenção, gentileza, ternura entre nós.
- Ciúme, sentimento de insegurança.
- Aborrecimentos, censuras, ressentimentos na vida diária.
- Ausência de projetos ou atividades conjuntas.
- Sensação de ser mais compreendido pelos outros do que pelo seu cônjuge.
- Críticas, aspereza, ironia, insinuações, insultos.
- Fugas contínuas, sozinhas ou em conjunto, como: telas, álcool, drogas, excessos no trabalho, esporte, compromissos etc.

E se nós nos deixarmos inspirar por essa relação íntima com Deus, para construir a nossa relação de casal? Nossa relação, baseada num amor profundo, é tecida e mantida nos pequenos toques do dia a dia. Podemos parar para refletir sobre as diferentes atitudes que podem aumentar o amor no nosso ser casal e na nossa família. Agradecer ao meu companheiro por um serviço prestado, mesmo que me pareça mínimo e normal; perdoar e pedir perdão, mesmo que haja uma indelicadeza sem gravidade. Esses são alguns exemplos, mas a nossa vida é rica de muitos outros. Com efeito, a gratidão, o perdão, a oração em casal, o diálogo sobre os nossos projetos e as necessidades de cada um contribuem para nutrir a relação, tornando-a terna e viva.

**“Por favor”:** Dizer isso gera delicadeza, cortesia e evita uma relação dominante/dominada.

**“Obrigado”:** A gratidão acalma o relacionamento, valoriza o cônjuge e pede um outro dom.

**“Perdão”:** Pedir perdão evita que o relacionamento seja prejudicado por antigos ressentimentos.

**“Senhor”:** Rezar juntos nos une, apaga pequenos conflitos diários e harmoniza os desejos.

**“Nós dois”:** Passar um tempo a dois é essencial, para nos encontrarmos e recuperarmos o fôlego.

**“Quais necessidades?”:** As necessidades de cada um devem ser constantemente exploradas em conjunto e reajustadas, para encontrar um equilíbrio justo.

**“Quais projetos?”:** Podem ser projetos a nível pessoal, para um ou outro de nós, ou projetos conjuntos. Poder dialogar e planejar o futuro juntos é fonte de felicidade e realização mútua.

## O que o Padre Caffarel partilha conosco

“Quantas vezes o amor dos cônjuges e o afeto entre os pais diminuem, precisamente porque deixamos de mantê-los e aprofundá-los. Nossos amores humanos exigem encontros, trocas, momentos de coração para coração. É vital. Da mesma forma, pelo amor de Deus, ele murcha na alma

do cristão que não reserva todos os dias momentos de encontro com o seu Senhor, momentos de troca, de intimidade, ou seja, de rezar. Não é menos vital. E quem me retruca 'Mas, onde queres que eu encontre tempo para rezar?' me deixa imaginando... Toda a questão é saber se é vital comer, toda a questão é saber se é vital rezar."

**Podemos ouvir o que Henri Nouwen nos diz em seu livro *No Coração da Minha Vida. A Eucaristia. Meditação*, na presença de Jesus que nos chama:**

"No caminho de Emaús, Jesus se fez presente através da Sua Palavra e foi esta presença que transformou a tristeza em alegria, o luto em dança. Isso é o que acontece em cada Eucaristia. As Palavras lidas e proclamadas querem nos levar à presença divina e transformar o nosso coração e a nossa mente. Frequentemente, vemos essas palavras como exortações para mudar nossas vidas. Mas o poder primário destas palavras não reside na forma como as colocamos em prática depois de as ouvir, mas no poder divino de transformação, que se exerce quando as ouvimos."

(Fonte: Nouwen, Henri. *No Coração da Minha Vida. A Eucaristia. Meditação*. 1995, p. 49.)

## Testemunho

**Pai:** Cinco anos depois do nosso casamento, tivemos nosso segundo filho, um menino que chamamos de Jalal. Descobrimos que ele tinha um crescimento lento depois dos seis meses de idade. O pediatra nos alertou durante a consulta periódica que ele tinha um atraso no crescimento e que aparentemente era uma criança normal, mas seu comportamento e desenvolvimento eram mais lentos que os de uma criança de seis meses, e que seria preciso esperar para poder fazer uma ressonância magnética, e isso após os doze meses de idade.

**Mãe:** O médico nos aconselhou a iniciar terapias específicas que ele necessitará ao longo da vida, incluindo psicomotricidade, fisioterapia, ergoterapia e fonoaudiologia.

Quando Jalal tinha nove meses, iniciamos sessões de psicomotricidade. Com um ano de idade, realizamos a ressonância magnética cerebral, conforme esperado.

Após o resultado desse exame, nós dois ficamos em estado de choque, os sentimentos que experimentei foram mistos, da tristeza à raiva, da raiva de Deus, da ansiedade à dúvida. Eu tive muitos questionamentos e tive censuras pessoais: qual erro cometi para ter um filho neste estado? Fiquei num estado de frustração, num estado de negação, durante um longo período da minha vida, e tudo o que pude fazer com Jalal foi acompanhá-lo aos médicos e centros para seguir os diferentes tratamentos. O médico nos disse que não havia nada a fazer, senão submetê-lo a esses tratamentos. Além disso, era difícil encontrar médicos competentes e centros especializados perto de nossa casa. Com o tempo, comecei a sentir uma preocupação com minha filha mais velha, Sophie, que estava crescendo. Eu tinha que estar presente na vida dela, acadêmica, social e em tudo que ela amava fazer. Às vezes, eu estava presente e ausente, e tentava ao máximo estar com ela, pelo menos mentalmente.

O que também me ajudou a superar essa fase da minha vida foi o nosso compromisso com as Equipes de Nossa Senhora. No período em que descobrimos o estado de Jalal, foi difícil para mim enfrentar o mundo. Não contei a ninguém, nem mesmo aos equipistas. Foi difícil para mim aceitar isso perante o mundo, precisamente porque tinha medo de seus olhares de pena e sentia que a pena me destruiria. Chegou ao ponto que, durante uma reunião de nossa equipe, eu não quis falar sobre o assunto, mas de repente me senti confortável e abri meu coração para o grupo e contei sobre Jalal e sua condição.

A reação dos membros da nossa equipe de base foi indescritível. Eles nos carregaram em suas orações e continuaram a orar sempre por nós, e nos acompanharam até encontrarmos um estado de tranquilidade e alguns dias serenos. Este sentimento foi lindo e é um testemunho que gostaria de compartilhar para que todos saibam até que ponto as Equipes de Nossa Senhora foram, e ainda são, parte integrante das nossas vidas.

**Pai:** Quando descobrimos o estado de Jalal, vivemos um período muito difícil como conjugues e como família. Como pai pessoalmente, não escondo que passei pelos mesmos questionamentos e sentimentos idênticos aos da minha esposa: tristeza, frustração, decepção e ansiedade. Me perguntava: onde foi que erramos para isso acontecer conosco? Como podemos cuidar de Jalal? Ele será um menino como os outros no futuro? Que cuidados ele precisa? Quem nos ajudará? Seríamos capazes de ajudá-lo a crescer ao longo de sua vida? Perguntava-me, principalmente, por que os médicos nos disseram que ele ficaria muito tempo neste estado. Percebi que a vida não era justa e não sabíamos onde teríamos forças para continuar, e sempre dizia para minha esposa: vamos fazer o que temos que fazer, vamos acompanhá-lo no tratamento, cuidar dele, amá-lo ao máximo, criar um equilíbrio entre o cuidado que temos com ele e o cuidado com a nossa filha, e confiar em Deus para o resto. Deus certamente vai nos ajudar. Confiamos no Senhor, porque Ele está sempre presente ao nosso lado.

Tive que ajudar minha esposa a superar a crise que ela estava passando. Queríamos dar à luz um terceiro filho, mas a dificuldade da situação não permitiu que minha esposa pensasse no assunto, nem que eu me abrisse. Mais tarde, descobrimos que de fato o Senhor estava presente e caminhava conosco, sem sentir a Sua presença. Ele trabalhou de forma extraordinária, dando-nos o apoio suficiente e a força para que pudéssemos aceitar o estado de saúde e os cuidados médicos de Jalal. Não esqueçamos as dificuldades financeiras que acompanharam essa condição. O custo do tratamento foi alto, mas as coisas se resolveram de maneira mágica.

Notamos também que, quando um de nós atravessava um estado emocional ou espiritual difícil, o parceiro, com a ajuda do Senhor, seguia o caminho, então sempre tivemos paz e coragem, pudemos continuar, juntos, a acompanhar Jalal: nós fizemos isso ontem, fazemos isso hoje e faremos amanhã, e até o infinito. Toda a família foi posta à prova, mas esta provação nos ensinou a viver melhor o amor na nossa família e nos fez perceber que o amor incondicional é mais importante, do que o problema em si mesmo. Cada vez que amamos mais, o dom e a alegria brilham para sempre em nossos corações.

## Rezemos juntos com o Salmo 22(23)

O Senhor é o meu Pastor, nada me falta.

Ele me faz descansar em verdes prados, a águas tranquilas me conduz.

Restaura minhas forças, guia-me pelo caminho certo, por amor do Seu nome.

Se eu tiver de andar por vale escuro, não temerei mal nenhum, pois comigo estás.

O Teu bastão e Teu cajado me dão segurança.

Diante de mim preparas uma mesa aos olhos de meus inimigos; unges com óleo minha cabeça, meu cálice transborda.

Felicidade e graça vão me acompanhar todos os dias da minha vida

e vou morar na casa do Senhor por muitíssimos anos.

## Perguntas para compartilhar em casal

1. Temos consciência da importância de manter e cuidar da qualidade do nosso relacionamento como casal? Quais são os passos concretos que queremos dar para uma melhor harmonia?
2. Como podemos ajudar uns aos outros a aprofundar nosso relacionamento com Deus e dar a Ele mais espaço em nossas vidas, em nossas decisões, em nossas orientações?

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe, seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 17-18):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

## Perguntas para compartilhar durante a reunião com nossa equipe de base

1. Dar um testemunho pessoal ou de casal de um encontro pessoal com o Senhor no caminho da nossa vida. Estamos atentos aos sinais da Sua presença e da Sua visita para vir ao nosso encontro?
2. A que mudança(s) somos chamados depois do encontro com ele? Quais são os frutos da nossa conversão que estamos dispostos a compartilhar com os outros?

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel

## Magnificat

## James Tissot (1836-1902)

Jacques Joseph Tissot



*Os Discípulos no Caminho de Emaús* – Museu de Nantes

Foi um pintor nascido em Nantes, um porto marítimo na costa francesa. Filho de um lojista muito próspero e bem-sucedido e católico devoto, assim como sua mãe, Marie Dumont, que desde muito cedo doutrinou o menino na fé cristã. Sem grandes surpresas, o ainda jovem Tissot foi educado num internato administrado por jesuítas.

Como consequência do ambiente portuário em que vivia, suas pinturas sempre tiveram um viés náutico, especialmente temas sobre embarcações.

Logo em 1856 mudou-se para Paris a fim de estudar na Escola de Belas Artes; expôs pela primeira vez aos 23 anos de idade no Salão de Paris.

As características de seu estilo neste seu início de carreira foi como a de um pintor dos "charmes femininos" – série de estudos que ele chamou de *La Femme a Paris* – mulheres muito bem vestidas com elegantes roupas do cotidiano francês da época.

Por volta de 1854, mudou-se para Londres e sofreu grande influência inglesa. Foi quando passou a usar o nome "James Tissot" em razão de seu exagerado interesse por tudo que era originário daquele país.

Em meados de 1870, Tissot conheceu Kathleen Newton, que se tornou sua companheira e modelo para diversas pinturas. A sra. Newton mudou-se para a propriedade de Tissot em 1876, onde viveu com ele até os seus últimos dias.

Seus trabalhos mais importante e grandiosos foram a produção de mais de 700 aquarelas ilustrando a vida de Jesus e cenas do Velho





Testamento. James Tissot viaja para região da Palestina a fim de adquirir mais conhecimento histórico para executar seus trabalhos bíblicos. Mas foi em 1896 que exibe em Paris a série de 350 desenhos e gravuras dos incidentes da vida de Jesus Cristo, e no ano seguinte ele os levou para Londres em outra exposição. Os méritos das ilustrações bíblicas executadas por Tissot são atribuídos aos longos períodos de estudos sobre os cenários descritos nas Escrituras, que o capacitou a retratar com grande precisão e realismo os temas sacros.

Hoje, mais de 500 desenhos, aquarelas e quadros a óleo de James Tissot fazem parte da coleção do Museu do Brooklyn, em Nova York.

## A obra

A cena aqui reproduzida se aproxima da descrição feita por Lucas. Nesta passagem das Escrituras, a rota para Emaús ficava a duas horas de caminhada a pé de Jerusalém. O percurso caracterizado por um solo desértico, aqui representado pelo caminho pedregoso e rústico e com algumas elevações montanhosas que aparecem discretamente na gravura. Os três caminham lado a lado e Jesus, personagem central, conversa com eles. Os dois discípulos manifestam aparente desânimo e preocupação, especialmente por aquele que caminha à esquerda de Jesus, de túnica branca com a mão elevada sobre a cabeça em sinal de desespero. O outro discípulo também parece indignado, mas Jesus procura acalmá-lo colocando Sua mão direita sobre o ombro. O resultado desta cena é impressionante, apresentando uma dinâmica de movimento própria e rica em detalhes nas viagens efetuadas a pé pelas pessoas daquela época, além de toda a expressividade da relação entre eles.



# Quarto Capítulo

## Corações confusos/incertos

**Objetivo:** Explorar a incerteza e a confusão no nosso caminho de fé, na oração, na nossa relação com Deus e descobrir um caminho de abertura à sua presença misteriosa no coração das nossas vidas.

*“<sup>19</sup>Ele perguntou: ‘Que foi?’ Eles responderam: ‘O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. <sup>20</sup>Os sumos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. <sup>21</sup>Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! <sup>22</sup>É verdade que algumas mulheres do*



*nosso grupo nos assustaram. Elas foram de madrugada ao túmulo <sup>23</sup>e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que ele está vivo. <sup>24</sup>Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém viu'." (Lc 24, 19-24)*

Voltamos pelo caminho de Emaús, para nos encontrarmos com os dois discípulos. Certamente, o nosso objetivo é viver uma experiência espiritual, que nos ajude a crescer na fé, como indivíduos e como casais. Percorremos os caminhos de nossas vidas e às vezes sentimos que estamos caminhando no caos, ou, pelo menos, caminhando na incerteza. Com tudo o que levamos nos nossos corações, nas nossas famílias, nas nossas relações, às vezes é difícil para nós compreendermos o significado profundo daquilo que tece a nossa vida e a do mundo.

Observemos o jeito de Jesus, a Sua pedagogia, que não é nada arbitrária. Depois de ter tomado um tempo para se juntar aos discípulos, para compartilhar o cotidiano daquilo que eles vivenciam – a caminhada –, Ele agora se interessa em colocá-los em uma história. Ele reinicia o diálogo e lhes faz a seguinte pergunta: quais acontecimentos? Ele os convida a contar a história do que ocorreu. Uma coisa é vivenciar os acontecimentos, parece, outra é contá-los. É como se Jesus os encorajasse a ajuntar os pensamentos, a escolher as palavras, a organizá-los... E foi exatamente isso que fizeram. Eles começam a responder a Ele. O que estão dizendo? O que é dito sobre Jesus? Como eles estão envolvidos na história que estão contando? Podemos observar algumas palavras:

**Jesus, o Nazareno:** É realmente uma pessoa identificada, conhecida e bem situada na história. Alguém com quem provavelmente conviveram há anos.

**Um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo:** Portanto, não era visto como um homem comum, como os outros. Eles foram testemunhas do Seu ensinamento, das obras das Suas mãos, que trouxeram consolação e cura interior às almas e aos corpos enfraquecidos pelas enfermidades e doenças diversas.

**Os sumos sacerdotes e as nossas autoridades:** Lá, eles estão bem engajados na história, trata-se das autoridades do seu povo, e contam sucintamente toda a história da Paixão e da Morte, sem detalhes, mas falando com horror. Eles esperavam que Jesus fosse o Libertador, aquele que quebraria o jugo da ocupação e restauraria Israel em toda a sua supremacia. Um messias com uma visão totalmente humana. A decepção é do mesmo tamanho que a esperança.

**Já faz três dias que todas essas coisas aconteceram:** Três dias é o tempo para a morte fazer o seu trabalho. Só depois de três dias é que as pessoas eram consideradas verdadeiramente mortas. Esta menção parece essencial para compreender que, antes da alegria da Páscoa, há o fim que a morte nos significa.

Os dois discípulos fizeram bem o seu próprio relato. Sem saber, entraram em contato com esse estranho, justamente porque esse lhes fez uma pergunta e queria ouvi-los. As suas palavras deram forma à experiência emocional deles, à sua frustração, à sua incerteza, ao seu medo profundo, que se esconde por trás de uma grande decepção. E Jesus, aquele que conhece os segredos do coração dos homens (cf. Sl 44,22), precisava ouvir as suas palavras, as suas próprias percepções das coisas, os seus sofrimentos, as suas amarguras. Não é algo estranho? Jesus sabia de tudo! Aquele que esteve no centro de todos esses acontecimentos, qual o sentido de questioná-los sobre os acontecimentos ocorridos?

## Um Deus que questiona

Quando exploramos as Escrituras, notamos que o próprio Deus muitas vezes faz perguntas e indaga. No Jardim do Éden, Deus pergunta a Adão onde ele está e o que fez (cf. Gn 3,9-11). No deserto, Deus pergunta a Moisés o que ele tem na mão (cf. Ex 4,2). Os Evangelhos também nos fazem descobrir Jesus em diálogo permanente com homens e mulheres como nós, mães, homens, doentes, viúvas, cegos... Ele se interessa por aquilo que nos incomoda e nos pede uma palavra. Suas perguntas podem nos levar de volta a uma nova descoberta, talvez até à realização dos nossos desejos mais profundos, daquilo que realmente desejamos.

## Um Deus que se oferece

Jesus nos faz perguntas, para que entremos num relacionamento amoroso com Ele. O Seu objetivo não é fazer discursos moralistas, nos dar uma lei, princípios. Quando Ele fala conosco, Ele fala pouco e nunca diz nada. Ele conhece o preço das palavras e é econômico com elas. Não são discursos longos, mas palavras significativas e profundas. Através da Sua escuta benevolente, Ele deseja sem dúvida nos conhecer, mas também o Seu desejo é nos convidar a entrar em profunda comunhão com Ele. Ele quer nos conhecer e se dar a conhecer. Na verdade, é uma dinâmica relacional bem recíproca.

## Um Deus que liberta

Ao fazer a Sua pergunta, Jesus dá aos discípulos de Emaús a liberdade de contar a sua própria história, a partir da Sua experiência e da Sua realidade. Essa palavra falada se torna portadora do seu estado interior, dos seus sentimentos, dos seus desejos, dos seus medos, das suas esperanças e dos seus sonhos. Essa expressão do seu ser interior lhes permitirá se abrir ao novo, ao que está além, aos horizontes da ressurreição. A palavra oferece um efeito libertador. Colocar em palavras as suas experiências pode aliviar a angústia, restaurar a ordem no espírito e criar um novo espaço para acolher uma nova luz.

## Um Deus que chama

Jesus estabelece um diálogo para entrar em comunicação. Reconhece o valor do seu interlocutor, como parceiro na relação, num clima de respeito pela sua dignidade, como pessoa capaz de receber o dom da esperança e de assumir o seu papel de coator. Um apelo para fazer parte no mistério da ressurreição.

Portanto, certamente, as perguntas que Jesus faz não visam obter informações. Deus é um Pai, que usa a linguagem para ensinar no contexto de um relacionamento. Ele é como um professor que usa perguntas para envolver seus alunos. Jesus nos faz perguntas, para nos convidar a refletir e nos orientar para a verdade. Quando Ele faz uma pergunta, não é porque não saiba a resposta, mas porque deseja que a saibamos.

## E cada um de nós, hoje, chamado a comunicar?

Às vezes, sinto-me desorientado, os meus passos parecem incertos, já não sei mais exatamente onde depositar a minha confiança. Tenho a impressão de andar em círculos, preso num impasse, de não compreender mais o significado dos acontecimentos da minha vida. Indecisão, incerteza,

frustração, medo do futuro são sentimentos desagradáveis, uma tempestade interior, que tira a paz do meu coração. Onde encontrar meu refúgio? Como redescobrir a alegria de viver?

E o Senhor conhece meu coração incerto. Aí, Ele se aproxima e me pergunta o que está me atormentando. Exatamente como fez com os discípulos no caminho de Emaús. Estou pronto para ouvi-Lo, quando Ele me faz uma pergunta. Estou pronto para entrar em comunicação com Ele, para expressar-lhe, livremente, com minhas próprias palavras, o que está incomodando minha mente? Hoje, um novo convite é dirigido a mim: me colocar junto a esses dois discípulos e contar a minha própria história. Entrego-lhe o meu fardo, na confiança de que Ele caminha ao meu lado e me escuta. Hoje, posso me dirigir a Deus com as palavras de Davi no Salmo 138(139): "Senhor, tu me examinas e me conheces. Penetras de longe meus pensamentos. Por trás e pela frente me envolves e pões sobre mim a Tua mão. Para onde irei, longe do teu espírito? Para onde fugirei da Tua presença?" (Sl 138,1.5.7).

Aqueles que acreditam em Jesus podem estar em paz, apesar das incertezas da vida, pois têm a certeza de que seu Pai ama os seus filhos e se preocupa com as suas necessidades (cf. Mt 6, 25-34). Podemos levar a Ele todas as nossas preocupações com gratidão, sabendo que Ele suprirá as nossas necessidades e nos dará a paz. "E a paz de Deus, que supera todo entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos no Cristo Jesus", diz-nos o apóstolo Paulo (Fl 4,7). Dizer que a paz de Deus excede todo o entendimento revela a nossa incapacidade de explicá-la, mas também a possibilidade de a experimentar, pois esta paz guarda o nosso coração e a nossa mente. Nossa paz vem da certeza de que o Senhor nos ama e está no comando de nossa vida. Só Ele nos fornece o consolo que precisamos para nos acalmar, nos encher de esperança e nos relaxar, mesmo em meio a mudanças e desafios. Estamos prontos para embarcar nesta aventura de amor, para nos abirmos ao coração daquele que nos espera e nos amou desde a eternidade? Estamos prontos para renovar todos os dias o nosso desejo de nos dirigirmos a Jesus como um amigo?

## E nossa vida de casal?

Aprender a nos comunicar com Deus nos ajuda a nos comunicar melhor com nosso parceiro e em família. Uma verdadeira e sincera comunicação é um alicerce essencial na vida de um casal. Trata-se de uma arte que se adquire com o tempo. Dizer que comunicar é uma tarefa fácil e que acontece naturalmente e sem qualquer esforço parece, para muitos de nós, uma utopia, porque tensões existem em todos os casais. Comunicar nunca se faz sem desafios de todos os tipos, mas não é algo impossível, pois é um processo de aprendizagem, que se faz com amor e convicção. A felicidade a dois é um trabalho constante, é construída através da força de vontade e do falar a verdade. A comunicação no casal não se limita a falar dos fatos, mas do que sentimos nesta ou naquela situação. Quando um casal confia um no outro, o diálogo permite que descubram a si mesmos e ao outro como são. E isso fortalece o amor conjugal. Além disso, confiar nas suas fraquezas, nos seus medos, nas suas deficiências e saber que são aceitos e amados, apesar de tudo, é fonte de grande alegria na vida em comum. A comunicação gera o desenvolvimento individual de cada um dos parceiros, bem como o desenvolvimento do casal, como uma entidade que vale a pena ser cuidada, para se orientar plenamente rumo à santidade. Todos temos uma necessidade vital de viver a harmonia e o pleno desenvolvimento, e essa necessidade é ainda mais verdadeira no âmbito do casal e da família.

## Oração para se apaixonar novamente

“Ele(a) era meu(minha) amigo(a), meu(minha) amado(a). Hoje, ele(a) é meu(minha) maior inimigo(a). Não é exatamente uma guerra, mas também não é a paz. Ele(a) está sempre ali à espreita, na sala, na mesa, na cama. Suas atitudes, seus maneirismos, suas palavras revelam pela milésima vez o quanto ele(a) me irrita. Ele(a) não entende que o que ele(a) acha insignificante me exaspera. Como contar a ele(a)?

Você pode, Senhor, você que habita seu coração.

Também acalme o meu, porque mal posso esperar que a situação mude. Mostre-me minha parcela de responsabilidade

pelas minhas dificuldades em amar meu cônjuge. E se, ao saber superar a amargura do meu coração, meu amor por ele(a) se tornasse grande e se reforçasse?

Conhecer as expectativas do meu cônjuge é necessário, para que continuemos unidos pelo vínculo do casamento.

Preciso que o meu olhar para ele(a) seja um olhar de confiança e não mais de desconfiança, um olhar de perdão e não de suspeita, um olhar de fé e não de desânimo.

Mude meu coração e o do meu cônjuge, para que possamos saborear a felicidade que você nos prometeu.

Transforme meu coração, para que eu o(a) acolha novamente. Venha abençoar meu cônjuge. Amém.”

(Fonte: de um monge beneditino. Apud: Devoud, Marzena, *“E se o segredo de um casal estivesse na oração pelo cônjuge?”*, site: fraleteia.org)

## **E o mundo em que vivemos?**

No momento da redação desse tema, as notícias continuam falando do mal que persiste sob muitas formas: violência, terrorismo, guerras, assassinatos, destruição, corrupção, violações dos direitos humanos e desrespeito pelas aspirações legítimas: na Ucrânia, na Terra Santa, no Líbano, na Argentina, no Sudão, no Haiti, em Mianmar e em tantos outros cantos do mundo, que vivem a desilusão dos dois discípulos de Emaús: uma desilusão ao ver a força do mal que reina, a mão da morte que destrói a vida. Podemos facilmente desviar o olhar, se estivermos longe, e nos dizer que tudo isso não nos diz respeito, nos deixar, assim, arrastar para a armadilha da indiferença. Ou, ainda, se nos vermos afetados pelo que acontece ao nosso redor nos deixa arrastar para a armadilha do pessimismo e da depressão. Nosso mundo hoje grita de dor em quase todos os lugares. Como podemos reavivar em nossos corações esse raio de esperança, que cresce na força da vida e da ressurreição? Podemos acreditar profundamente na misteriosa força do Amor, que pode trazer consolação, ternura, empatia? Podem as nossas mãos, os nossos olhos, as nossas palavras, os nossos

gestos, por mais singelos que sejam, ser novas sementes de vida, para participar da criação de um novo mundo? Ousamos nos abrir à Esperança?

## O que o Padre Caffarel partilha conosco sobre a beleza do casal cristão

“Deus diz: casal cristão, tu és meu orgulho e minha esperança. Quando criei o céu e a terra, e no céu as grandes luzes, vi em minhas criaturas vestígios de minhas perfeições, e achei isso bom. Quando cobri a terra com seu grande manto de campos e florestas, vi que aquilo era bom. Quando criei inúmeros animais de acordo com sua espécie, contemplei nesses seres vivos e abundantes um reflexo da minha vida transbordante e descobri que aquilo era bom. De toda a minha criação, surgiu, então, um grande hino, solene e jubiloso, celebrando a minha glória e as minhas perfeições. E, no entanto, em nenhum lugar via a imagem daquilo que é a minha vida mais secreta e mais fervorosa. Então, despertou em mim a necessidade de revelar o melhor de mim mesmo: e essa foi a minha mais bela invenção. Foi assim que te criei, casal humano, ‘à minha imagem e semelhança’, e vi que aquilo era muito bom. No meio desse universo, em que cada criatura soletra a minha glória, celebra as minhas perfeições, enfim surgiu o amor, para revelar o meu Amor. Casal humano, minha criatura bem-amada, minha testemunha privilegiada, tu entendes por que tu és querido por mim entre todas as criaturas, tu entendes a imensa esperança que coloco em ti? Tu és o portador da minha reputação, da minha glória, tu és para o universo a grande razão da espera, porque tu és o Amor. Que assim seja.”

(Fonte: Henri Caffarel, “Conferência às Equipes de Nossa Senhora em face do ateísmo”, Roma, 5 de maio de 1970.)

## Extraído do livro de Henri Nouwen

Jesus que nos escuta:

“Quando os dois viajantes voltam para casa lamentando a perda, Jesus vai ao seu encontro e caminha com eles, mas seus

olhos não conseguem reconhecê-lo. De repente, não são mais duas, mas três pessoas caminhando e tudo fica diferente. Os dois amigos já não andam de cabeça baixa, mas olham diretamente nos olhos do estranho que acaba de se juntar a eles e lhes pergunta: Que palavras são essas que vocês trocam enquanto caminham? Eles ficam surpresos, até agitados: você é o único que não sabe o que aconteceu? Eles, então, começam a contar essa longa história; história de perda, história de informações misteriosas sobre um túmulo vazio. Pelo menos, há alguém disposto a ouvir, alguém disposto a ouvi-los falar sobre a sua desilusão, a sua tristeza e a sua total confusão. Nada parece fazer sentido. Mas é melhor contar isso a um estranho do que repetir para si mesmo o que já se sabe.”

(Fonte: H. Nouwen, *No Coração da Minha Vida. A Eucaristia. Meditação*. 1995, p. 39.)

## Testemunho

### Antes

Nosso relacionamento começou com uma forte fé em Deus e o desejo de seguir a Sua vontade. Como qualquer novo relacionamento, encontramos dificuldades e enfrentamos muitos desafios, principalmente quando nos mudamos para um novo país, longe de nossas famílias e nossos amigos. Tentamos manter Deus na nossa vida através das nossas orações individuais diárias e da participação regular na missa todas as semanas, mas sentíamos que Deus estava distante e silencioso. Também tivemos dificuldade em nos comunicar um com o outro. Nossas discussões abertas eram raras, pois estávamos ocupados e apressados com nosso trabalho e nossas responsabilidades diárias. Sentimos como se estivéssemos nos distanciando e perdendo o laço que tínhamos outrora. Achávamos que Deus não estava presente em nossa vida. Com o tempo, nos distanciamos. Tentamos diversas formas de melhorar nossa comunicação, mas o fechamento e a falta de escuta nos impediram isso. A incerteza e a confusão na nossa jornada de fé tornaram o nosso relacionamento com Deus frio e distante.

## Nosso encontro com as ENS

O Senhor, em sua misericórdia e providência, colocou as ENS no nosso caminho. Juntamo-nos a essas equipes, na esperança de encontrar apoio e conselhos para o nosso casamento e nossa vida espiritual. Não esperávamos a mudança positiva que Deus havia preparado para nós. Por meio dessas equipes, aprendemos a praticar o Dever de Sentar-se, um momento mensal em que compartilhamos nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas alegrias, nossas tristezas e nossos problemas uns com os outros. Também aprendemos a orar juntos, ler a Palavra de Deus e buscar sua Vontade. Demorou um certo tempo, para nos abrir e permitir a nosso parceiro entrar em nossos pensamentos. No início, estávamos hesitantes, mas, quando nos lembramos que Jesus estava entre nós, ficamos mais dispostos a ouvir, a partilhar e a melhor nos compreender. Ao seguirmos os passos do Dever de Sentar-se notamos uma mudança positiva em nosso relacionamento. Ficamos mais atentos para ouvir, compreender e valorizar o outro. Percebemos que o amor não era somente um sentimento, mas uma escolha e um comportamento. Nós descobrimos a beleza e a força do segredo da reconciliação, a graça e a paz que ela traz ao nosso relacionamento. Mal podíamos esperar para sentar e conversar, para saber mais. O amor estava sempre presente, mas não era o suficiente. O Dever de Sentar-se foi necessário para transformar o amor, de um sentimento em um comportamento.

## Crescemos no amor e na fé

E o mais importante, sentimos verdadeiramente a presença contínua de Deus em nossas vidas. Percebemos que Ele ainda estava segurando nossa mão ao longo de toda a nossa viagem, mas estávamos tão preocupados com diversas coisas, que não conseguimos O ouvir, nem O reconhecer. Estávamos dispersos e surdos, a ponto de não podermos ouvir a Sua voz entre nós e O reconhecer, tal como os discípulos de Emaús. Deus sempre falou conosco de diferentes maneiras, mas nós não O reconhecemos. Foi Ele quem nos ajudou e nos guiou em nossas decisões e por toda nossa vida. O Senhor está sempre nos esperando à porta, devemos abri-la, para que Ele entre e reine sobre nossa vida.

Aprendemos a confiar em Deus e a contar mais com Ele, entregando a Ele nossos problemas e nossas preocupações. Experimentamos o Seu amor e a Sua graça de uma maneira tangível e nos sentimos próximos Dele e uns dos outros. Descobrimos como estar abertos à Sua presença misteriosa no coração de nossa vida. Agora, nós estamos convencidos, de que Deus sempre está conosco e de que Ele tem um plano e um propósito para o nosso casamento.

## Rezemos juntos a Oração do Abandono

“Meu Pai,  
Eu me abandono a ti,  
Faz de mim o que quiseres.  
O que fizeres de mim,  
Eu te agradeço.  
Estou pronto para tudo, aceito tudo.  
Desde que a tua vontade se faça em mim  
E em todas as criaturas,  
Nada mais eu desejo, meu Deus.  
Nas tuas mãos entrego a minha alma.  
Eu te a dou, meu Deus,  
Com todo o amor do meu coração,  
Porque te amo.  
E é para mim uma necessidade de amor dar-me,  
Entregar-me nas tuas mãos sem medida  
Com uma confiança infinita.  
Porque Tu és...  
Meu Pai!”

*(Charles de Foucault)*

## Perguntas para compartilhar em casal

1. Como cultivamos a comunicação no dia a dia de nossa vida? Estamos conscientes e atentos aos seus benefícios? Às consequências de sua ausência?
2. Quando me comunico com meu parceiro, me revelo e me dou a conhecer. Podemos partilhar experiências nessa área? Qual foi o papel de uma escuta benevolente nessas experiências?

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 19-24):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

## Perguntas para compartilhar durante a reunião com nossa equipe de base:

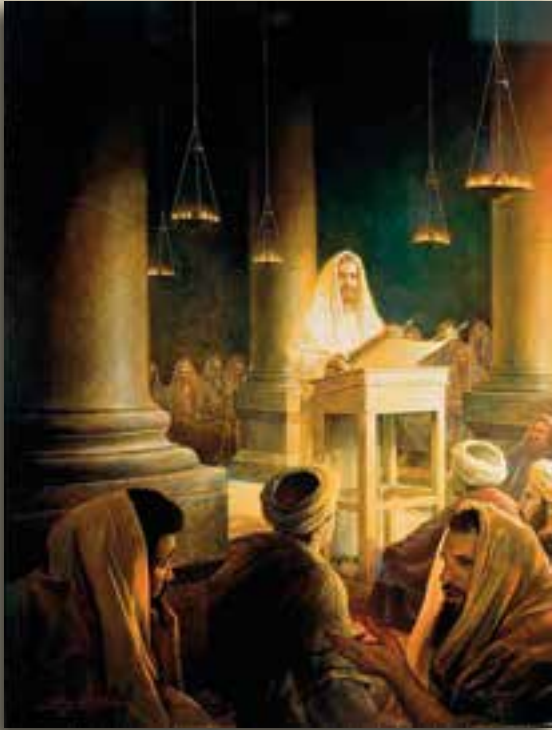
1. Qual é a qualidade da comunicação entre nós como equipistas? Damos espaço suficiente para uma escuta e um respeito mútuo?
2. Cada um de nós pode passar por uma experiência de incerteza em sua vida (individual ou em casal). De que forma estamos disponíveis para nos apoiar mutuamente? Para viver profundamente o espírito de família e de fraternidade?

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel

### Magnificat

## *Greg K. Olsen (1958)*



*Jesus na Sinagoga de Nazaré*

Greg Olsen nasceu em Idaho Falls, em 1958, e foi criado na comunidade agrícola vizinha de Iona nos Estados Unidos. É o mais velho de cinco filhos. Seus pais, Gordon e Janel Olsen, também artistas, sempre reconheceram e encorajaram o amor precoce de Greg pelas artes. Mais tarde, a tutela devotada de um professor do ensino médio consolidou sua afinidade e aumentou sua habilidade técnica artística. Depois de estudar ilustração na Universidade Estadual de Utah, ele foi contratado como ilustrador interno em Salt Lake City, trabalhando em murais e dioramas e até em simples colagens.

Greg Olsen ficou muito conhecido por elaborar gravuras sobre Jesus Cristo. Sendo membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mormons), ficou também conhecido como: "aquele que ilumina a alma e eleva os corações e mentes de seus espectadores com seus temas". Suas pinturas bíblicas estão representadas em templos



religiosos em mais de 20 países ao redor do mundo. Os interesses artísticos de Olsen são habilmente demonstrados em pinturas a óleo que variam do realista ao histórico. Paisagens de cenas da América e do mundo refletem a perfeita beleza do que se passa em sua mente.

## A obra

Ao lado podemos apreciar uma das suas gravuras de tema bíblico, onde Jesus, na Sinagoga de Nazaré, está pregando, ensinando e encorajando-os, do alto de um púlpito, tudo o que os profetas pregaram, aqui representada por uma espécie de Torá. A ambientação é bem característica de um templo com suas exageradas colunas que sustentam o seu interior. Muitos personagens fazem parte da cena demonstrando interesse pelo que o Nazareno lhes prega. Podemos observar também os efeitos de luz e sombra caracterizados pelos queimadores aéreos característicos da época. Uma obra de grande expressão que traduz um momento importante desta passagem bíblica onde Jesus, no templo, procura chamar atenção para o que os profetas, começando por Moisés, a tudo que lhes dizia respeito nas Escrituras.



# Quinto Capítulo

## Corações abertos à Palavra de Deus

**Objetivo:** Descobrir um Deus que se revela através das Escrituras. Somos encorajados a nos empenhar na escuta da sua Palavra que nos ajuda a conhecê-lo na sua verdade e na sua essência que é o Amor.

*“<sup>25</sup>Então ele lhes disse:  
‘Como sois sem inteligência  
e lentos para crer em tudo  
o que os profetas falaram!  
<sup>26</sup>Não era necessário que  
o Cristo sofresse tudo isso  
para entrar na sua glória?’  
<sup>27</sup>E, começando por Moisés  
e passando por todos os  
profetas, explicou-lhes,  
em todas as Escrituras, as  
passagens que se referiam  
a ele.” (Lc 24, 25-27)*

Durante anos, Jesus enfrentou pessoas que não entendiam quem Ele era. Mas isso nunca o desanimou. Ele continua o seu esforço, com o coração ardendo de amor para cada um, para a salvação de cada um. Suas palavras não eram



de uma teologia complicada, mas uma linguagem simples, às vezes com imagens e exemplos tirados da vida cotidiana. Ele queria que sua mensagem chegasse direto ao coração. Mas eis aqui que Ele se depara novamente com estes dois discípulos, que parecem não ter ouvido nada, nada entendido de tudo o que Ele compartilhou, anunciou, limitando-se ao escândalo do anúncio da sua inevitável Paixão.

Tudo acontece para Jesus, como aconteceu para Moisés, confrontado com egípcios de coração duro. O próprio Jesus o expressa bem: “Ele respondeu: ‘Porque a vós foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não. Pois a quem tem será dado ainda mais, e terá em abundância; mas a quem não tem será tirado até o que tem. Por isto eu lhes falo em parábolas: porque olhando não enxergam e ouvindo não escutam, nem entendem’. Deste modo se cumpre neles a profecia de Isaías: ‘Por mais que escuteis, não entenderéis, por mais que olheis, nada vereis. Pois o coração deste povo se endureceu, e eles ouviram com o ouvido indisposto. Fecharam os seus olhos, para não verem com os olhos, para não ouvirem com os ouvidos, nem entenderem com o coração, nem se converterem para que eu os pudesse curar’. Felizes são vossos olhos, porque veem, e vossos ouvidos, porque ouvem! Em verdade vos digo, muitos profetas e justos desejaram ver o que estais vendo, e não viram; desejaram ouvir o que estais ouvindo, e não ouviram. Bem-aventurados, porém, são os vossos olhos, porque veem, e

os vossos ouvidos, porque escutam! Em verdade vos digo, muitos profetas e justos desejaram ver o que estais vendo, e não viram. Desejaram escutar o que estais escutando, e não escutaram” (Mt 13,10-17).

**Espíritos sem inteligência:** Estas palavras de Jesus expressam uma censura, uma crítica? Ou melhor, um convite a reconhecer os nossos limites humanos, o nosso olhar curto e a nossa incapacidade de perceber e compreender o plano de Deus por nós mesmos, através da nossa lógica puramente humana. Um convite a reconhecer que não é através dos nossos pensamentos e raciocínios que nós vamos compreender a Sabedoria do nosso Pai e Criador, mas através de uma abertura do coração às explicações de Jesus?

**Explicou-lhes:** É Jesus Ressuscitado, que venceu as trevas da morte, quem lhes explica as Escrituras. E desta vez eles receberão o dom da inteligência para compreender.

Um pouco mais tarde, em Lucas, Jesus aparece aos seus discípulos, mostra-lhes as mãos e os pés, como eles ainda não podiam acreditar. Come na frente deles, depois explica-lhes tudo o que está escrito sobre ele, revela-lhes o significado do mistério pascal. E Lucas precisa: “Então Ele abriu a inteligência dos discípulos para entenderem as Escrituras” (Lc 24,45). E o Evangelho segundo Lucas termina com a promessa aos discípulos: “Permanecei na cidade até que sejais revestidos da força do alto” (Lc 24,49).

## Um tempo de acolher o dom do Espírito Santo

É quase impossível entrarmos na lógica de Deus e compreendermos em profundidade a Sagrada Escritura, sem o dom do Espírito Santo. Esse Espírito nos foi oferecido pela ressurreição de nosso Senhor e só Ele é capaz de nos abrir os tesouros da Palavra, para que possamos ser no mundo anunciadores desta riqueza inesgotável. “Quem, então, é capaz de compreender toda a riqueza de uma só de tuas palavras, Senhor? O que entendemos disso é muito menos, do que deixamos para trás, como pessoas sedentas

bebendo numa fonte. As perspectivas da sua Palavra são numerosas, assim como são numerosas as orientações daqueles que a estudam. O Senhor coloriu a sua Palavra com múltiplas belezas, para que cada um daqueles que a escruta possa contemplar aquilo que ama. E, na sua Palavra, escondeu todos os tesouros, para que cada um de nós encontre riqueza naquilo que medita” (Santo Efrém).

## O papel do Espírito Santo no nosso aprofundamento da Palavra

Sem a ação do Espírito Santo, corre-se o risco de ficarmos presos ao próprio texto. Somos chamados a descobrir o aspecto inspirado, dinâmico e espiritual de cada texto sagrado. Como nos recorda o apóstolo: “A letra mata, o Espírito é que dá a vida” (2 Cor 3, 6). Assim, o Espírito Santo transforma a Escritura numa Palavra viva de Deus, vivida e transmitida na fé do seu povo santo.

O Espírito Santo atua naqueles que ouvem a Palavra de Deus. É tanto mais verdade que, com Jesus Cristo, a Revelação de Deus atinge a sua realização e a sua plenitude. O que é ainda maravilhoso é que o Espírito Santo continua a sua ação através da vida de cada um de nós. Recordemos que, antes de se tornar um texto escrito, a Palavra de Deus foi transmitida oralmente e mantida viva pela fé de um povo, que a reconheceu como sendo a sua própria história. Portanto, a nossa fé é baseada numa Palavra viva, e não num simples conto ou num simples livro.

## E cada um de nós, hoje?

A história de Deus com seu povo continua. Do Antigo Testamento, que conta todo o caminho do povo de Deus, ao Novo Testamento, que nos revela a pessoa de Jesus como um Irmão, o Filho único do Pai e o Salvador, como posso fazer parte desta história? Como posso receber pessoalmente a Palavra de Deus em minha vida? É preciso não esquecer o ensinamento que vem do livro do Apocalipse, onde se diz que o Senhor está à porta e bate. Se alguém ouvir

a sua voz e abrir a porta, ele entra para cear com ele (cf. Ap 3,20). Cristo Jesus, através da Sagrada Escritura, bate à nossa porta; se ouvirmos e abirmos a porta da nossa mente e do nosso coração, então ele entrará na nossa vida e permanecerá conosco.

Charles de Foucault é reconhecido pela sua paixão pelo seu Amado Jesus de Nazaré. Ele passava horas lendo a Bíblia e meditando. Ele dizia ao seu amigo Louis Massignon em uma de suas cartas: “A leitura e releitura do Evangelho deve ser como a gota que cai dia após dia numa laje e que acaba por deixar aí a sua marca. Uma releitura regular e repetitiva do Evangelho nos marca com o espírito do Evangelho”.

(Fonte: Jean François Six, *A Aventura do Amor de Deus: 80 cartas inéditas de Charles de Foucault a Luis Massignon*, Paris, Seuil, 1993, p. 166-167.)

## Uma palavra para o futuro, mas também para hoje

Sabemos que os textos sagrados têm uma função profética, dizem respeito ao futuro, por exemplo, evocando o Reino que virá na plenitude dos tempos, mas não só. A Palavra de Deus nos fala agora, no tempo presente. Diz respeito ao hoje de quem se alimenta dessa palavra.

**A Palavra de Deus é toda doce:** Traz-nos alegria interior e consolação. Revela a ternura e o amor de um Deus-Pai apaixonado por se juntar a nós numa amizade e intimidade relacional tão únicas. Eis a fonte profunda da nossa alegria. E, nos momentos de provações, perceber que não somos abandonados, mas carregados, apoiados, fortalecidos: misteriosamente salvos.

**A Palavra de Deus também é amarga:** Quando nos damos conta de como nos é difícil viver a Palavra com coerência e às vezes até a recusamos, quando não a achamos válida, para dar um sentido à nossa vida.

**A Palavra de Deus é um desafio:** Provoca-nos, sobretudo, quando se trata de caridade. Constantemente, a Palavra de Deus recorda o amor misericordioso do Pai, que pede aos seus filhos que vivam na caridade. Imitar Jesus na sua compaixão, no seu olhar amoroso, em toda a sua vida, que é a expressão plena e perfeita de um amor divino que se oferece a todos sem reservas. Um dos grandes desafios para a nossa vida hoje é ouvir a Sagrada Escritura e deixar que ela nos transforme, para praticar a misericórdia. Receber essa Palavra como um apelo contínuo para cada um sair do individualismo (que leva à esterilidade), rumo à partilha e à solidariedade.

## **E nossa vida de casal, da intimidade a dois rumo a uma intimidade junto com Deus?**

Conhecer mais Jesus é fruto do desejo de se familiarizar com a sua Palavra, de escutá-Lo cada vez mais. É como querer ficar satisfeito com uma fonte infinita e tão abundante. Na intimidade da nossa relação com Ele, através da oração e da meditação da Sagrada Escritura, Jesus se dá a conhecer e revela o rosto do seu Pai, nosso Pai. Ler, aprofundar e rezar a Palavra, se abastecer com as leituras espirituais, com os testemunhos dos santos, aprender a rezar meditando a *Lectio Divina*: tantos caminhos que podem nos fazer saborear a doçura e a inspiração dessa Palavra. Consagrar um tempo, como o faz um amante com o ser amado, descansar com a Palavra, para que seja recebida, “não como palavra humana, mas como o que ela de fato é: Palavra de Deus” (1Ts 2,13).

Como casais, percebemos concretamente a importância dos momentos passados juntos. É estando juntos que nos aproximamos um do outro. Viver juntos é diferente de estar lado a lado. Fazer coisas juntos é diferente de assumir deveres e obrigações, cada um no seu canto. Damos grande importância ao cultivo da intimidade de casal, à preservação da intimidade sexual, às brincadeiras e risadas juntos: coisas que são extremamente lindas e fonte de alegria para

nós dois. Mas já pensamos em como consolidar a nossa intimidade espiritual? O nosso compromisso nas Equipes de Nossa Senhora nos convida a adotar um Ponto Concreto de Esforço, que é a “Escuta da Palavra de Deus”, que consiste em ler todos os dias uma passagem da Bíblia, especialmente do Evangelho, num clima de calma, de silêncio, acolhendo essa Palavra como vinda de Deus.

Abrir a Bíblia em casal é um maravilhoso instrumento para promover o diálogo, a reflexão e o enriquecimento espiritual do casal. Poderia ser uma aventura, uma oportunidade, uma experiência para crescermos juntos e mais ainda para nos renovarmos no amor um pelo outro e no amor de Deus. Aprofundar a nossa intimidade espiritual nos faz aproximar um do outro e terá um impacto extraordinário no sentimento de unidade no seio do casal e na satisfação intraconjugal.

Ler a Palavra de Deus juntos pode até nos dar espaço para conversar, refletir e aprender a rezar juntos. Ficaremos até surpresos ao descobrir que podemos nos redescobrir à luz da Palavra de Deus. É incrível ver como a Palavra de Deus pode chegar na hora certa, mesmo quando seguimos um plano de leitura. O Espírito Santo sempre garante que lemos a passagem certa na hora certa.

“Para os casais, ler juntos a Palavra de Deus é uma necessidade”, assegura o Papa Francisco na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (a alegria do amor). “A Palavra de Deus é não só uma Boa Nova para a vida privada das pessoas, mas também um critério de juízo e uma luz para o discernimento dos vários desafios que têm de enfrentar os cônjuges e as famílias” (*Amoris Laetitia*, 227).

Lembremos que ler a Bíblia juntos não é uma corrida contra o tempo (talvez, ler juntos uma ou duas vezes por semana, se for difícil fazer todos os dias) nem se trata de uma competição (para ver quem conhece ou entende melhor essa ou aquela passagem). Trata-se apenas de partilhar as nossas reflexões, sentimentos, questionamentos e de nos colocar juntos sob o olhar Daquele que

abençoe os nossos esforços e responderá às aspirações das nossas almas.

## E o mundo em que vivemos?

Se olharmos para o mundo que nos rodeia e abriremos os nossos ouvidos às suas palavras, o que vemos? O que ouvimos? Certamente, nos encontramos submersos no seu barulho, no seu caos. Qual a palavra que o mundo nos dirige hoje?

- Você deve ser uma grande estrela, senão ninguém vai olhar para você.
- Você deve acumular riquezas, quantias em sua conta bancária, caso contrário não terá garantias de sobrevivência.
- Você tem que esmagar os outros para chegar lá, caso contrário eles vão esmagar você.
- Acumule o máximo de reservas que puder em tudo, caso contrário você vai acabar.
- Tenha cuidado com os outros, caso contrário eles irão lhe trair.

E muitas outras palavras que só semeiam medo, angústia, ódio e desconfiança em nossos corações. Palavras que nos penetram no silêncio e nos perturbam. Palavras que ficam bem ancoradas no nosso inconsciente, a ponto de tirarem a nossa paz interior, a alegria do coração, a tranquilidade da mente, deixando-nos com um profundo vazio, no caos.

Estas palavras duras do mundo se opõem à doce Palavra de Deus.

- Você é meu bem-amado, a você ofereci minha vida.
- Você é meu filho, tão precioso aos meus olhos. Abro largamente os meus braços para acolhê-lo.
- Eu confio em você, vai mudar o mundo.
- Não tenha medo de nada, eu vou te protegê-lo.
- Eu amo você e só quero receber o seu amor.

Que palavra(s) você quer ouvir?

As do mundo ou as do seu Deus?

## O que o Padre Caffarel partilha conosco sobre a escuta da Palavra de Deus

“A Escuta da Palavra de Deus, eis a segunda orientação geral que vos proponho. A ascese, no sentido de marcha à santidade, exige uma busca ativa e perseverante de Deus, especialmente pelo estudo das Escrituras. Ora, esse estudo só tem um lugar muito pequeno na vida pessoal dos esposos, na vida do lar, na vida da equipe. De agora em diante, será necessário lançar-se muito mais resolutamente a esse ponto. Veremos, então, os milagres que a Palavra de Deus opera, pois ela é criadora: dá vida àqueles que se abrem à sua virtude, faz surgir a alegria no lar.”

(Fonte: Henri Caffarel, *Conferência Responsabilidade das Equipes de Nossa Senhora*, Roma, 5 de maio de 1970. Apud: Missão do Casal Cristão, São Paulo, Nova Bandeira, 2003, p. 121s.)

Em seus *Cadernos sobre a Oração*, o Padre Caffarel ainda dá grande ênfase à escuta da Palavra de Deus. Ele nos diz: “Sim, Deus fala. Ainda é preciso saber ouvi-Lo. Deus fala aos homens de muitas maneiras”.

Ele define assim a escuta: “Escutar não é apenas uma questão de inteligência. É todo o nosso ser – alma e coração, inteligência e coração, imaginação, memória e vontade –, o qual deve estar atento à Palavra de Cristo, abrir-se a ela, ceder-lhe espaço, deixar-se envolver por ela, invadir, apoderar-se, dar-lhe adesão sem reservas”.

Ele diz ainda: “Para ouvir, talvez devêssemos começar por escutar”.

(Fonte: Henri Caffarel, *Cadernos Sobre a Oração*.)

## O que o Papa Francisco compartilha conosco sobre o lugar da Bíblia em nossa vida

“A Palavra atrai a Deus e envia aos outros. Atrai a Deus e envia aos outros: tal é o seu dinamismo. Não nos deixa fechados em nós mesmos, mas alarga o coração, faz inverter o rumo, altera os nossos hábitos, abre novos cenários, desvenda inesperados horizontes. (...)”

Não podemos prescindir da Palavra de Deus, da sua força suave que – como num diálogo – toca o coração, imprime-se na alma, renova-a com a paz de Jesus, que nos desinquieta em prol dos outros. Se olharmos para os amigos de Deus, para as testemunhas do Evangelho na história, para os santos, vemos que, para todos, foi decisiva a Palavra. Pensemos no primeiro monge, Santo Antão (...) em Santo Agostinho (...) em Santa Teresinha do Menino Jesus (...) em São Francisco de Assis. (...) São vidas transformadas pela Palavra de vida, pela Palavra do Senhor.

Mas pergunto-me: Por que é que não acontece o mesmo a muitos de nós? Muitas vezes escutamos a Palavra de Deus e entra por um ouvido e sai pelo outro, por quê? Decerto porque, como nos mostram estas testemunhas, é preciso não ser ‘surdo’ à Palavra. Este é o nosso risco: arrastados por mil palavras, passa-nos por cima também a Palavra de Deus: ouvimo-la, mas não a escutamos; escutamola, mas não a guardamos; guardamola, mas não nos deixamos provocar à mudança de vida. Sobretudo lemo-la, mas não a rezamos; ora ‘a leitura da Sagrada Escritura deve ser *acompanhada de oração*, para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem’ (*Dei Verbum*, 25). (...)”

Voltemos às nascentes para oferecer ao mundo aquela água viva que ele não encontra; e, enquanto a sociedade e as redes sociais acentuam a violência das palavras, concentremo-nos na mansidão da Palavra de Deus que salva, que é mansa, que não faz rumor, que penetra no coração.

E, para concluir, vamos deixar alguns questionamentos: Que lugar reservo eu para a Palavra de Deus na casa onde

moro? Lá haverá livros, jornais, televisões, telefones, mas onde está a Bíblia? No meu quarto, tenho ao alcance da mão o Evangelho? Leio-o cada dia para encontrar nele o rumo da vida? Na bolsa, trago um pequeno exemplar do Evangelho para o ler? Muitas vezes dei de conselho que tivéssemos sempre conosco o Evangelho: no bolso, na bolsa, no veículo. Se, para mim, Cristo é mais querido do que qualquer outra realidade, como posso deixá-lo em casa e não trazer comigo a sua Palavra? E a última pergunta: Já li, na íntegra, pelo menos um dos quatro Evangelhos? O Evangelho é o livro da vida, é simples e breve, mas muitos crentes nunca leram um do começo ao fim."

(Fonte: Homilia do Papa Francisco, "Domingo da Palavra de Deus", 21 de janeiro de 2024, Basílica de São Pedro.)

## Testemunho

"Os seus discípulos lhe perguntaram: 'Rabi, quem pecou para que ele nascesse cego, ele ou seus pais?'

Jesus respondeu: 'Nem ele nem seus pais pecaram, mas é uma ocasião para que se manifestem nele as obras de Deus'" (Jo 9,1-3.)

Quando recebemos a notícia da minha gravidez inesperada aos 44 anos, qual foi a nossa alegria, como em todas as gestações anteriores. Nossa família era composta de cinco pessoas, meu marido e eu, nossas duas filhas de 18 e 17 anos e um amor de menino de 8 anos. Sendo um casal que já faz parte das Equipes de Nossa Senhora há anos, a nossa oração conjugal consistia sobretudo em consagrar a nossa família ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração Imaculado da Santíssima Virgem, pedindo apenas a santidade da nossa família, para que um dia nos encontremos unidos em nosso eterno lar celestial.

No dia da minha ecografia, com nove semanas de amenorria, tivemos o primeiro choque: o anúncio de uma espessura bastante significativa do colo do feto, que só seria diagnosticada nas doze semanas de gravidez, mas que era bastante óbvia para ser negligenciada. Sendo parteira,

entendia a gravidade da situação, nosso bebê provavelmente teria a síndrome de Down.

Foi o início de um conflito. Foi um misto de sentimentos de decepção e culpa, pois engravidar com uma idade tão avançada não era isento de riscos.

O conflito estava na divergência de pontos de vista entre meu marido e eu. Para mim, a vida é um presente de Deus e meu bebê precisava de mim para protegê-lo. E como eu já tinha tido cinco abortos, sabia que essa gravidez era arriscada, mas o meu bebê era forte o suficiente para sobreviver. Para meu marido, a situação era catastrófica, ele estava em estado de negação. Recusou a verdade, recusou-se a aceitar a gravidez e sobretudo recusou-se a enfrentar o seu meio familiar e social e o que as pessoas diriam. Ele temia as repercussões sobre a nossa família e o futuro o assustava.

Com quatorze semanas, foi realizada uma biópsia do trofoblasto para a cariotipagem, certificando o diagnóstico de que nosso bebê era um menino com síndrome de Down. Da mesma forma, a ultrassonografia realizada mostrou uma malformação cardíaca bastante significativa. E o ginecologista nos contou que ele tinha um buraco muito grande no coração. Minha resposta foi: meu Deus é o maior! E, pela segunda vez, nosso bebê forte o suficiente enfrentou as complicações dessa punção com risco de interrupção da gravidez e salvou a vida. George, meu marido, começou a consultar padres e bispos em busca de apoio, explicações e alguém que apoiasse o seu ponto de vista, mas obviamente nenhum defendeu a sua causa. Principalmente porque os três ginecologistas que consultamos eram a favor da interrupção da gravidez. Que esta criança não vai viver e, se sobreviver, será um fardo para a família e terá que sofrer muito. Meu marido ficou indeciso, até o dia em que fui categórica e lhe disse que estamos de passagem por essa terra e nesses poucos anos que vamos viver, vamos vivê-los segundo a vontade divina, segundo os planos de Deus. E como mãe dessa criança e enquanto ela estiver dentro de mim, irei protegê-la até o último momento, mesmo que ela for nascer para viver alguns minutos.

A minha gravidez não correu sem complicações, sofri de uma diabetes gestacional bastante grave e consegui levar a gravidez até as 36 semanas de amenorria. Charbel, nosso menininho, nasceu prematuro, mas, mais uma vez, esse bebê, bastante forte e agarrado à vida, está ali. No entanto, durante o trabalho de parto, enquanto esperava minha vez de fazer uma cesariana, os sons do coração de Charbel pararam completamente. O som do alarme tocou e fui levada às pressas para a sala de cirurgia. Nesse ínterim, levei comigo o óleo bento vindo do mosteiro do nosso grande São Charbel – chamado o médico do céu, meu pequeno Charbel levava o seu nome. Fiz uma grande cruz no meu ventre com este óleo milagroso e pedi a intercessão de São Charbel para salvar meu filho. Preparada com urgência para a cesariana, o ginecologista pediu para pegar os sons do coração pela última vez antes de iniciar a operação e, eis o milagre! Charbel estava vivo! Seus batimentos cardíacos foram retomados.

Charbel permaneceu na área da reanimação neonatal por 25 dias. Tinha icterícia, problemas de coagulação sanguínea e dificuldade para comer. Através das orações familiares e da Equipe de Nossa Senhora, Charbel conseguiu superar todos esses obstáculos.

Aos quatro meses de idade, Charbel foi submetido a uma cirurgia cardíaca aberta. De acordo com os médicos, ele deveria ficar de quatro a cinco dias na UTI, porém as coisas não saíram como planejado e nosso bebê campeão enfrentou diversas complicações e infecções, o que fez com que ele permanecesse na UTI por 21 dias. Durante todo o período de sua internação, as senhoras do grupo do terço, do qual eu fazia parte, vinham rezar o terço todos os dias no hospital com a intenção da cura de Charbel, que estava entre a vida e a morte. Resultado: Charbel sobreviveu a uma operação de alto risco.

Como não ver, depois desta experiência, que Charbel foi enviado por nosso Senhor e Deus? Ele estava lá para viver. Ele sobreviveu através da oração, da perseverança e do amor.

Atualmente, Charbel tem cinco anos, é o favorito de seu pai, que lhe dedica um amor infinito. E a vergonha do pai diante de um futuro desconhecido, diante de um filho com síndrome de Down, se transformou em orgulho pelo Charbel, a criança inteligente, fofa, cheia de vida e alegria. Charbel é a fonte de amor em nossa família. Ele é o pilar da união de todos os seus membros, que se unem para cuidar dele e servi-lo e, sobretudo, um caminho para crescer na santidade. Jesus tem seus próprios meios para responder às nossas orações. Charbel é o milagre da nossa vida.

“Hoje, traga-me as almas mansas e humildes, assim como as das crianças, e mergulhe-as na minha Misericórdia. São as que mais se assemelham ao meu Coração. Elas me confortaram em minha amarga agonia. Eu as vi como anjos terrenos vigiando meus altares. Sobre elas derramo torrentes de graça. Só uma alma humilde é capaz de receber a minha graça. Nestas almas, coloco a minha confiança.” (Palavras do Senhor Jesus a Santa Faustina)

*Rita e Georges Khalil*

## Rezemos juntos

“Ó Senhor Jesus Cristo, abre os olhos do meu coração, para que eu possa ouvir a tua Palavra, entender e fazer a tua Vontade, pois sou um estranho na terra. Não esconda de mim os teus mandamentos, mas abra os meus olhos, para que eu possa perceber as maravilhas da tua lei. Conte-me as coisas ocultas e secretas da tua Sabedoria.

Em Ti, coloco minha esperança, ó meu Deus, para que Tu ilumines minha mente e meu entendimento com a luz do Teu conhecimento, não apenas para valorizar estas coisas que estão escritas, mas para cumpri-las; que através da leitura da vida e das palavras dos santos, eu não possa pecar, mas que aquilo sirva para minha restauração, minha iluminação e minha santificação, para a salvação de minha alma e a herança da vida eterna. Pois Tu és a iluminação daqueles que estão nas trevas, e de Ti vem toda boa ação e todo dom” (São João Crisóstomo).

## Perguntas para compartilhar em casal

1. Concretamente, qual é o lugar que damos à Palavra de Deus na nossa vida cotidiana? Existem novas decisões que podemos tomar juntos para consolidar a nossa intimidade espiritual com Deus?
2. A que mudança(s) somos chamados na nossa relação de casal, à luz da Escuta da Palavra de Deus?

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe, seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 25-27):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

## Perguntas para compartilhar durante a reunião com nossa equipe de base

1. Podemos compartilhar uma experiência espiritual, onde a Palavra de Deus deve ter tocado ou transformado nosso coração, nossos pensamentos, nossas atitudes, nossas ações?
2. Qual o impacto das palavras “do mundo” na nossa vida? Como podemos permanecer alicerçados na confiança à Palavra de Deus?

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel

### Magnificat



Entre as melhores esculturas de marfim da coleção Cloisters, esta placa retrata a aparição de Cristo a dois de seus discípulos após sua ressurreição. Cristo, que é distinguido por sua auréola em baixo relevo, encontra os discípulos ao longo da estrada para a cidade de Emaús perto de Jerusalém, que, embora não O reconheçam, eles O incentivam a ficar na cidade. Uma vez dentro de Emaús, eles finalmente O reconhecem quando Ele parte o pão para a refeição noturna compartilhada. A julgar pelo formato horizontal e pelos recessos ao longo da borda superior para acomodar dobradiças, esta placa serviu como o painel traseiro de uma caixa luxuosamente trabalhada para uma Igreja.

Originalmente, as imagens rebaixadas de pássaros e flores nas bordas eram preenchidas com folha de ouro.

O uso do marfim como matéria-prima na execução de obras dessa natureza permite uma leveza no resultado final, além de fina e rica em detalhes. Mas também indica a importância do assunto. Para os povos do antigo Sacro Império Romano, especialmente nas representações de seres humanos, os artistas da época procuravam representar os textos religiosos sagrados em seus trabalhos numa placa única.



## *Placa em marfim com cenas em Emaús*

*850-900 d.C.*

Norte da França  
Período Carolíngia<sup>1</sup>

*Metropolitan  
Museum of Art  
The Cloisters  
Collection<sup>2</sup>*

Outra característica marcante nessas obras eram seus contornos arredondados, detalhe marcante da arquitetura germânica medieval usada para representar as igrejas e palácios durante o reinado de Carlos Magno.

1. A arte **carolíngia** refere-se ao período de Carlos Magno, estendendo-se pelos seus sucessores entre 780 e 900 d.C. e alargando a sua influência ao período posterior da arte ottoniana. Com forte herança céltico-germânica, a arte carolíngia inspira-se na arte romana da Antiguidade Clássica no chamado renascimento carolíngio, resultando numa comunhão entre elementos clássicos e o característico espírito emocional e conturbado da Idade Média. Carlos Magno foi a figura política mais poderosa da Alta Idade Média, pois seus exércitos assumiram o controle de extensos territórios ao norte da Europa. Carlos foi responsável pela propagação do Cristianismo e pelo ressurgimento da arte antiga. Após sua coroação, tornou-se grande patrono das artes.
2. Área do Metropolitan Museum of Art dedicado especialmente à arte e escultura.



# Sexto Capítulo

## Corações ardentes

**Objetivo:** Caminhar juntos ao encontro de um Deus que aguarda nosso convite para entrar e ficar conosco, durante a noite, numa intimidade incomparável.

*“<sup>28</sup>Quando chegaram perto do povoado para onde iam, ele fez de conta que ia adiante. <sup>29</sup>Eles, porém, insistiram: ‘Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!’ Ele entrou para ficar com eles.” (Lc 24, 28-29)*

Agora, nossos dois viajantes parecem chegar ao seu destino. A viagem deles foi bastante longa, de Jerusalém a Emaús. Eles tinham decidido deixar o lugar da sua grande desilusão, o lugar onde a morte parecia ter reinado. Eles decidiram fugir, ficar longe da realidade que os entristece. Não é esta uma experiência familiar para cada um e cada uma entre nós? Ter a sensação de que precisamos fugir, ficar longe quando a vida está dura, quando nos pesa e quando não aguentamos mais? Quando a nossa decepção



é tão grande, os nossos sonhos desfeitos, o nosso mundo virado de cabeça para baixo, então ficamos tão perdidos, sem saber mais quem somos, para onde vamos, o que vamos fazer a seguir, que o futuro nos espera. A reação que poderíamos ter, então, seria fugir também, isolar-nos, voltar atrás. Nossa fé não parece mais viva: por que Jesus ainda não respondeu essa oração? Por que ainda estou em uma situação tão difícil?

Nessa viagem de regresso, o evangelista Lucas nos recorda que, em Jesus, Deus se torna próximo dos homens e toma parte na sua história. Nos nossos caminhos de vida, Jesus Ressuscitado se torna companheiro de viagem. Embora Ele tenha ensinado longamente os dois discípulos durante a viagem para Emaús, nada foi feito, seus olhos ainda não se abriram. Eles ficam presos à história do túmulo vazio e não acreditam. Nas suas mentes, que lutam sem conseguir compreender, é uma noite escura. E essa noite se torna o pretexto ideal para abraçar Jesus: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando” (Lc 24,29).

Os dois discípulos exortam Jesus a ficar em casa, talvez porque seja perigoso viajar sozinho à noite, pois pode-se encontrar bandidos ou ser atacado por feras selvagens. No entanto, quando os seus olhos se abrem e reconhecem Jesus, regressam novamente a Jerusalém, no meio da noite!

Compreendemos, então, que Jesus se juntou aos discípulos, não na noite que cai no final do dia, mas **na noite deles**, na noite das suas dúvidas e das suas relutâncias em acreditar no que a Escritura anunciava.

É na noite da dúvida deles e da incompreensão que eles imploram a Jesus para ficar. Jesus aceita o convite imediatamente. Ele se juntou a eles naquilo que eles não entendiam, mas já há algo começando a mudar em seus corações. E agora Ele vem para ficar com eles, Ele quer ficar com eles. E a partir do momento em que os discípulos são iluminados na sua noite, a noite não é mais um problema, eles voltaram para Jerusalém sem medo. Quando Cristo vem nos iluminar em nossa noite espiritual, Ele afugenta os medos, os medos profundos que nos habitam, e isso nos permite aproximar da noite da vida, da noite das provações, tendo a fé de que o Senhor está conosco.

## Nossa jornada espiritual pode atravessar “a noite da fé”

Na vida de qualquer crente, incluindo místicos e santos, uma experiência espiritual bastante singular pode surgir às vezes ao longo da vida. O carmelita espanhol João da Cruz foi o primeiro a usar a expressão “a noite escura da alma” também chamada de “noite da fé”. Uma provação espiritual, na qual não se sente mais a presença de Deus por um período de vida mais ou menos longo.

Uma experiência paradoxal que pode acontecer com todos os fiéis, porque é no auge da fé que se vive a ausência de Deus. Muitos místicos e santos experimentaram isso, como Teresa de Lisieux, Maria Noel, Madre Teresa de Calcutá. O exemplo delas nos mostra como a vida cristã é um combate, e também nos mostra como suspeitamos erroneamente sobre o amor de que somos capazes e sobre a força criativa que está em nós, os quais não devemos renunciar.

Maria Noel se questionava como é possível admitir a bondade de um Deus criador e a existência do mal. Ela se

perguntou se havia um segundo Deus. E ela claramente gritava sua revolta em seus poemas.

Para Madre Teresa de Calcutá, até o desejo de amar parecia desaparecer. Desde que deixou o seu convento para dedicar a sua vida aos mais pobres dos pobres, entrou na “noite da presença”. Ela não sentia nada, nem sentimento, nem satisfação, nem sensibilidade, nem fervor, nem vontade de orar. Tudo o que restou para ela foi o sofrimento, que ela ofereceu como se parecesse ser a única oração possível.

Para Teresa de Lisieux, ela passou por uma purificação profunda que a levou a uma intimidade totalmente nova com Jesus e à descoberta do seu “pequeno caminho”, pelo qual ela seguiu, para ela amar Jesus e para o fazer amar.

## **A promessa de Jesus: “Estou sempre convosco, até ao fim do mundo”**

Jesus nos prometeu isso. Ele estará conosco e essa promessa não foi dirigida apenas aos discípulos, mas é válida também para nós hoje. O que essa promessa significa? É a garantia da presença de Jesus, para nos confortar e fortalecer nos tempos difíceis? Jesus está nos prometendo que sentiremos ou veremos sua presença, talvez por meio de respostas a orações ou milagres?

No Antigo Testamento, é Deus quem faz a promessa – “Eu estarei contigo” – a Abraão, Isaque, Jacó e Moisés. E cada vez, Deus se compromete a cumprir sua promessa. A sua promessa para nós, por intermédio do seu Filho bem-amado, é nos libertar das forças do mal e nos oferecer a vida eterna na alegria dos filhos do Pai. Nosso caminho de fé é apenas um caminho rumo a ele no Amor. E nada pode nos separar dele e nos privar do cumprimento dessa promessa. Uma coisa nos é pedida: de abrir-nos à sua presença.

## **E cada um de nós, hoje, impelido a suplicar para Jesus ficar?**

Quando atravessamos a noite das provações, das dúvidas, da tibieza espiritual, confrontados com questões dolorosas demais, e quando o caminho da fé se torna um longo caminho, incerto, onde nada vemos e nada entendemos, somos tentados a nos retirar para si mesmos e abandonar tudo.

Quando não compreendemos, quando estamos bloqueados na nossa fé por uma situação, o Evangelho nos exorta a invocar a presença do Senhor Ressuscitado. É a presença do Salvador que é capaz de nutrir a nossa fé e pôr fim à nossa noite. Deixemo-nos acompanhar pelo Senhor, reivindicemos a sua presença: “Fica conosco”, para que a sua presença e a sua Palavra ardam em nossos corações e iluminem os nossos espíritos.

Nossas dúvidas e nossas tristezas podem nos impedir de compreender as promessas de Deus. Mas, mesmo assim, mesmo sem entender nada, será que podemos nos contentar por sua simples presença? Os dois discípulos sentiram algo mudar dentro deles, ainda não tinham compreendido nada, mas tinham um desejo, um anseio no coração de ter Jesus com eles, como alguém que começamos a descobrir e a apreciar e que queremos conhecer mais. Jesus concorda em ficar e passa a noite com eles.

## **A fé não se alimenta apenas de palavras, mas de uma presença**

Estou tomando a iniciativa de convidar o Senhor para ficar comigo? Nos momentos de prece, oração, meditação, adoração ao Santíssimo Sacramento, eu empenho meu coração a desejar e reivindicar sua presença. Aprendo com os discípulos de Emaús a convidá-lo, a expressar-lhe o meu desejo de não me isolar, mas de me abrir à sua presença misteriosa, mesmo na noite das provações, mesmo na noite da fé. Se sou tão incapaz de compreender, de

sentir a sua presença e a sua intervenção na minha vida, isso não me impede de lhe dizer: “Fica, Senhor. Preencha o meu vazio com a tua presença, as minhas trevas com a tua luz.

## **Fica conosco, esta é a oração dos discípulos de Emaús**

O caminho dos dois discípulos nos oferece um modelo e uma consolação, que nos ajuda a descobrir a presença de Deus, que caminha e permanece conosco. Uma bisavó disse ao seu bisneto sacerdote: “Quando você ama alguém, basta repetir-lhe palavras simples, basta pedir a Deus e aos seus santos para ficar conosco”. Tal era a sabedoria de uma bisavó na oração.

Este texto de Emaús assegura-nos a descoberta da primeira oração pronunciada por esses dois discípulos: Fica conosco, Senhor. Podemos torná-la a nossa. Somos chamados a repetir essa oração bíblica, tão simples e profunda, que se tornou uma oração da Igreja primitiva.

## **E nossa vida de casal?**

Nas nossas equipes, recebemos a graça de estarmos juntos, para nos reabastecer e afirmar que o casamento, se nós empregarmos os meios, é um caminho de felicidade e crescimento na fé. Chamados a uma oração cotidiana, a uma proximidade com o Senhor através da leitura regular da Bíblia, se possível juntos, nós pedimos ao Senhor para ficar conosco.

A sua presença conosco não exclui os problemas, os momentos de cansaço e desânimo. A santidade também não está no sucesso permanente, nem nos livra de vez das tentações. As confidências de casais venerados, como Louis e Zélie Martin (pais de Teresa de Lisieux), Charles e Zita de Habsburgo, Frédéric e Amélie Ozanam, dentre outros, nos revelam três coisas a cultivar: aprender a amar, a servir e a acolher. O Papa Francisco o descreve como “um caminho de amadurecimento, onde cada um dos cônjuges é um instrumento de Deus

para fazer crescer o outro. É possível a mudança, o crescimento, o desenvolvimento das potencialidades boas que cada um traz dentro de si” (*Amoris Laetitia*, 221).

O Papa continua: “Cada matrimônio é uma ‘história de salvação’, o que supõe partir de uma fragilidade que, graças ao dom de Deus e a uma resposta criativa e generosa, pouco a pouco vai dando lugar a uma realidade cada vez mais sólida e preciosa” (*Amoris Laetitia*, 221). Somos chamados a viver uma vida comum de uma forma extraordinária, inspirando-nos na Palavra de Deus e abrindo espaço para Ele entre nós.

## **Eis algumas palavras inspiradoras desses casais sobre o amor conjugal:**

“Nossos sentimentos sempre estiveram em uníssono”  
(Santa Zélia Martin)

“Agora, devemos nos ajudar, uns aos outros, para ir ao céu”  
(Beato Carlos da Áustria)

“A vida terrestre, vivida no pensamento permanente inspirado pelo próprio Deus, de fazer feliz a pessoa que amamos. Eis o que é o casamento” (Beata Maria Quattrocchi)

“O amor é o desejo de trazer alívio, consolo, prazer ao ser amado e a preocupação constante em satisfazer seus desejos mais secretos e inimagináveis” (Beata Maria Quattrocchi)

“Você sabe, minha bem-amada, que a vida é uma escola onde Deus educa os cristãos: nessa escola há anos trabalhosos, difíceis, mas você também sabe que o Mestre é bom, que as lições só tendem a nos tornar melhores e mais perfeitos” (Beato Frederico Ozanam)

## **Podemos refletir pessoalmente e em casal a partir deste trecho do livro de Nouwen:**

“Jesus é uma pessoa muito interessante, suas palavras são cheias de sabedoria. Sua presença é reconfortante. Sua

gentileza e sua bondade nos tocam profundamente. Sua mensagem é cheia de desafios. Mas nós O convidamos para nossa casa? Queremos que Ele aprenda a nos conhecer como realmente somos, atrás dos muros da nossa privacidade? Queremos apresentá-Lo a todos aqueles que nos são queridos? Queremos que Ele nos veja em nossa vida de todos os dias? Aceitamos que Ele nos toque nos lugares mais vulneráveis? Queremos que Ele visite os fundos da nossa casa, as peças que preferiríamos guardar duplamente trancadas? Queremos mesmo que Ele more conosco quando começar a escurecer, quando o dia estiver chegando ao fim?" (p. 60).

## **E o mundo em que vivemos?**

A nossa vida cotidiana, no meio desse mundo, pode parecer humilde e escondida. Até o amor que temos uns pelos outros, pela nossa família, pode ser vivido de forma discreta, silenciosa. Enquanto isso, a vida do mundo busca a propaganda, o sucesso, os aplausos, as luzes, as afirmações narcisistas sobre as redes sociais...

O nosso Senhor Ressuscitado nos chama a permanecer com Ele, com Ele no amor, na paz, enquanto o mundo nos chama ao ódio e à divisão, à guerra e à destruição, a tomar partido de uns contra os outros...

Enquanto o Senhor nos chama a viver a caridade, o mundo nos empurra para a indiferença e o individualismo.

Qual a nossa posição diante do que o mundo nos oferece? Acreditamos no valor dos pequenos gestos que podem mudar o mundo, mudar a sua face, à imagem do fermento na massa?

## **O que o Padre Caffarel partilha conosco sobre a oração que é uma intimidade com Deus que sempre nos espera**

Quando, ao chegar em uma cidade desconhecida (à rodoviária, à estação, ao aeroporto), ninguém nos espera, somos

naturalmente tomados por uma sensação de tristeza. Se, ao contrário, um rosto alegre nos acolhe, se mãos se estendem para nós, logo nos sentimos maravilhosamente reconfortados, livres da cruel impressão de estarmos desorientados, perdidos. Que importam, então, os costumes, a língua, toda essa enorme cidade desconcertante? Suportamos muito bem sermos estrangeiros para todos, desde que sejamos um amigo para alguém.

É reconfortante ainda descobrirmos que nossos anfitriões nos esperavam. Pais e filhos não precisam dizer muita coisa para que o adivinhemos: o seu acolhimento, uma certa ansiedade, são suficientes. No nosso quarto, aquelas flores, aquele livro de arte (porque nos conhecem os gostos) acabam por nos convencer disso.

Desejaria, meu amigo, que, entregando-se à oração, você tivesse sempre a profunda convicção de ser esperado: esperado pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, pela Família trinitária. Aí você tem o seu lugar preparado: lembre-se, com efeito, do que disse o Cristo: “Vou preparar-vos um lugar”. Você objetar-me-á, talvez, que Ele falava do céu. É verdade. Mas exatamente a oração é que é o céu, ao menos no que ela tem de essencial: a presença, o amor, o acolhimento de Deus a seu filho.

O Senhor ouve-nos sempre.

Melhor: quando apenas damos alguns passos, ele já vem ao nosso encontro. Recorde-se da parábola: “Estando ele ainda longe, seu pai viu-o, foi tomado de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e abraçou-o longamente”.

E, no entanto, este filho tinha ofendido gravemente seu pai. Isso não impediu que fosse esperado, com impaciência.

(Fonte: Henri Caffarel, *Na Presença de Deus. Cem cartas sobre a oração*, Cascais, Lucerna, p. 8s.)

## O que o Papa Francisco compartilha conosco

“Na verdade, se o Deus do céu está próximo, não estamos sozinhos na terra e, mesmo nas dificuldades, não perdemos

a confiança. Esta é a primeira coisa a dizer às pessoas: Deus não está distante, Ele é Pai. Deus não está longe, Ele é Pai, o conhece e o ama; Ele quer segurar sua mão, mesmo quando você percorre caminhos íngremes e irregulares, mesmo quando você cai e tem dificuldade de se levantar e de retomar o caminho; ele, o Senhor, está aí com você. Ainda mais, muitas vezes, em momentos em que você esteja mais fraco, você pode sentir sua presença com mais força. Ele conhece o caminho. Ele está com você. Ele é seu Pai! Ele é meu Pai! Ele é nosso Pai!

Fiquemos com esta imagem, porque anunciar que Deus está próximo é convidar a se considerar como uma criança que caminha segurando a mão do seu pai: tudo parece diferente. O mundo, grande e misterioso, torna-se familiar e seguro, porque a criança sabe que está protegida. Ela não tem medo e aprende a se abrir. (...)

Anunciar que Deus está próximo. Mas como fazer isso? No Evangelho, Jesus recomenda não dizer muitas palavras, mas realizar muitos gestos de amor e de esperança em nome do Senhor; não dizer muitas palavras, mas realizar gestos. (...)

Portanto, coloquemo-nos algumas perguntas: nós, que acreditamos num Deus próximo, confiamos n'Ele? Sabemos olhar para o futuro com confiança, como uma criança que sabe que é carregada nos braços do seu pai? Sabemos nos sentar nos joelhos do Pai pela oração, pela Escuta da Palavra, aproximando-nos dos sacramentos? E, finalmente, unidos a Ele, sabemos incutir coragem nos outros, aproximar-nos daqueles que sofrem e se sentem sós, daqueles que estão longe e até daqueles que nos são hostis? Este é o aspecto concreto da fé, é isso que conta" (Papa Francisco. Angelus, 18 de junho de 2023).

## Testemunho do SCE Padre Louis de Raynal

"Durante cinco anos e até o ano passado, realizei uma missão muito bonita dentro das Equipes de Nossa Senhora:

Conselheiro Espiritual da Equipe Responsável pela Super-Região França-Luxemburgo-Suíça. Durante todos os nossos encontros mensais em Paris, começamos a manhã com oração: meia hora de oração e oração partilhada. Posso testemunhar sinceramente que essa tem sido a fonte da nossa unidade e da nossa alegria. A oração nos coloca na atitude fundamental da escuta de Deus e da sua Palavra, base de todo o discernimento. A oração comum foi a grande forma de nos encontrarmos em profundidade, de forjar uma alma comunitária, de tomar consciência da presença de Cristo no meio de nós. E celebrando a Eucaristia, nos tornamos o Corpo de Cristo. Na nossa equipe, também aproveitamos o tempo para nos conhecer. Aproveitamos algumas refeições para partilhar os acontecimentos do mês passado, as alegrias e as tristezas, as preocupações familiares, profissionais e eclesiais. Também vivemos momentos de gratuidade e celebração. Nos encontros nacionais que organizamos, os participantes puderam perceber a comunhão fraterna e o entusiasmo que nos animavam. Mas, às vezes, a alegria e a paz ficavam mais escondidas, porque estávamos um pouco estressados, confiando demais em nós mesmos e pouco no Senhor.

## Abrandar o passo

O Papa Francisco repetiu várias vezes essa frase, que tem valor de parábola: 'O pastor caminha à frente do rebanho, para indicar a direção; ele caminha atrás do rebanho, para encorajar os mais fracos e cuidar das ovelhas que podem se perder; e ele anda no meio do rebanho, para se fazer parte do rebanho e é bom para o pastor ter o cheiro do rebanho'. A sinodalidade significa aprender a caminhar em sintonia com as pessoas mais fracas. Várias vezes, participei da peregrinação diocesana a Lourdes. Fico muito impressionado pela procissão eucarística organizada todas as tardes no santuário. Peregrinos de todas as nacionalidades, jovens e velhos, ricos e pobres, todos caminhamos no mesmo passo. Mas quem regula a velocidade da caminhada? Esses são os nossos irmãos e

irmãs doentes, carregados em macas ou empurrados nas cadeiras. E, no meio de todo esse povo reunido, está o Senhor presente na Hóstia Santa. Linda imagem de comunhão na Igreja!

Esse aprendizado de 'abrandar o passo' acontece naturalmente na família. No nosso mundo que quer ser forte e eficiente, fico sempre emocionado quando encontro famílias: os pais que se adaptam ao ritmo dos seus filhos pequenos, a mãe que reserva um tempo para alimentar o seu bebê, os mais velhos que cuidam dos mais novos, as famílias que, ao acolher uma criança com deficiência, conhecem o passo lento e o tempo livre. Um ritmo e tanto para absorver tantos pequenos gestos diários... Através do amor prioritário ao pequeno e do seu acolhimento incondicional ao inesperado, a família é um modelo do cuidado que a sociedade como um todo deveria prestar às pessoas frágeis. No nono capítulo de *Amoris Laetitia*, dedicado à espiritualidade matrimonial e familiar, o Papa Francisco diz que se trata de uma 'espiritualidade de atenção, de consolação e de encorajamento'. A família, diz ele, sempre é o 'hospital' mais próximo (*Amoris Laetitia*, 321). Segundo o Padre Henri Caffarel, a prática da hospitalidade é o apostolado específico do casal e da família. Através do seu acolhimento e do seu testemunho, 'os casais cristãos pintam o cinza do espaço público, enchendo-o com a cor da fraternidade, da sensibilidade social, da defesa daqueles que são frágeis, da fé luminosa, da esperança ativa' (*Amoris Laetitia*, 184).

## O acompanhamento espiritual

Nas Equipes de Nossa Senhora, temos a graça de viver uma verdadeira comunhão entre os casais unidos pelo sacramento do matrimônio e os sacerdotes conselheiros espirituais. O Padre Caffarel recordava constantemente a complementaridade dos sacramentos da ordem e do matrimônio, 'esses dois sacramentos sobre os quais repousa o crescimento do Corpo de Cristo'. Essa complementaridade se traduz em vínculos humanos e fraternos. Todos encontram aí a alegria de compartilhar os sucessos, o

incentivo para perseverar, a compaixão e o conforto nas dificuldades. A contribuição é em ambas as direções. Somos guardiões de nossos respectivos tesouros. À medida que os casais partilham comigo as suas riquezas e as suas dificuldades no seu caminho espiritual, também compartilho com eles as maravilhas e as provações do meu sacerdócio. Ao partilhar a vida da equipe, sou com eles um pai pela própria graça do sacramento da ordem e ao mesmo tempo um irmão entre irmãos. A equipe é para mim um importante lugar de partilha, apoio, equilíbrio e humanização.

O carisma das Equipes de Nossa Senhora é uma pedagogia de crescimento espiritual, que ajuda os casais a extrair do tesouro a graça do seu Sacramento do Matrimônio. Em 1981, o Padre Henri Caffarel testemunhou: 'Lutei muito, durante anos, para tentar compreender melhor o que é o sacramento do matrimônio. Já disse e repito mais do que nunca: é a aliança de Cristo e do casal. E para esclarecer essa palavra aliança, que corre o risco de ser vaga, acrescento: Cristo está presente no casal'. Esse tesouro pode ser definido como uma aliança, ou seja, um caminho com Cristo para amar, pessoalmente e em casal, e dar muitos frutos. O desejo de progredir é essencial. Ao serviço deste crescimento estão os sacerdotes conselheiros espirituais e os acompanhantes espirituais. O Padre Ricardo, que termina o seu mandato como SCE da Equipe Responsável Internacional, disse aos sacerdotes conselheiros espirituais e aos acompanhantes espirituais das equipes, há seis anos, quando iniciou a sua missão: 'Fomos convidados a acompanhar, a animar e a servir os casais das nossas equipes, e a graça do Senhor fortalece a nossa disponibilidade. Que sejamos verdadeiras testemunhas do amor de Deus e caminhantes que partilham as exigências de um Movimento, do qual fazemos parte e nos oferece os meios para nos santificarmos e vivermos o nosso ministério'.

Casais, sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas ou leigos, cada um com as suas forças e fraquezas, fazemos parte de uma mesma grande família. Como nos convida o

Papa Francisco, aprendamos a caminhar juntos rumo à santidade: 'Caminheemos, famílias, continuemos caminhando! O que nos é prometido é sempre mais. Não nos desesperemos pelas nossas limitações, mas também não devemos desistir de procurar a plenitude do amor e da comunhão que nos foi prometida' (*Amoris Laetitia*, 325). A sinodalidade não é, em última análise, isso: testemunhar, todos juntos e cada um com a sua própria graça, que "Deus é Amor" (1Jo 4,8)?

*Padre Louis de Raynal*

## Prece

"Fica conosco, Senhor! Como os dois discípulos do Evangelho, também nós te imploramos, Senhor Jesus: Fica conosco!

Tu, divino Peregrino, perito nos nossos caminhos e conhecedor do nosso coração, não nos deixes prisioneiros das sombras da noite.

Ampara-nos no cansaço, perdoa os nossos pecados e orienta os nossos passos pelo caminho do bem.

Abençoa as crianças, os jovens, os idosos, as famílias e particularmente os enfermos. Abençoa os sacerdotes e as pessoas consagradas. Abençoa toda a humanidade.

Na Eucaristia, Tu fizeste-te 'remédio de imortalidade': dá-nos o gosto de uma vida plena, que nos ajude a caminhar sobre a terra como peregrinos seguros e alegres, olhando sempre para a meta da vida eterna.

Fica conosco, Senhor! Fica conosco! Amém!"

(Fonte: Papa João Paulo II, *Oração Mane nobiscum Domine!*, Missa de Abertura do Ano Eucarístico, Basílica de São Pedro, Roma, 17 de outubro de 2004.)

## Perguntas para compartilhar em casal

1. “Fica conosco, Senhor”, em que circunstâncias da nossa vida de casal podemos fazer esta oração hoje?
2. De que forma podemos nos inspirar nas palavras citadas dos casais veneráveis (mencionados no texto)? De que maneira cultivamos o nosso amor conjugal?

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe, seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 28-29):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

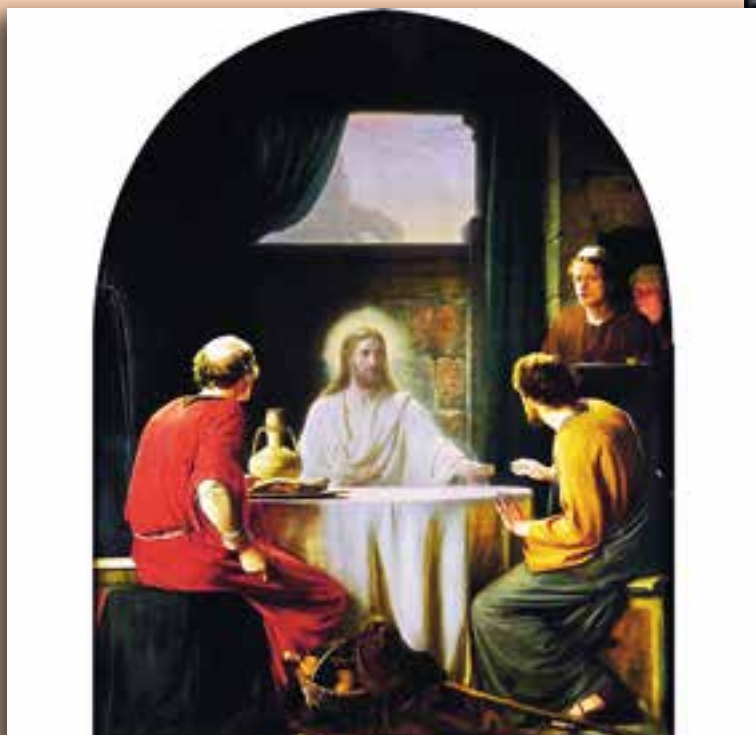
## Perguntas para compartilhar durante a reunião com nossa equipe de base

1. Podemos compartilhar uma experiência em que clamamos ao Senhor para ficar conosco? Que alívio, que consolo recebemos?
2. Qual aspecto mencionado pelo Padre Caffarel sobre a oração mais me chama a atenção hoje? Existe uma mudança na minha maneira de viver a oração? Qual?

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel

### Magnificat



## *Carl Bloch* (1834-1890)

*Ceia em Emaús* – Brigham Young University  
Museum Of Art (MOA) – Utah/Estados Unidos

Carl Heinrich Bloch é natural de Copenhague, na Dinamarca, logo cedo foi estudar artes na Real Academia Dinamarquesa e obteve muito sucesso em sua carreira. Recentemente publicamos na edição do Tema de Estudo 2024, *A Eucaristia – Fonte de Missão*, p. 43, uma breve biografia deste pintor. Havendo interesse, você poderá consultar e rever novamente a brilhante trajetória deste importante artista do século XVIII.

### A obra

O estilo artístico de Bloch é impressionante, com uma técnica de pinceladas suaves e bem detalhadas que cria uma atmosfera de serenidade e paz. Na composição desta pintura, podemos observar que os personagens estão dispostos formando um triângulo, dirigindo nosso olhar de espectador para o centro da obra, onde está Jesus.



A cor é outro aspecto destacado nesta obra, com uma paleta de tons quentes e suaves que refletem a tranquilidade do momento. Os detalhes das roupas e dos objetos sobre a mesa e pertences dos discípulos, acomodados no chão, são muito precisos, o que demonstra uma habilidade técnica refinada do artista. Além disso há um jogo de luz e sombra na tela, efeitos inspirados na obra do grande mestre do *chiaroscuro* Caravaggio. Há ainda o cuidado do artista em colocar uma abertura de janela ao alto buscando um efeito de entardecer.

Esta pintura foi encomendada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na Dinamarca, em 1878, e se tornou uma das obras mais populares de Bloch.

No aspecto histórico bíblico, o artista consegue representar muito bem o que as Escrituras narram sobre o instante em que os discípulos reconhecem Jesus Cristo, especialmente pelo discípulo da direita, que, apesar de estar de costas, a posição de seu ombro e mãos e a inclinação de sua cabeça passam para o espectador todo o espanto e surpresa ao constatar que se trata do Cristo. O próprio olhar de Cristo com o pão partido em suas mãos e oferecido ao discípulo é o sinal característico para que, imediatamente, seja reconhecido pelos apóstolos. É uma obra de arte impressionante que combina técnica, composição e cor para criar uma imagem de serenidade e paz. Sua fidelidade histórica aos detalhes até pouco conhecidos a torna muito interessante e digna de admiração.



# Sétimo Capítulo

## Acolher o pão partido

**Objetivo:** Descobrir que o ápice de nossa caminhada espiritual, individual e de casal, está no encontro com Deus e na união com ele no mistério da Eucaristia.

*“<sup>30</sup>Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. <sup>31</sup>Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. <sup>32</sup>Então um disse ao outro: ‘Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?’.” (Lc 24, 30-32)*

Esperamos que o que aconteceu aos discípulos de Emaús possa acontecer a cada um de nós. Essa passagem de “fugitivos” a “peregrinos”, onde Deus se tornou um companheiro de viagem (percebido como um estrangeiro ou um desconhecido no início), o qual, através das suas palavras, lhes devolve o Espírito, para compreender, e abre-lhes o



coração à acolhida. “Fica conosco”, disseram-lhe. Eles tinham confiança suficiente nele, para deixá-lo entrar na intimidade deles. E Jesus entra na casa deles. Mas aí, aquele que deveria ser o hóspede, torna-se Ele próprio o anfitrião, e eles são levados a entrar na vida interior do seu anfitrião.

## Partir o pão: a origem do gesto

Partir o pão não é um gesto inventado por Jesus, mas um ritual que fazia parte da tradição judaica. Esse gesto era realizado pelo Pai da família em todas as refeições religiosas dos dias do Shabat e de festa e especialmente durante a Páscoa, onde o pão achatado é sem fermento.

Outro ritual judaico contém também um gesto de partilha, o dos sacrifícios de comunhão, dos quais faz parte o sacrifício pascal. É um ato religioso em duas etapas: a primeira no templo, onde o cordeiro é sacrificado e repartido, a segunda em casa, onde se come a parte do cordeiro que volta para a família (sendo o sangue a parte de Deus e a coxa direita a parte do sacerdote que realiza o sacrifício). É a comunhão entre os três, Deus, o sacerdote e a família, que comem a mesma refeição, sendo convidados à mesma mesa. Jesus retoma, então, esse gesto na Última Ceia e lhe dá um sentido cristão, um sentido crístico, ao dizer: “Façam isto em memória de mim” (cf. Lc 22,19; I Cor 11,24s).

## Isso também acontece todos os dias em nossas casas

Sem o pão, que é tomado, abençoado, partido e partilhado, não há comunhão à mesa, nem laços de amizade, nem paz, nem amor, nem esperança. E, no entanto, com Ele, este gesto, tão simples, tão comum, torna-se tão diferente. Porque, com ele, tudo pode se tornar novo, tudo se renova.

Todos nós conhecemos esse desejo de trazer o melhor de nós mesmos para a mesa. Dizemos: “Coma e beba, preparei essa refeição para você. Pegue mais, está aí para lhe encantar, para lhe dar forças, para que você sinta o quanto eu o amo”. O que queremos, no fundo, é muito mais do que dar a comer, é dar um pouco de nós mesmos.

## Na Eucaristia, Jesus dá tudo o que tem, ele dá-se si mesmo

O pão não é apenas um sinal do seu desejo de se tornar o nosso alimento, o cálice não é apenas um sinal da sua vontade de se tornar a nossa bebida. O pão e o vinho se tornam o seu corpo e o seu sangue, como um **dom**. O pão é verdadeiramente o seu corpo, entregue por nós; o vinho é o seu sangue, derramado por nós. Assim como Deus se torna totalmente presente para nós em Jesus, Jesus se torna totalmente presente para nós no pão e no vinho da Eucaristia. A encarnação e a Eucaristia são as duas expressões do amor imenso e gratuito de um Deus que nada reserva para si, mas que dá tudo, se dá por inteiro.

## O mistério da comunhão com Deus

A palavra que melhor descreve esse mistério do dom total de Deus, que doa si mesmo por amor, é a palavra “comunhão”. O sacrifício da cruz e o sacrifício à mesa são um só e mesmo sacrifício, um dom completo que Deus faz de si mesmo, unindo toda a humanidade no tempo e no espaço.

Em e por meio de Jesus, Deus quer não apenas nos ensinar, nos instruir ou nos inspirar, mas tornar-se um conosco. Deus quer se unir completamente a nós, para que todo o seu ser e todo o nosso possam estar ligados num amor eterno. A longa história da relação entre Deus e a humanidade é uma história de comunhão cada vez mais íntima. Uma história durante a qual, Deus procura constantemente novas formas de comungar intimamente com aqueles ou aquelas que ele criou à sua imagem.

## E cada um de nós, hoje

Deus procura a comunhão com cada um e cada uma de nós: uma unidade vital e viva, uma intimidade plenamente partilhada, um vínculo verdadeiramente mútuo. Nada forçado ou imposto, mas uma comunhão livremente oferecida e livremente aceita. Deus não se deterá diante de nada, para tornar essa comunhão possível.

A comunhão é o que Deus deseja. Mas é também o que nós queremos. É um chamado que vem do fundo do coração de Deus e do nosso, porque o nosso coração só pode ser satisfeito por quem o criou. Deus colocou em cada um e em cada uma de nós um desejo ardente de comunhão, que ninguém, além dele, pode e deseja satisfazer. Deus sabe disso, mas raramente tomamos consciência disso.

Santo Agostinho diz: “Minha alma não encontra descanso até que repouse em ti, ó Senhor” (*Confissões*, Livro I, Cap. 1). Mas, ao estudar a história sinuosa da nossa própria salvação, percebo não apenas que desejamos pertencer a Deus, mas que Deus também deseja pertencer a nós. É como se Deus estivesse nos chamando, dizendo: “Meu coração não descansará enquanto eu não puder descansar em você, minha criação bem-amada”. De Adão e Eva a Abraão e Sara, de Abraão e Sara a Davi e Betsabeia, e de Davi e Betsabeia a Jesus. E a nós, Deus nos implora que O acolhamos em nossa casa, como se dissesse: “Eu criei vocês, dei-lhes todo o meu amor, guiei-lhes, ofereci-lhes o meu apoio, prometi realizar todos os desejos dos seus corações: onde estão vocês, aguardo a sua resposta, onde

está o seu amor? O que mais preciso fazer para os levar a me amar? Vou tentar de novo, não vou desistir. Um dia, vocês descobrirão o quanto desejo o seu amor!”

Até que ponto me deixo atraído(a) por este amor divino? Estou pronto para entrar nesta comunhão de amor?

## E nossa vida de casal?

Na sua Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, João Paulo II explica como o amor no seio do casal é fortalecido pela Eucaristia. Depois dos primeiros anos de casamento e das emoções iniciais que vão desaparecendo pouco a pouco, o amor entre os cônjuges evolui para algo mais profundo. Às vezes, esse é um marco difícil de ser superado por muitos casais e pode ser tentador, então, ir procurar o amor em outro lugar. É precisamente nesses momentos delicados, que o casal precisa alimentar o seu amor com a ajuda da Eucaristia. João Paulo II escreve nessa carta:

“A Eucaristia é a fonte própria do matrimônio cristão. O sacrifício eucarístico, de fato, representa a aliança de amor de Cristo com a Igreja, enquanto sigilada com o sangue da sua Cruz. Neste sacrifício da Nova e Eterna Aliança é que os cônjuges cristãos encontram a raiz da qual brota, é interiormente plasmada e continuamente vivificada a sua aliança conjugal” (*Familiaris Consortio*, 57).

Jesus se torna alimento para nós na Eucaristia; esse exemplo de sacrifício e esse desejo de comunhão íntima se torna para nós um modelo a seguir. Longe de atingir o ápice desse amor, somos convidados a tentar refleti-lo à nossa medida no seio de nosso casal.

## A Eucaristia se torna fonte de caridade

João Paulo II explica também como receber Jesus na comunhão pode alimentar a vida de caridade nos nossos lares:

“Como representação do sacrifício de amor de Cristo pela Igreja, a Eucaristia é fonte de caridade. E no dom eucarístico da caridade a família cristã encontra o fundamento e a

alma da sua 'comunhão' e da sua 'missão': o Pão eucarístico faz dos diversos membros da comunidade familiar um único corpo, revelação e participação na mais ampla unidade da Igreja; a participação pois ao Corpo 'dado' e ao Sangue 'derramado' de Cristo torna-se fonte inesgotável do dinamismo missionário e apostólico da família cristã" (*Familiaris Consortio*, 57).

Se Jesus é a fonte de todo amor, por que não recorrer a ele para renovar o amor no seio dos casais e da família? São Paulo já havia estabelecido perfeitamente a ligação entre o amor conjugal e o amor encarnado por Jesus. Na sua Carta aos Efésios, as suas palavras nos recordam que devemos amar-nos uns aos outros, como Cristo nos ama, com esse amor tão claramente manifestado por ele na Eucaristia: "Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo também amou a Igreja e se entregou por ela" (Ef 5, 25).

O beato Pier Giorgio Frassati escreveu em sua carta de 29 de julho de 1923: "Exorto-vos com todas as forças da minha alma a aproximar-vos da Mesa Eucarística, sempre que possível. Porque Jesus Cristo prometeu àqueles que dela se alimentam a vida eterna e as graças necessárias para obtê-la". Deixemo-nos levar por essas palavras e usemos aproximar-nos da fonte viva que reviverá o nosso amor a qualquer momento. Permaneçamos confiantes de que, se oferecermos o nosso amor conjugal com corações humildes, com todas as nossas imperfeições e limitações, essa fonte será capaz de fazer brotar dentro de nós uma nova dinâmica e vida.

Usemos nos ajoelhar juntos diante do Santíssimo Sacramento. Usemos colocar toda a nossa vida de casal, de família, com suas alegrias e tristezas. É aqui que receberemos todas as graças. Vamos nos aproximar juntos para a comunhão, é aí que estaremos unidos em um só corpo. "O que acontece com aqueles que comungam? O corpo de Cristo: não são muitos corpos, mas um só. Portanto, estamos unidos uns com os outros e com o Cristo" (São João Crisóstomo, Homilia 24, sobre 1 Cor 10,16-17).

## E o mundo em que vivemos?

“Eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles” (Lc 24,31). No preciso momento em que o reconhecem na fração do pão, ele já não está no meio deles, já não o veem sentado à mesa. Quando ele se torna mais presente para eles, precisamente porque o reconheceram, ele se torna ausente. É aqui que tocamos num dos aspectos mais sagrados da Eucaristia: o mistério pelo qual a comunhão mais íntima com Jesus se realiza na sua ausência.

Anteriormente, para aqueles que o acompanhavam há muito tempo em sua pregação, Ele se tornou seu guia e mestre. Ficaram com Ele, sentaram-se aos seus pés, testemunharam as suas obras e ensinamentos, acreditaram que o conheciam. Mas eles ainda não tinham entrado plenamente em comunhão com Ele. Seu corpo e sangue ainda não haviam se unido aos deles. Em muitos aspectos, Ele permaneceu o outro, externo a eles, aquele que caminha na frente deles, para lhes mostrar o caminho.

Agora, à medida que comem o pão que Ele lhes oferece e o reconhecem, esse reconhecimento se torna uma tomada de consciência espiritual, de que Ele agora reside no mais profundo do seu ser, que respira dentro deles, que fala pela boca deles, que vive neles. Quando comem o pão que Ele lhes oferece, suas vidas se transformam na dele. Já não são mais eles que vivem, mas Jesus, o Cristo Ressuscitado, que vive neles. E é neste momento santíssimo de comunhão, que ele desaparece dos olhos deles.

Isso é o que vivemos na celebração eucarística. Isso é também o que experimentamos, quando a nossa vida se torna eucarística no meio do mundo. E a nossa presença no mundo se torna a sua presença, através de nós. Suas mãos podem trabalhar no mundo através das nossas. As nossas palavras refletirão as suas palavras, os nossos gestos de amor e de solidariedade, de justiça e de fraternidade falarão dele.

Estar em comunhão com Jesus significa se tornar igual a Ele. Ele é o nosso modelo, o único em quem depositamos a nossa confiança e a nossa esperança, diante dos exemplos que o

mundo nos apresenta. Com Ele somos pregados na cruz, com Ele somos sepultados, com Ele ressuscitamos. Estar em comunhão, tornar-se como o Cristo, leva-nos a um novo modo de ser. Novas testemunhas, construtores de um mundo novo.

## O que o Padre Caffarel partilha conosco sobre o matrimônio e a Eucaristia

“Quem consome a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e Eu nele. Como o Pai, que vive, me enviou, e Eu vivo por meio do Pai, assim aquele que me consome viverá por meio de mim’ (Jo 6,56s).

Quando lemos esta página extraordinária, como não sentir a grandeza excepcional do matrimônio de dois cristãos? Marido e mulher, vocês que comem a carne de Cristo, que habitam nele, e ele em vós, como não amar um ao outro com um amor bem diferente do dos outros homens, com um amor ressuscitado? Vocês conseguem se olhar um ao outro, compartilhar suas tristezas e suas alegrias, dar-se um ao outro de todo seu coração, de todo o seu corpo, ajudar-se ao longo do caminho, sem terem a sensação de que estão vivenciando um mistério muito grande?”

(Fonte: Padre Caffarel, “Mariage et Eucharistie”, *L’Anneau d’Or*, n. 117-118, “O matrimônio, caminho para Deus”, maio-outubro de 1964.)

## O que o Papa Francisco compartilha conosco sobre o efeito transformador da Eucaristia

Na sua intenção de oração para o mês de julho de 2023, o Papa Francisco convida os fiéis a se deixarem transformar pela Eucaristia, fonte e ápice de toda a vida cristã:

“Se você sai da missa da mesma forma que entrou, algo está errado. A Eucaristia é a presença de Jesus. Ela é profundamente transformadora.

Cada vez que participamos de uma Eucaristia, Jesus vem e Jesus nos dá a força para amar como Ele amou. A celebração

da Eucaristia é um encontro com Jesus Ressuscitado e, ao mesmo tempo, uma forma de nos abirmos ao mundo como ele nos ensinou. Ela nos dá a coragem de ir ao encontro do outro, de sair de nós mesmos e nos abrir com amor aos outros. Deixar-nos transformar pela Eucaristia. Rezemos para que os católicos coloquem no centro da sua vida a celebração da Eucaristia, que transforma as relações humanas e abre ao encontro com Deus e com os irmãos e irmãs”.

(Fonte: Vídeo do YouTube, Rede Mundial de Oração do Papa, *Por uma Vida Eucarística*, 3 de julho de 2023.)

## Testemunho

Conhecemo-nos e a nossa relação se desenvolveu à sombra de compromissos para com as pessoas, todas as pessoas, como as equipes de socorristas da Cruz Vermelha e o escotismo. Nosso vínculo se consolidou em torno de uma convicção de princípios e valores sublimes, como as amizades boas e desinteressadas, a devoção altruísta, o apoio incondicional à família e a gratuidade de Deus na natureza e nos homens de boa vontade. Casamos muito jovens e, por isso, fundamos nossa família num casamento a três com Jesus, rocha e parceiro integral em nosso projeto. Sonhamos e sonhamos alto.

Tínhamos lido muitos guias sobre o assunto, consultado amigos sábios, padrinhos escoteiros e conselheiros capelães e decidimos desde o início que essa jornada, esse amor, que nos parecia, além do mais, muito impressionante, nunca poderia ser realizado sem a sua presença no coração do nosso casal, da nossa família. Estávamos cientes de que o projeto pesava sobre nossos ombros novatos. Assim, aos poucos, rodeamo-nos de bons apoios, sólidos e confiáveis, as nossas atividades convergiram para serem sobretudo úteis, construtivas e agradáveis, em estreita consonância com os nossos valores. Os nossos encontros se tornaram menos tóxicos e triviais. “Se perderes o caminho, faça-o”, essa expressão escoteira, tirada da cerimônia de Partida da Estrada, se tornou a nossa palavra de ordem, para passar de caminhantes em uma estrada a peregrinos *na* estrada que leva a Deus, o nosso ideal.

As graças do Senhor foram abundantes. Nossos filhos, nossa maior felicidade, cresciam em saúde, sabedoria e fé. Nossa casa se tornou um lar acolhedor de Jesus através dos convidados. Nossa mesa de cozinha hexagonal se tornou o local privilegiado para belos encontros cordiais, trocas intensas e amizades calorosas. Segundo o costume local, tão antigo como o homem cananeu nessa parte do mundo (Líbano), enquanto não houver “pão e sal” partilhados, não haverá amizade verdadeira, selada em torno de uma refeição familiar, generosa e hospitaleira. Na verdade, essa tradição de partilha do pão, ancorada no popular libanês, é um símbolo de abertura, de convívio e de confiança – tanto quanto o abraço e os três beijos (a Trindade!) no rosto, símbolo de que é o Cristo que nós recebemos. Por fim, como hábito herdado dos nossos pais, muitas vezes reservamos um lugar extra para o hóspede “inesperado”, que eventualmente se juntará a nós e *abençourá* o nosso pão.

Contudo, nem tudo correu como esperávamos. Tal como as graças, não foram raras as perturbações da vida, bem como as provações e os sofrimentos devastadores. Os membros da nossa equipe e as fortes amizades, construídas antes das perturbações, foram para nós um enorme apoio vital. A meditação em torno da oração do Padre Pio “Ficai comigo, Senhor Jesus” e a visão de Santa Verônica apegada ao hábito de Cristo (cf. Mt 9,20-22; Mc 5,25-34; Lc 8,43-49) sempre nos inspiraram fé e coragem, para nos levantarmos e continuarmos a marcha. Mesmo nos tantos momentos “sem”: sem amor, sem alegria... Para onde ir? A quem recorrer, se o coração não estava n’Ele? Buscávamos a Sua presença no nosso coração, em tempos de desânimo, incerteza e perda de sentido. À noite, recolhidos um no outro, nos visualizávamos abraçados a Maria, envoltos em seu hábito tranquilizador e protetor, e ela nos apresentava ao seu Filho e, só então, sentíamos sua presença. Juntos com Maria e graças ao Senhor, resistimos.

Agora, ao nos aproximarmos da nossa quarta idade, embora ainda muito ativos, esperamos que, ao final da nossa jornada aqui, seremos capazes de apresentar a Ele a nossa fé inabalável na Sua promessa e a fidelidade dos nossos recomeços.

*Rita e Yussef Zgheib*

## Oração "Digna-te, ó Filho de Deus, a admitir-me hoje à tua Santa Ceia!"

"Creio, Senhor, e confesso que Tu és verdadeiramente Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo que veio ao mundo para salvar os culpados, dos quais eu sou o primeiro. Creio ainda que esse é o teu Puríssimo Corpo e o teu Veneradíssimo Sangue, por isso te imploro, tenha misericórdia de mim e perdoe os meus pecados voluntários ou involuntários, que cometi em palavras e ações, com reflexão ou sem reflexão, e me conceda a Graça de receber dignamente o Vosso Santíssimo Sacramento, para a remissão dos meus pecados e para a vida eterna. Digna-te, ó Filho de Deus, admitir-me hoje à tua Santa Ceia! Não te trairei diante dos Teus inimigos e não te darei o beijo de Judas, mas te digo como o ladrão na cruz: Senhor, lembra-te de mim no teu Reino eterno!" (São João Crisóstomo).

## Perguntas para compartilhar em casal

1. Qual é o lugar que damos à Eucaristia (missa, adoração) na nossa vida de casal, em família?
2. Que entendimento temos agora, depois da leitura deste capítulo, sobre o mistério da comunhão?

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe, seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 30-32):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

## **Perguntas para compartilhar durante a reunião com nossa equipe de base**

1. Somos capazes de ver, através dos olhos da fé, o Cristo que habita no meu cônjuge? Como isso muda meu comportamento e minha atitude em relação a ele(a)?
2. Quais são as nossas necessidades, as nossas propostas para crescermos juntos e nos apoiarmos no aprofundamento da nossa relação com a Eucaristia? (Como casal e como equipe, pequenas comunidades.)

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## **Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel**

### **Magnificat**



Cena 1

Cena 2

## *Afresco Bizantino*

(século XIII) Catedral de Monreale  
Sicília, Itália

A Catedral de Monreale é uma das mais importantes construções sacras da cultura normanda na Itália e considerada patrimônio mundial da Unesco justamente por ser um forte exemplo de sincretismo sociocultural entre as culturas ocidental, islâmica e bizantina. A Catedral aqui intitulada que é a Sé da Arquidiocese de Monreale na Sicília é dedicada a Santa Maria Nuova. Foi construída a partir do ano 1174 por ordem de Guilherme II, rei da Sicília.

Narra a lenda, que certo dia, Guilherme adormeceu sob uma árvore no campo e em sonho lhe apareceu a Virgem Maria, que disse: "Neste lugar onde dormes está escondido um grande tesouro, escava-o e com ele constrói um templo em minha homenagem". Logo que acordou, seguindo o que a Virgem lhe revelara ordenou que o local fosse escavado e ali encontrou um tesouro em moedas de ouro, que foram integralmente empregadas na construção do Santuário.

A história do evangelista Lucas foi considerada muito importante desde os primeiros tempos do Cristianismo e, no entanto, ele não foi retratado com frequência pela grande maioria dos artistas. Mas suas passagens aparecem nas paredes das grandes catedrais onde os acontecimentos do Evangelho são apresentados com riqueza de detalhes. As cenas de Emaús aqui reproduzida de um afresco na Catedral de Monreale foi pintada em um único cenário com quatro partes e retratada por artistas bizantinos numa linha de cenas contínua sem elementos divisórios.



Cena 3

Cena 4

*Detalhe da  
estrutura interna  
da Catedral  
de Monreale*



Podemos ver na **Cena 1** o Cristo Ressuscitado a caminho de Emaús que conversa com dois viajantes onde um deles acena, possivelmente para Cristo, de roupa escura. Na **Cena 2**, Jesus aceitou o convite dos discípulos para a refeição e os três já estão à mesa. Jesus abençoa o pão, parte-o e entrega aos apóstolos, momento em que eles percebem que se trata de Jesus. **Cena 3**, Cristo após abençoar o pão desaparece. As poses dos dois apóstolos traem a sua sincera contrição: "Não ardia o nosso coração enquanto ele nos falava". E finalizando na **Cena 4** os apóstolos saem correndo para o encontro dos outros apóstolos para relatar-lhes o ocorrido.

Talvez a história de Emaús não tenha sido apresentada com tantos detalhes em outras situações, como esta. De qualquer maneira não parece haver registros artísticos com cena tão eloquente quanto a figura de ausência e de presença de Jesus simultânea na mesma obra. Uma obra de grande interesse artístico, em que o expectador pode visualizar integralmente todo o episódio narrado nas Escrituras.



# Oitavo Capítulo

## No coração das nossas equipes, no coração da Igreja

**Objetivo:** Descobrir a alegria de caminhar juntos em nossas equipes, como discípulos, e nos ver transformados em missionários do Amor no coração da nossa Igreja.

*“<sup>33</sup>Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os onze e os outros discípulos. <sup>34</sup>E estes confirmaram: ‘Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!’ <sup>35</sup>Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão.” (Lc 24, 33-35)*

Chegamos agora ao último tema da nossa caminhada com os discípulos de Emaús. Cada tema marcou um passo na nossa própria jornada na fé. Uma jornada de aprofundamento pessoal e de casal para nos ajudar a viver hoje a nossa



fé, iluminados por essa experiência maravilhosa destes dois discípulos que tanto inspirou os fiéis durante gerações.

**Agora mesmo:** Não há tempo a perder. Podemos imaginá-los. Eles rapidamente calçaram as suas sandálias, vestiram as capas, pegaram o cajado e voltaram para os outros discípulos. Esses devem saber que nem tudo acabou. Que as mulheres que contaram as palavras dos anjos, falaram a verdade.

**Tudo mudou:** Não sentimos mais as perdas como fracassos. Os dois viajantes, tendo iniciado a sua viagem com rostos abatidos, olham-se agora com os olhos cheios de uma nova luz. O estranho que se tornou amigo deles lhes deu o seu espírito, um espírito divino de alegria, paz, coragem, esperança e amor. Não há mais dúvidas em suas mentes: ele está vivo! Não vivo como antes, como o fascinante pregador e curador de Nazaré, mas vivo como um novo sopro neles. Cléofas e seu amigo estão renovados. Eles receberam um novo coração, um novo espírito. A própria amizade deles foi transformada. Já não são amigos que podem se consolar e se confortar mutuamente, enquanto choram as suas perdas, mas pessoas encarregadas de uma nova missão. Juntos eles têm algo a dizer, algo importante, algo urgente, algo que não pode permanecer secreto, algo que deve ser proclamado.

## Entre o regresso à casa e o regresso a Jerusalém, qual a diferença?

É a diferença que existe entre a dúvida e a fé, entre o desespero e a esperança, entre o medo e o amor. É a diferença entre dois seres humanos abatidos, que se arrastam pela estrada, e dois amigos caminhando a passos largos, às vezes correndo, animados para contar a novidade. O primeiro regresso foi feito durante o dia, mas na escuridão interior; enquanto o segundo foi feito à noite, apesar do cansaço corporal, mas com uma iluminação pela força da graça que lhes foi concedida. E mais, o regressar não é isento de perigos. Depois que Jesus foi morto, seus discípulos ficaram com medo. Eles se perguntavam que destino os esperava. Mas lá, no caminho, são libertados, para testemunhar a ressurreição, apesar dos custos a serem pagos. Eles se dão conta de que essas mesmas pessoas que odiavam Jesus, talvez os odeiem por sua vez, que essas mesmas pessoas que mataram Jesus, talvez os matem. O seu regresso poderia de fato lhes custar a vida. Pode lhes ser pedido que prestem testemunho, não apenas com palavras, mas com o seu próprio sangue. Mas eles já não têm medo, nem sequer do martírio. O Senhor Ressuscitado, presente e habitando neles, os encheu de um amor mais forte do que a morte.

## Entre a celebração eucarística e uma vida eucarística

No capítulo anterior, meditamos sobre o pão partido e o significado profundo da comunhão: essa intimidade sagrada com Jesus e, por intermédio dele, com o próprio Deus. Mas o reconhecimento de Jesus na Santa Hóstia não é apenas um momento a ser saboreado ou mantido em segredo. A Eucaristia termina com um envio em missão: Vá testemunhar agora! Tal como Maria Madalena, esses dois amigos também ouviram esse apelo profundamente dentro de si. Ir testemunhar: essa é a conclusão eucarística, é também o apelo final de uma vida eucarística, como se ouvíssemos: “Vão testemunhar o que vocês viram e ouviram, não o guardéis só para

vocês! Essa mensagem é para os seus irmãos e irmãs e para todos aqueles que estão prontos a ouvi-la. Vão, não parem, não esperem, não hesitem, mas passem para a ação”.

## **A cada um de nós, hoje, chamado a ter uma vida eucarística**

É aqui que termina a história de Cléofas e seu amigo, ao contarem seu testemunho aos Onze e seus companheiros. Mas a missão continua. A história do que aconteceu na estrada e ao redor da mesa marca o início de uma vida missionária, vivida todos os dias de nossa vida até o dia em que veremos novamente o Cristo Vivo, face a face.

Trata-se de um movimento que surge da Eucaristia, vai da comunhão à comunidade e depois ao ministério. A experiência que fazemos da comunhão nos remete, antes de tudo, aos nossos irmãos e irmãs, para com eles partilhar as nossas histórias e construir uma relação de amor. Então, enquanto comunidade, poderemos ir em todas as direções para alcançar as pessoas.

## **Em missão antes de tudo pelos mais próximos**

É importante tomar consciência de que esta missão é, antes de tudo, dirigida àqueles e àquelas que não nos são estranhos, aos nossos entes queridos, à nossa família, aos nossos amigos: àqueles que fazem parte da nossa vida. De uma forma ou de outra, a autenticidade do nosso testemunho é testada por aqueles que nos conhecem. Eles podem conhecer a nossa impaciência, os nossos ressentimentos, os nossos ciúmes, as nossas falhas, todas as nossas mesquinhas...

## **Em missão, não se trata apenas de mim**

Jesus escolhe muitas maneiras de aparecer e nos fazer saber que Ele está vivo. Toca o coração de cada um de uma

maneira diferente, tão única e misteriosa. Os dois discípulos, ao chegarem a Jerusalém e contarem a sua história, devem ter ouvido a de muitos outros. Temos as nossas histórias para contar e é importante fazê-lo, mas o nosso testemunho não é o único. Temos a nossa missão a cumprir, mas também devemos ouvir o que os outros têm a dizer. Isso nos remete à comunidade.

Os dois discípulos puderam falar juntos do seu coração ardente e, disso, entraram numa nova forma de relação um com o outro, baseada na comunhão que acabavam de experimentar. A comunhão deles com Jesus foi de fato o início da comunidade. Mas aquilo era só o começo. Eles precisavam encontrar outras pessoas que também acreditavam que Jesus havia ressuscitado. Eles precisavam ouvir suas histórias, todas diferentes umas das outras, para descobrir os muitos meios usados por Jesus e seu Espírito, ao agir no meio do seu povo.

É tão fácil reconduzir Jesus ao “nosso Jesus”, à nossa experiência do seu amor, ao nosso modo de O conhecer. Mas Jesus nos deixou, para nos enviar o seu Espírito e Ele sopra onde quer. A comunidade de fiéis é o lugar onde muitas histórias são contadas sobre como Jesus está presente. Todos esses testemunhos podem ser muito diferentes uns dos outros. Às vezes, podem até parecer contraditórios, e, no entanto, podemos descobrir gradualmente que pertencemos a uma comunidade, membros de um só corpo, unidos pelo Espírito de Jesus.

## **E nossa vida de casal?**

“Eu gostaria de insistir sobre este papel missionário das Equipes de Nossa Senhora. (...) Os casais e as famílias cristãs encontram-se muitas vezes nas melhores condições para anunciar Jesus Cristo às outras famílias, para as apoiar, fortalecer e encorajar. (...) Convido-vos também a comprometer-vos, se for possível, de modo cada vez mais concreto e com criatividade sempre renovada”, diz o Papa Francisco.

(Fonte: Discurso do Papa Francisco aos participantes do encontro promovido pelo Movimento Equipes de Nossa Senhora, Sala Clementina, 10 de setembro de 2015.)

Charles de Foucault, um missionário no Saara argelino, escreveu em uma das suas cartas a um amigo: “É certo que, ao lado dos sacerdotes, precisamos das Priscilas e dos Áquilas, vendo aqueles que o sacerdote não vê, penetrando onde ele não consegue penetrar, indo ao encontro daqueles que dele fogem, evangelizando através de um contato benéfico, de uma bondade que transborda para todos, de um carinho sempre pronto a dar-se, um bom exemplo atraindo aqueles que dão as costas ao sacerdote e lhe são hostis por preconceito”. (Assekren 3 de maio de 1912.) Temos plena consciência de que Nosso Senhor conta conosco para sermos missionários do seu Amor no interior deste mundo?

O nosso amor conjugal, que se alimenta da fonte inesgotável do seu Amor, oferece amor aos nossos filhos, às nossas famílias, aos nossos entes queridos, e abre as suas asas para chegar a todos aqueles que encontramos no nosso caminho.

## **Uma tendência de passar da comunhão ao ministério sem passar pela comunidade**

Temos essa tendência de nos isolarmos numa certa forma de autossuficiência, onde o nosso individualismo e o nosso desejo de sucesso pessoal nos levam a agir sozinhos e a reivindicar só para nós a tarefa de exercer o nosso ministério. No entanto, mesmo Jesus não estava sozinho para pregar e para curar. O evangelista Lucas nos conta como passava as noites em comunhão com Deus, as manhãs formando comunidade com os doze apóstolos e as tardes indo com eles pregar às multidões. Jesus nos chama a fazer o mesmo: a passar, nesta ordem, da comunhão para a comunidade e para o ministério. Ele não quer que atueemos sozinhos. Desta forma, podemos testemunhar como membros da comunidade crente. Somos chamados à missão para testemunhar, servir, oferecer esperança ao mundo, não como fruto dos nossos próprios talentos, mas como a expressão da nossa fé Naquele que nos uniu, de quem vem tudo o que podemos dar.

## E o mundo em que vivemos?

O mistério do amor de Deus é que os nossos corações ardentes, os nossos ouvidos e olhos atentos possam descobrir que aquele que encontramos na privacidade das nossas casas continua a revelar-se a nós entre os pobres, os doentes, os famintos, os presos, os refugiados e todos aqueles que vivem com medo. Nossa esperança está fundamentada: Deus está vivo.

Somos levados a perceber que a nossa missão não é apenas difundir a Boa Nova do Senhor Ressuscitado, mas também receber o testemunho daqueles a quem somos enviados. A missão não se faz estritamente em termos de dar, mas a verdadeira missão consiste também em receber. Se é verdade que o Espírito de Jesus sopra onde quer, cada pessoa pode partilhá-lo com os outros. Recebemos tanto quanto damos. Cuidamos dos outros, como os outros cuidam de nós. É o Espírito de Deus, Espírito de Amor, que se esconde nos pobres, nos desesperados, nos sofredores. Jesus chamava de bem-aventurados os pobres, os perseguidos e os que choram (cf. Lc 6,20ss). Cada vez que cuidamos deles, em troca, conscientemente ou não, eles nos abençoarão com o Espírito de Jesus e assim se tornarão nossos pastores.

Essa é a reciprocidade de dar e acolher, sem a qual a missão e o ministério podem facilmente se tornar manipuladores ou violentos: quando apenas um dá e o outro recebe, o doador rapidamente se transforma em opressor, e aquele que recebe, em vítima. Essa reciprocidade é o que as pessoas experimentam na vida eucarística. Escolher a gratidão ao invés do ressentimento, a esperança no lugar do desespero. As estatísticas em termos do número de alterações causadas pouco importam. Jesus e seus discípulos nunca tiveram grande sucesso. O que importa é que existem almas, pessoas, que se reúnem em volta da mesa, repetindo os gestos do nosso Senhor, em memória Dele, e que nunca deixam de partilhar histórias de esperança.

Assim é uma vida eucarística, tão pequena, tão pouco espetacular, tão escondida, mas é como o fermento, como um grão de mostarda... Ela santificará o mundo.

## O que o Padre Caffarel partilha conosco sobre o apostolado fora do lar

“Essa caridade, essa ‘comunhão na caridade’ que Cristo opera no lar faz com que o lar a irradie, o torna obreiro da unidade onde vive, de estabelecer essa comunhão nos ambientes, onde ele está providencialmente colocado. Muitas vezes, o seu esforço para criar a unidade será exercido a um nível simplesmente humano; mas saiba bem que esta unidade humana já é o início de uma unidade superior... Mas o apostolado não é apenas um testemunho e uma influência, é também uma tarefa. Existem atividades apostólicas que marido e mulher podem empreender e realizar juntos. Alguns até exigem que se dediquem a isso, a dois: formação dos noivos, acolhimento dos catecúmenos, ajuda aos casais jovens, ajuda aos lares desfeitos... Seria negligente se não falasse aqui da saída desses lares para as novas comunidades cristãs, ao lado dos missionários. Ali, mais do que em outros lugares, é necessário, segundo as palavras de João XXIII aos peregrinos das Equipes de Nossa Senhora, que os lares cristãos, através da sua vida, anunciem, ilustrem, ponham à disposição de todos aquilo que os sacerdotes ensinam através da palavra, e em particular a grandeza e as exigências do casamento cristão. (...)

Desnecessário dizer que tal vocação não é a de todos os lares, e que muitas vezes marido e mulher não podem exercer o apostolado juntos. A começar, pelo bom motivo de não passarem o dia no mesmo lugar. O que isso importa! O essencial não é que estejam sempre juntos, fisicamente, mas moralmente... O que São Paulo disse do casal Áquila e Priscila: ‘Meus ajudantes no apostolado’, Cristo deve poder dizê-lo de cada casal cristão.”

(Fonte: Henri Caffarel, “*O apostolado fora do lar*”, *L’Anneau d’Or*, edição especial, maio-agosto de 1962.)

## O que o Papa Francisco compartilha conosco sobre a missão das famílias

“Cresceu a consciência da identidade e missão dos leigos na Igreja e na sociedade. Vós tendes à missão de transformar a sociedade com a vossa presença no mundo do trabalho e fazer com que as necessidades das famílias sejam tidas em conta. Também os cônjuges devem ‘primeirar’ (tomar a iniciativa) (*Evangelii Gaudium*, 24), no seio da comunidade paroquial e diocesana com as suas iniciativas e criatividade, buscando a complementaridade dos carismas e das vocações como expressão da comunhão eclesial, em particular a comunhão dos cônjuges ao lado de pastores, para caminhar com outras famílias, para ajudar os mais fracos, para anunciar que, até nas dificuldades, Cristo se faz presente.

Por isso vos exorto, queridos esposos, a colaborar na Igreja, especialmente na pastoral familiar. Com efeito, a corresponsabilidade pela missão chama os cônjuges e os ministros ordenados, especialmente os bispos, a cooperar de forma fecunda no cuidado e na tutela das igrejas domésticas. Lembrai-vos que a família é a ‘célula fundamental da sociedade’ (*Evangelii Gaudium*, 66). O casamento é realmente um projeto de construção da ‘cultura do encontro’ (*Fratelli Tutti*, 216). Por isso, compete às famílias o desafio de lançar pontes entre as gerações para a transmissão dos valores que constroem a humanidade. É necessária uma nova criatividade para expressar, nos desafios atuais, os valores que nos constituem como povo nas nossas sociedades, e como Povo de Deus na Igreja.

A vocação ao casamento é uma chamada para guiar um barco instável – mas seguro, pela realidade do sacramento – em mar às vezes agitado. Quantas vezes tendes vontade de dizer ou, melhor, de gritar como os apóstolos: ‘Mestre, não te importas que pereçamos?’ (Mc 4,38). Não esqueçamos que, graças ao sacramento do Matrimônio, Jesus está presente neste barco; olha por vós, permanece conosco a todo momento, no sobe e desce do barco agitado pelas águas. Em outra passagem do Evangelho, lê-se que os discípulos, encontrando-se em dificuldade, veem Jesus

aproximar-se no meio da tempestade e acolhem-no no barco; assim também vós, quando enfurecer a tempestade, deixai Jesus subir para o barco, porque então, quando ‘subiu para o barco, para junto deles, o vento amainou’ (Mc 6,51). É importante que, juntos, mantenhais o olhar fixo em Jesus. Só assim tereis a paz, superareis os conflitos e encontrareis soluções para muitos dos vossos problemas: não porque estes tenham desaparecido, mas por serdes capazes de os ver de outra perspectiva.

Só abandonando-se nas mãos do Senhor é que podereis viver o que parece impossível. O caminho é reconhecer a própria fragilidade e impotência que experimentais perante tantas situações ao vosso redor, mas ao mesmo tempo ter a certeza de que assim a força de Cristo se manifesta na vossa fraqueza (cf. 2 Cor 12,9). Foi precisamente no meio de uma tempestade que os apóstolos chegaram a reconhecer a realeza e divindade de Jesus (cf. Mt 14,33) e aprenderam a confiar n’Ele.”

(Fonte: Papa Francisco, Carta aos esposos por ocasião do Ano “*Família Amoris Laetitia*”, Roma, na Festa da Sagrada Família, 26 de dezembro de 2021.)

## Testemunho

Estamos casados há 36 anos e estamos engajados na Igreja e no trabalho paroquial há 24.

Éramos responsáveis dos grupos de família e muito ativos em diversas atividades paroquiais, como a preparação para a primeira comunhão dos filhos, bem como a preparação para o casamento dos noivos no âmbito da Diocese...

Em 2019-2020, durante a pandemia da Covid, foi nomeado um novo pároco para a nossa paróquia com uma nova equipe ao seu lado.

Fomos surpreendidos com a decisão de mudança do padre com quem nos dávamos bem, assim como com a cessação de todas as nossas responsabilidades na paróquia. Um sentimento de injustiça, incompreensão e tristeza nos invadiu, afetando nossa motivação e nosso engajamento na Igreja.

Depois de várias dificuldades e provações, um padre amigo nos apresentou o Movimento e as missões das Equipes de Nossa Senhora. Ele nos explicou que isso poderia nos ajudar a reencontrar uma família e atividades paroquiais que atendessem às nossas expectativas.

Fizemos pesquisas sobre este Movimento e pudemos, após três meses, participar de um encontro de informação aberta sobre as ENS numa paróquia distante da nossa casa.

Em 2021, finalmente conseguimos integrar uma equipe engajada no Movimento há 30 anos, após um rápido processo de pilotagem por parte do casal informação das ENS.

Pessoalmente, ainda somos afetados pelo que aconteceu na nossa paróquia.

Desde a nossa adesão às ENS e durante as nossas reuniões nessa equipe, temos partilhado as nossas dificuldades e a nossa incompreensão, relativamente ao tema do nosso problema paroquial.

Os membros da equipe não deixaram de nos lembrar a noção do perdão e do amor, e de nos motivar a sermos mensageiros de paz, construindo uma jornada pessoal.

O conselheiro espiritual da equipe nos lembrou que talvez fosse o tempo necessário para cuidar da nossa família, da nossa vida de casal e de trabalhar e nos dedicar à espiritualidade conjugal, em vez de servir na paróquia.

Dia após dia, conseguimos encontrar uma sensação de paz interior que havíamos perdido há algum tempo.

Em novembro de 2023, enquanto nos preparávamos para o período de Natal, compartilhamos, durante nossa reunião mensal com a equipe, que estávamos prontos para deixar essa fase difícil para trás, focar na bênção do momento presente e caminhar em direção da graça do abandono de si, para poder encontrar a paz interior.

A nossa equipe nos ajudou muito e nos apoiou na nossa decisão de retornar para a nossa paróquia, lá onde

pertencíamos. Para nós, o Natal de 2023 foi um tempo de graça e um tempo precioso para voltar à casa do nosso Deus Pai.

Hoje, nos sentimos mais livres e em paz, graças ao apoio dos abençoados e sábios membros de nossa equipe.

Desde o nosso engajamento nas ENS, os equipistas nos têm encorajado constantemente a perdoar e a aceitar as nossas fraquezas. Compreendemos melhor a nossa fé cristã e voltamos para os braços da Igreja que nos dá segurança e paz.

Tal como os discípulos de Emaús, os nossos olhos fechados foram abertos e regressamos a “Jerusalém”, através da comunidade, em busca de oração e apoio espiritual.

Hoje sentimos uma fé mais profunda, que se baseia no amor do nosso Senhor Jesus Ressuscitado.

*Hélène e Roukoz*

## Prece

(Dirigida aos pais de Santa Teresa de Lisieux, Louis e Zélie Martin, que viveram em plena missão na sua conjugalidade, na sua família e na igreja.)

“Louis e Zélie Martin, vocês que na sua vida de casal e de pais deram testemunho de uma vida cristã exemplar, através do exercício do seu dever de estado e da prática das virtudes evangélicas, recorreremos a vocês hoje.

Que o exemplo da vossa confiança inabalável em Deus e do vosso constante abandono à sua vontade, através das alegrias, mas também das provações, dos lutos e dos sofrimentos com que a vossa vida foi pontuada, nos encoraje a perseverar nas dificuldades cotidianas e a permanecer na alegria e na esperança cristã.

Intercede por nós junto ao Pai, para que obtenhamos as graças que hoje tanto necessitamos na nossa vida terrena e que alcancemos, como tu, a bem-aventurança eterna. Amém.”

(Fonte: site-catholic.fr)

## Perguntas para compartilhar em casal

1. Estamos prontos para sair da nossa zona de conforto e ir ao encontro dos outros com zelo missionário? A exemplo de Priscila e Áquila?
2. Quais são as novas convicções que recebemos a partir da leitura deste capítulo?

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe, seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 33-35):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

## Perguntas para compartilhar durante a reunião com nossa equipe de base

1. Como casais, estamos conscientes dos perigos do isolamento e da autossuficiência? Estamos prontos para nos abirmos a uma dinâmica de partilha profunda com os outros membros da nossa equipe de base? Quais são os nossos medos nesse ponto?
2. Podemos partilhar entre nós experiências, mesmo muito humildes, onde pudemos viver “uma vida eucarística”, uma experiência missionária em reciprocidade. (Na família, na paróquia, junto a quem nos rodeia...)

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel

### Magnificat



# Nono Capítulo

## Reunião de Balanço

Chegou a Reunião de Balanço, momento para que todos tenham a oportunidade de refletir e fazer um balanço, abertamente e com espírito cristão, dos seus progressos neste ano que termina e de se preparar para o próximo ano.

É importante para cada um estabelecer objetivos para melhorar sua vida espiritual individual e em casal.

Devemos refletir como foi a nossa participação nas reuniões e o que devemos fazer para melhorar e melhor vivenciar todas as partes da reunião.

Na Reunião de Balanço todos devem fazer um esforço comum para encontrar Jesus Cristo, não sendo somente um tempo para contar as maravilhas que o Senhor realiza, mas também um tempo para abordar o caminho do casal e da equipe, de sua participação no Movimento.

### Palavra de Deus

Leiamos a passagem dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35) com o qual iniciamos na introdução deste livro tema, com a certeza de que Cristo está presente nos acompanhando na nossa caminhada rumo à santidade.

Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, a uns dez quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. Enquanto conversavam e



discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam como vendados, incapazes de reconhecê-lo. Então Jesus perguntou: “O que andais conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste, e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: “És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes dias?” Ele perguntou: “Que foi?” Eles responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. Os sumos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos assustaram. Elas foram de madrugada ao túmulo e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém viu”. Então ele lhes disse: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória?” E, começando por Moisés e passando por todos os profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, as passagens que se referiam a ele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, ele fez de conta que ia adiante. Eles, porém, insistiram:

“Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Ele entrou para ficar com eles. Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. Então um disse ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros discípulos. E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

## Reunião preparatória

É imprescindível que a reunião mensal, vivida como um momento muito importante na vida de uma equipe, seja precedida de uma reunião preparatória quando o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador deverão estar presentes.

## Reunião mensal da equipe

A reunião mensal da equipe é o ápice da vida desta pequena comunidade pela presença do Cristo Ressuscitado.

**Acolhida:** Prática da hospitalidade pelos que recebem em sua casa.

**Refeição:** A refeição deve ser um momento de graça quando a equipe vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e orando.

**Coparticipação (Pôr em comum):** O que fizemos para viver a espiritualidade conjugal desde a nossa última reunião?

**Leitura bíblica (Lc 24, 13-35):** Oração espontânea.

**Oração:** Proposta no tema de estudo ou outra escolhida pela equipe.

**Partilha:** Em termos concretos, partilhar a vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês decorrido.

## Perguntas para a Reunião de Balanço

1. Como foi realizar as propostas de ação concreta durante o ano? Quais as dificuldades encontradas?
2. Sentimos evolução na realização dos Pontos Concretos de Esforço durante o ano? Ainda temos dificuldade em algum deles?
3. Como foi a sua participação nos eventos (missas mensais, formações, encontros etc.) do Movimento durante o ano? Como os eventos do Movimento contribuíram para o fortalecimento da espiritualidade conjugal?

**Propósito para o mês:** A partir do tema de estudo e das reflexões da reunião, definir uma forma concreta para que a nossa espiritualidade conjugal possa crescer e se aprofundar.

## Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel

### Magnificat



## No caminho de Emaús um casal!

A iconógrafa, egípcia de reconhecimento internacional Irmã Marie-Paul Farran (1930-2019), do Mosteiro Beneditino de Nossa Senhora do Calvário no Monte das Oliveiras em Jerusalém, foi sempre muito conhecida por sua arte baseada na tradição bizantina. Autora de muitas criações originais que revisitaram os cânones da iconografia, como sua famosa *Sagrada Família*, imagem ao lado, escrita em 1983 para as Equipes de Nossa Senhora (capa do Guia das ENS), e exposta no Secretariado Internacional das ENS na França, e deste então reproduzida para todo o mundo.

Conta a história que Irmã Marie-Paul foi aluna do irmão Henry Corta, dos irmãozinhos de Charles de Foucault e iconógrafo, que por volta de 1960, passando por Jerusalém, pediu alojamento, por um período longo, no Mosteiro Beneditino do Monte das Oliveiras e, em troca, se ofereceu para ensinar iconografia às irmãs.

A Irmã Marie-Paul foi uma das escolhidas para fazer o curso. E assim o irmão Henry ensinou-lhes, não apenas a técnica de representar fatos e histórias através dos ícones, mas também teve a oportunidade de introduzir a “escrita de ícones”, não se limitando somente a ensinar técnicas, mas aprofundando-se no significado de cada fase da obra, ilustrando-a através das páginas da Bíblia, que numa linguagem mais religiosa assumem a forma de escrita iconográfica e não apenas como uma pintura/ilustração.



Embora fosse uma excelente aluna, a prática exigiu muito esforço de a Irmã Marie-Paul, mas um certo dia ocorreu-lhe uma revelação. Sempre se perguntava o que significava “o silêncio de Deus” e acabou percebendo isso: “Escrever um ícone me coloca em Deus; quando escrevo um ícone, escrevo Deus, estou em Deus além de qualquer conceito humano. Finalmente encontrei o silêncio em Deus”. E conclui afirmando que se o Senhor se deu ao trabalho de responder à sua pergunta sobre o silêncio por meio do ícone, é porque ele realmente queria isso dela, não um hobby mas uma missão. Irmã Marie-Paul escreveu ícones até 8 de maio de 2019, quando partiu para contemplar a face de Deus.



## O ícone do Domingo da Palavra de Deus

A história vivida sobre o encontro dos discípulos com o Cristo Ressuscitado no caminho para Emaús (Lc 24, 13, 35) sempre foi muito bem representada na Europa Ocidental por belíssimas obras realizadas pelos grandes mestres do mundo das artes. Entretanto, a versão iconográfica realizada pela Irmã Marie-Paul, aqui reproduzida, utiliza como ícone de identificação do “Domingo da Palavra de Deus”<sup>1</sup> os personagens do Caminho para Emaús, que segundo alguns exegetas afirmam ser Cléofas, como descreve Lucas, e sua esposa.

1. Carta Apostólica do Papa Francisco, emitida em 30 de setembro de 2019, festa de São Jerônimo, que institui a observância anual do 3º domingo do tempo comum como “Domingo da Palavra de Deus”, consagrado à celebração, estudo e difusão da Palavra de Deus.



Na verdade, existem nas Escrituras muito boas evidências para identificar o discípulo não identificado em Lc 24, 18 como sendo uma mulher. Em diferentes passagens nas Sagradas Escrituras, podemos constatar uma mulher chamada “a outra Maria”, que é assim nomeada para distingui-la de Maria, mãe de Jesus e de Maria Madalena. Esta “outra Maria” é chamada por Jo 19, 25 como a esposa de Cléofas, e ainda em outro trecho, Mc 15, 40, esta mesma “Maria” é identificada como a mãe do apóstolo Tiago, o Menor, e de José e Salomé. É possível verificar também em Mc 16, 1 a referência feita a “Maria”, juntamente com Maria Madalena que testemunharam a crucificação e o túmulo vazio. Assim, Irmã Marie-Paul escreve pela iconografia que “o outro apóstolo” no caminho para Emaús seria a esposa de Cléofas.

## A simbologia do ícone escrito para o Domingo da Palavra de Deus

Uma característica principal das histórias iconográficas é o fato de serem elaboradas em múltiplas cenas justapostas dentro de uma mesma imagem. Na figura, reproduzida na página anterior, podemos ver Jesus e os dois discípulos, representados pelo apóstolo Cléofas e sua esposa, caminhando por um terreno montanhoso à esquerda, e os mesmos personagens sentados ao redor de uma mesa, à noite em Emaús. Essa dupla de cenas praticamente engloba todo o entendimento da passagem bíblica.

A gravura finalizada como símbolo do “Domingo da Palavra de Deus” evidencia também o Cristo, que carrega em sua mão esquerda um pequeno “rolo”, representando as Sagradas Escrituras que se cumpre na sua pessoa.

O discípulo Cléofas segura o cajado em sua mão direita, sinal de peregrinação. Os olhares dos discípulos estão voltados atentamente para o Senhor em sinal de atenção ao que o ele lhes fala. Os braços abertos da esposa indicam a afirmação de que Jesus Cristo é o cumprimento das antigas promessas e a Palavra viva que deve ser anunciada ao mundo. A mão esquerda de Cléofas indica, porém, o caminho que os discípulos devem seguir para levar a todos a Boa Nova do Evangelho. Há também a estrela branca em sinal de evangelização que guia os passos e os orienta para o futuro como uma luz permanente. Devemos observar também o movimento dos pés que expressam o estar a caminho e de ser enviados aos lugares onde é necessário levar o anúncio do Cristo Ressuscitado. Toda a cena da gravura nos faz recordar a grande mensagem do Domingo da Palavra de Deus, que não pode encontrar os discípulos cansados ou ociosos, mas sim dinâmicos na busca sempre de novas linguagens, permitindo que as Sagradas Escrituras sejam uma regra viva na vida da Igreja e na vida dos cristãos.

## Oração pela canonização do Padre Henri Caffarel

Deus nosso Pai, pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar d'Ele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um, conforme a Palavra de Jesus dirigida a todos: "Vem e segue-me".

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do Sacramento do Matrimônio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por Vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir Vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito.

Deus nosso Pai, invocamos o Padre Caffarel para [especificar a graça a pedir]. **Amém.**

*Oração aprovada por Dom André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris.*

*"Nihil obstat": 4 de janeiro de 2006; "Imprimatur":  
5 de janeiro de 2006*

*No caso de obtenção de graças com a intercessão do Padre Caffarel entrar em contato com o casal representante da "Associação dos Amigos do Padre Caffarel" no Brasil pelo e-mail: [pe.caffarel@ens.org.br](mailto:pe.caffarel@ens.org.br)*

# Créditos de imagens e fontes consultadas

## P. 20/21

Fonte: <https://abtei-kornelimuenster.de/spirituelles/bilder-brooks-gerloff.html>  
imagem: <https://www.wycliffe.net/pt-br/um-lugar-seguro-para-compartilhar-a-jornada/>

## P. 36/37

Fonte: <https://rehs.com/eng/bio/eugene-alexis-girardet/>  
Imagem: <https://www.google.com.br/search?q=Eug%C3%A8ne+Alexis+Girardet>

## P. 52/53

Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/John\\_Linnell\\_\(painter\)](https://en.wikipedia.org/wiki/John_Linnell_(painter))  
Imagem: <https://www.meisterdrucke.pt/impresoes-artisticas-sofisticadas>

## P. 66/67

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/James\\_Tissot](https://pt.wikipedia.org/wiki/James_Tissot)  
Imagem: <https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/13524>

## P. 82/83

Fonte: [https://www.mormonwiki.com/Greg\\_Olsen:\\_Mormon\\_Artist](https://www.mormonwiki.com/Greg_Olsen:_Mormon_Artist)  
Imagem: <https://www.churchofjesuschrist.org/>

## P. 100/101

Fonte: <http://www.metmuseum.org/art/collection/search/471970>  
Imagem: <https://tulacampos.blogspot.com/2012/04/oitava-de-pascoa-discipulos-de-emaus>

## P. 118/119

Fonte: <https://joserosarioart.blogspot.com/2014/12/carl-bloch>  
Imagem: <https://sol2611.wordpress.com/2014/04/24/fica-conosco-senhor/>

## P. 132/133

Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Monreale-bjs-4.jpg>  
Imagem: <https://marina-golubina.livejournal.com/19223.html>

## P. 152-156

Fonte: <https://www.religionenlibertad.com/personajes/996413837/iconos-marie-paul-revelacion-vida-arte-sagrado.html>  
Imagem: <https://iglesiaactualidad.wordpress.com/2020/01/22/primer-domingo-de-la-palabra-de-dios/>









***“Nas Equipes de Nossa Senhora,  
somos companheiros de viagem,  
peregrinos no caminho da fé e do  
amor, procurando reconhecer a  
presença do Cristo Ressuscitado nas  
nossas vidas e nas nossas relações.”***



Equipes de Nossa Senhora

Secretariado Nacional

Av. Paulista, 352  
3º andar · cj. 36  
013310-905 · São Paulo · SP  
Tel. (11) 3256.1212  
(11) 3257 3599  
secretariado@ens.org.br  
www.ens.org.br

Secretariado Internacional

49, rue de la Glacière · 7º andar  
75013 · Paris · França  
Tel. (33) (1) 43 31 96 21  
(33) (1) 45 35 47 12

end-internacional@wanadoo.fr  
www.equipes-notre-dame.com